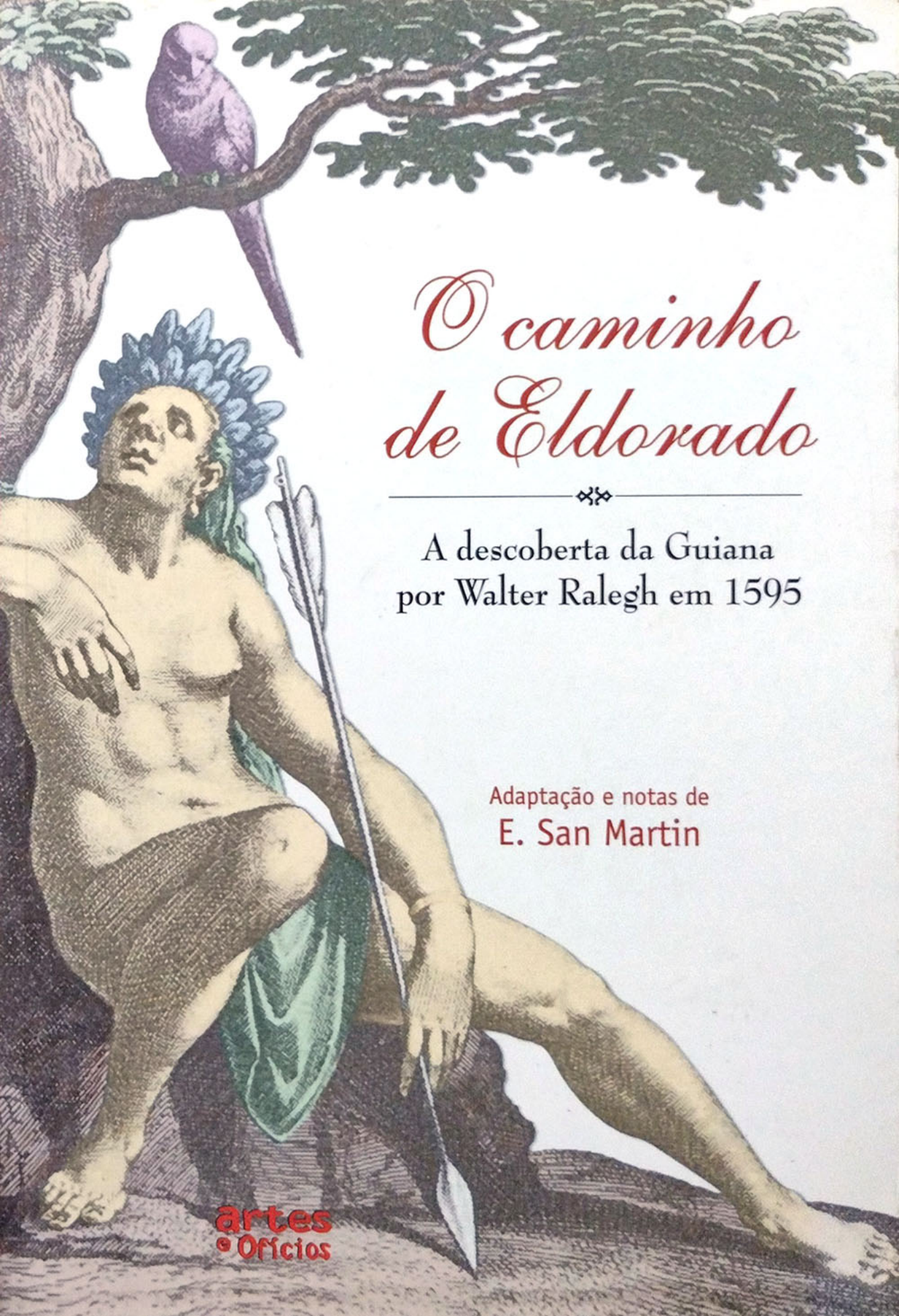




O caminho de Eldorado

— ❖ —
A descoberta da Guiana
por Walter Raleigh em 1595

Adaptação e notas de
E. San Martin



Em 1596 foi publicado na Inglaterra um relato surpreendente sobre um lugar remoto e cujas riquezas não satisfaziam a avidez da corte. Para a Rainha Elizabeth I e seus conselheiros, a aventura inóspita do pirata e aventureiro Walter Raleigh não passava de uma jogada autopromocional. Para o público leitor, foram necessárias duas edições no mesmo ano e – absolutamente assombroso naqueles tempos – um milhão de cópias. Era, de fato, mais que admirável a ousadia de Raleigh, enfiando-se durante um mês na selva amazônica, apenas com barcas e botes a remo. Poeta, historiador, soldado, pirata, explorador, parlamentar, cortesão, agricultor, preso político, herói nacional e inimigo público, o autor deste relato é uma das figuras mais controvertidas da Renascença inglesa no reinado de Elizabeth I.

E. San Martín, que brilhantemente adaptara já, em *A viagem do pirata*, as observações de Sir Richard Hawkings, o “mais ameno



e civilizado” pirata inglês, provou naquele livro e no anterior, *Terra à vista*, que o mar, a aventura, o documento e a História tratados como reportagem e romance são águas tão furiosas quanto familiares. Agora, em *O caminho de Eldorado*, San Martín refaz, estilisticamente, o trabalho metuculoso e revelador de Raleigh – um homem para o qual a aventura começa no mar e ali não termina. Continua no papel, à disposição dos leitores.

E. San Martín é jornalista e tradutor. Reside atualmente em Nova York e já foi correspondente de diversos jornais brasileiros em NY e Londres. É autor de, entre outros, *Terra à vista – Histórias de naufragos...*, Prêmio Açorianos de contos 1999, e *A viagem do pirata Richard Hawkings (1590-1594) – História autêntica da Era dos Descobrimentos*.

O caminho de Eldorado

O caminho de Eldorado

A descoberta da Guiana
por Walter Raleigh em 1595

ADAPTAÇÃO E NOTAS DE
E. SAN MARTIN

artes
e Ofícios

Porto Alegre, 2002

© E. San Martin

Editor Paulo Bentancur
Projeto gráfico Alexandre Ribeiro
Revisão Renato Deitos

R163c Raleigh, Walter

O caminho de Eldorado / Walter Raleigh; adaptação e notas de
E. San Martin. – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

224 p.: il. ; 16 x 23 cm.

1. Literatura inglesa – narrativa de viagem. 2. Guiana – aventura.
I. San Martin, E. II. Título.

CDU 820-992

CIP – Catalogação na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

Reservados todos os direitos de publicação pela
ARTES E OFÍCIOS EDITORA LTDA
Rua Henrique Dias 201
90035-100 PORTO ALEGRE RS
☎(51) 33110832
arteseoficios@arteseoficios.com.br

ISBN 85-7421-075-7
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

ÍNDICE

7

Walter Raleigh, a descoberta da Guiana e o mito de Eldorado

21

A descoberta do grande, rico e belo Império da Guiana

223

Nota sobre as Ilustrações



WALTER RALEGH,
A DESCOBERTA DA GUIANA
E O MITO DE ELDORADO



The Discoverie of the Large, Rich and Bewtiful Empyre of Guiana foi publicado num calhamaço de 101 folhas, em 1596, pelo editor Robert Robinson, de Londres. No mesmo ano, teve uma segunda edição, com o acréscimo de onze páginas, contendo “Cartas interceptadas no mar por capitães” com referências às maravilhas da Guiana. Além de diversas reimpressões (algumas piratas) em 1597 e anos seguintes, o texto foi simultaneamente traduzido para o francês, holandês e italiano, tornando-se o primeiro *best-seller* internacional da cultura européia.

Ao longo da História, a obra também se estabeleceu como um clássico, ou “O” clássico, da “narrativa de aventura” em língua inglesa. Intercalando o relato da viagem com comentários pessoais, descrições de coisas raras, recapitulação do passado através de citações de clássicos, especulações, equívocos e exageros, Raleigh criou uma estrutura de reconstituição de fatos, que se tornou a “forma-padrão” de um subgênero de literatura popular – o *travel book*, que começa com os relatos de navegadores e exploradores da Era dos Descobrimentos, passa pelas recriações ficcionais do século XVIII (como *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe) e do século XIX (*A Ilha do Tesouro*, de R. L. Stevenson), até chegar na chamada “literatura de viagem” contemporânea.

Walter Raleigh ficou indiferente à sua consagração literária, preferindo o campo de batalha à luta com palavras. Em junho de 1596, um ano



depois de retornar da Guiana, já estava em alto-mar, como vice-almirante de uma esquadra de 96 navios ingleses que saqueou e destruiu o porto espanhol de Cadiz. Nesta campanha, ele foi o grande comandante da manobra militar que deixou a cidade em chamas. No ano seguinte, repetiu a façanha nos Açores.

O sucesso e a importância do livro de pouco serviram aos propósitos do autor. Originalmente, *The Discoverie...* foi escrito como um informe aos investidores e financistas de sua viagem à América do Sul. Ao registrar com competência antropológica o que viu e narrar com maestria estilística o que lhe disseram ou imaginou, Raleigh explorou a dramaticidade dos perigos da jornada, mas também traçou um plano geopolítico para a conquista da região, na esperança de convencer os credores de que a expectativa de lucro oferecida pelas riquezas da Guiana tornava irrelevante o fato dele não ter retornado com ouro suficiente para cobrir os custos do empreendimento.

Raleigh ainda queria despertar interesse de mercadores, financistas e membros da corte na formação de uma grande esquadra para outra viagem semelhante, convencido de que, com a cooperação dos nativos, os ingleses expulsariam os espanhóis da Guiana. A sua proposta, entretanto, não convenceu círculos financeiros, nem foi bem recebida por oficiais da Marinha Real.

Mesmo sabendo do menosprezo da aristocracia elizabetana por membros da corte que se vangloriassem de suas façanhas em público, Walter Raleigh decidiu publicar comercialmente uma versão revisada daquele informe original. Assim, tentaria subverter as convenções da Inglaterra, influenciando na decisão final da rainha, pela conquista da opinião pública para seu projeto colonialista.

Elizabeth I e a maioria dos seus conselheiros não mudaram de idéia. A Guiana parecia demasiadamente distante e inóspita. Con-



quistá-la militarmente seria muito oneroso e de retorno incerto. Os governantes ingleses também duvidavam das vantagens de uma expansão territorial ultramarina. Consideravam mais prático e efetivo controlar os mares, pilhando ou taxando os portos e navios de países inimigos.

O plano de Raleigh antevia a necessidade de complementar a pirataria pela sua expansão em terra firme. Era um sonho antigo e ambicioso. Ele, porém, já fora levado à bancarrota dez anos antes, tentando criar uma base inglesa no que hoje é o estado de Virgínia, nos Estados Unidos. O nome foi dado por Raleigh em homenagem à rainha solteira da Inglaterra.

A rainha não deu a menor importância a *The Discoverie...* Tratou o texto pela intenção do autor e não pela sua realização: um panfleto ou panegírico promocional de uma aventura. Fora da corte, os ingleses compraram mais de um milhão de cópias do calhamaço. O público admirou a coragem e a ousadia de Walter Raleigh, metendo-se na selva amazônica durante um mês, apenas com barcas e botes a remo.

O inglês comum também se solidarizou com os princípios patrióticos do autor, colocando os interesses nacionais acima dos pessoais, ainda que Raleigh estivesse, disfarçadamente, apenas justificando o fracasso financeiro da viagem. A maioria dos leitores, por sua vez, tratou partes do relato – as guerreiras amazonas, os índios sem cabeça, as ostras no alto das árvores – como produtos da imaginação do poeta, exageros descabidos, como a abundância de ouro vista por Raleigh a olho nu nas montanhas da Guiana.

The Discoverie... não gerou o apoio necessário para uma nova investida imediata sobre a região, mas deixou luzindo no imaginário ocidental o mito da riqueza incalculável prometida a quem encontrar o caminho de Eldorado. A primeira vítima deste mito foi o próprio



Walter Raleigh, que alimentaria a sua obsessão por 21 anos, até fazer uma segunda e desastrosa viagem, em 1616.

Nesta volta à Guiana, perdeu o filho mais velho num assalto desesperado a uma cidade espanhola. Perdeu seu homem de confiança e parceiro de toda vida, Lawrence Keymis, que se suicidou no seu barco, depois de assumir a responsabilidade pelo fracasso da expedição. Ainda perdeu o que lhe restava de saúde, aos 64 anos, passando a maior parte do tempo febril em alto-mar, sem pôr os pés na Guiana.

Em 1617, Raleigh mais uma vez retornou à Inglaterra sem o ouro da Guiana e terminou perdendo a vida no cadafalso em 1618. O mito de Eldorado, entretanto, continuou vivo na imaginação popular. Boa parte das riquezas prenunciadas ou intuídas pelo explorador inglês, por um lado, revelaram-se verdadeiras. A região da Guiana tem bauxita, petróleo e certamente reservas consideráveis de ouro.

Na realidade, porém, este mito parece conduzir ao contrário do que promete. Assim como Walter Raleigh, quase todo aquele que se aventura pelo caminho de Eldorado, mesmo que encontre ouro, termina encontrando também a sua ruína pessoal. Veja-se a miséria dos mineiros de Serra Pelada, ou o drama dos povos nativos da região, que há quinhentos anos são gradativamente expulsos de suas terras, por garimpeiros e grandes companhias mineradoras.

Esta tragédia social que se alastra pelos arredores do caminho de Eldorado mantém o mito vivo, não mais como lenda, mas como fenômeno sociológico dos mais dramáticos, sendo intensamente debatido por acadêmicos e intelectuais. Entre os estudos polêmicos mais recentes, destacam-se a revisão histórica da conquista da Guiana por V. S. Naipaul em *The Loss of Eldorado – A perda de Eldorado* – e o controvertido livro do francês Patrick



Tierny, *As trevas de Eldorado (Como cientistas e jornalistas devastaram a Amazônia)*.

Além da criação do mito de Eldorado, o texto de Raleigh ainda se diferencia pela importância na formação ideológica e implantação da geopolítica européia após a Era dos Descobrimentos. Ou seja, o relato delineia uma estratégia para o controle territorial do Novo Mundo.

Em vez de dominar pela força e construir a sua civilização com o trabalho escravo dos nativos, impondo a sua cultura e religião, como faziam os espanhóis, portugueses e holandeses, *The Discoverie...* sugere que a Inglaterra se alie aos povos indígenas contra o inimigo comum, os outros europeus em geral e os espanhóis em particular. Em vez de condenar e suprimir os hábitos e costumes das tribos em nome do cristianismo, os ingleses ofereceriam proteção militar aos índios, justamente contra tentativas neste sentido por invasores cristãos.

Em troca, as tribos da “comunidade de nações” da Guiana pagariam à coroa britânica uma taxa anual equivalente a um quinto da sua produção em ouro. Os mercadores do Reino Unido também teriam exclusividade para a compra e venda de produtos da região. Com esta estratégia, Walter Raleigh antecipou em duzentos anos o método básico do colonialismo econômico.

WALTER RALEGH (1552-1618)

(POETA, SOLDADO, POLÍTICO,

PIRATA, AGRICULTOR E CORTESÃO)

Walter Raleigh (ou Raleigh) foi a figura mais controversa, complexa e emblemática dos “grandes homens” da Renascença no rei-



nado de Elizabeth I (1558-1603) da Inglaterra. Ele foi de tudo um pouco, mas sempre sobressaiu-se dos demais em tudo que foi: poeta, historiador, soldado, pirata, explorador, parlamentar, cortesão, agricultor, preso político, herói nacional e inimigo público.

Foi poeta que não assinou nem preservou a própria obra. Os manuscritos e fragmentos conhecidos, entretanto, situam-no entre os grandes poetas elizabetanos, com lirismo para muitos à altura de seu contemporâneo William Shakespeare.

Foi soldado de infantaria em defesa da causa luterana, destacando-se como comandante ousado e vitorioso. Em 1569, combateu os cruzados católicos na França, ao lado de protestantes (os huguenotes) liderados pelo conde de Mongomerie. Em 1580, na Irlanda, consolidou a dominação anglicana com a chacina de seiscentos soldados espanhóis e italianos enviados pelo Vaticano para proteger os católicos.

Explorador e aventureiro, fez relativamente poucas viagens de longa duração, mas foi o pioneiro nas tentativas de expansão territorial do Reino Unido no Novo Mundo. Em 1578, com seu meio-irmão Humphrey Gilbert, lançou-se na sua primeira viagem de descoberta, mas terminou atacando barcos espanhóis na zona do Caribe. Em 1583, organizou uma expedição para descoberta de uma passagem norte para o Pacífico. Foi forçado pela rainha Elizabeth I a voltar, já em alto-mar. A viagem foi desastrosa, terminando com a morte de Humphrey Gilbert.

Raleigh faria mais três viagens de descoberta. Em 1585, montou a grande expedição de descoberta da Virgínia, criando a primeira colônia inglesa na costa atlântica da América do Norte (que não sobreviveu uma década). Em 1595, faria sua primeira viagem à Guiana, retornando à região em 1616.

Como navegador, foi, sobretudo, um dos modernizadores da marinha britânica, tanto nos seus métodos e procedimentos de tra-



balho como nas táticas de combate naval ou no desenho e construção de navios. Financiou a construção de vários *men-of-war*, o mais famoso e requintado sendo *Arke Raleigh*. Rebatizado *Arke Royal*, foi o navio almirante na vitória naval de 1588, contra a tentativa de invasão da Inglaterra pela Armada Espanhola.

Também foi pirata em grande escala. Poucas vezes comandou navios ou esquadras, mas passou décadas financiando “companhias” de navegação especializadas em saquear embarcações desprotegidas de países inimigos. Calcula-se que chegou a manter quarenta navios de piratas sob contrato.

Raleigh desenvolveu um tipo embrionário de sindicato ou pirataria organizada. Ao tentar estabelecer uma base territorial na Virgínia, seu interesse colonial tinha uma função estratégica: criar um porto de abastecimento e assistência aos piratas ingleses que atuavam no Caribe e costa leste da América do Norte.

Esta atividade altamente lucrativa também foi instrumental para consolidar a supremacia naval da Inglaterra. Ao contrário da maioria dos piratas, que só se interessavam por ouro, Raleigh reconheceu outras possibilidades de exploração do Novo Mundo. Introduziu na Europa a batata e o tabaco, cultivando grandes plantações nas suas terras na Irlanda.

Walter Raleigh ainda foi um raro *commoner*, filho de agricultor sem título de nobreza, a vencer as barreiras sociais do rígido sistema de classes da aristocracia britânica. Conquistou a afeição e o favoritismo de Elizabeth I, como um dos seus “amores platônicos”. Ganhou um título de lorde e o influente posto de chefe da Guarda Pessoal da rainha. Entrou para o Parlamento, tornando-se maquiavélica “eminência parda” da coroa.

Por ser a personalidade mais notória do círculo de protegidos da rainha, Raleigh terminou o homem mais odiado da Inglaterra.



Na boca do povo, passou a ser “o grande Lúficer” e identificado com o regime de austeridade econômica, imposto pelo governo para compensar os gastos no esforço de guerra. Ele não demoraria, entretanto, a inverter seu papel.

Raleigh caiu em desgraça na corte ao se casar com uma dama de companhia da rainha, sem a sua autorização. Foi destituído de suas funções palacianas e confinado na Torre de Londres. Ao ser tão severamente punido pela coroa, passou de vilão a herói. Da noite para o dia, tornou-se a personalidade mais popular do reino.

Ao reconquistar a liberdade, retirou-se da vida pública, recolhendo-se para as suas terras em Devon. Dedicou-se à agricultura, à química e à astronomia. Passou a confraternizar com “boêmios, anátemas e iconoclastas” como os poetas Edmund Spencer e Matthew Arnold, com quem formou uma confraria de livre-pensadores. Foi denunciado e processado por ateísmo, mas provou a sua inocência.

Para recuperar seu antigo *status* e notoriedade, Raleigh resolveu aventurar-se na sua primeira viagem à Guiana. Embarcou convencido de que encontraria o caminho de Eldorado. Caso contrário, assaltaria navios espanhóis na volta para a Inglaterra, até reunir ouro suficiente para recompor suas finanças e, com uma generosa doação à coroa, reconquistar as graças da rainha.

Não alcançou nenhum dos seus objetivos, mas foi salvo pelo sucesso financeiro de atos de pirataria das suas “companhias” de navegação. O caso mais famoso foi a captura do *Madre de Dios*, um navio que trazia o carregamento anual de ouro do México para a Espanha.

Aos poucos, foi sendo perdoado pela rainha, retornando à corte e ao centro do poder. Sem a proeminência de seus anos de glória, Raleigh passou a atuar na diplomacia e política internacional. Ter-



minou envolvido na rede de intrigas que corrompia os últimos anos do reino de Elizabeth I. Foi injustamente acusado de traição e condenado à morte por decapitação em praça pública. A indignação popular diante da farsa que foi seu julgamento levou ao adiamento da execução.

Em junho de 1603, Raleigh voltou para a Torre de Londres, onde permaneceria encarcerado nos próximos treze anos, até março de 1616. Neste período de confinamento, escreveu alguma poesia e o primeiro e único volume da sua *História do Mundo* (tem mais de mil páginas e pára no início do Império Romano). Seus experimentos com a química o levaram a criar o “Elixir da Guiana”, um preparado a base de quinino e álcool, com supostos efeitos benéficos no controle dos febrões tropicais.

A ascensão do escocês James I ao trono da Inglaterra em 1603 decretou o fim das esperanças de Raleigh recuperar a liberdade, quanto mais voltar à vida pública. A antipatia do rei começava em nível pessoal. O monarca era antitabagista inveterado, tendo inclusive escrito um tratado sobre os malefícios do fumo. Assim, não tolerava o sempre presente cachimbo do velho cortesão.

Mais do que isso, o rei tinha interesse num acordo de paz entre Inglaterra e Espanha. Para isto, era preciso proibir a até então oficialmente incentivada pirataria inglesa contra os navios de Portugal e Espanha. Para a coroa espanhola, Raleigh era o principal responsável pelas “companhias” especializadas em roubar seus navios. Popularmente, entre os espanhóis, ele também era o pirata inglês mais famoso e odiado. Sua audácia chegara a ponto de invadir a Guiana à procura do caminho de Eldorado, tentando se aliar aos índios para inviabilizar qualquer ambição territorial dos espanhóis na região.

Depois de mais de uma década de ostracismo e confinamento, Walter Raleigh tentaria mais uma vez reverter a adversidade a



seu favor, com um último ato de ousadia teatral. Negociou a saída da Torre de Londres para liderar uma segunda expedição à Guiana, financiada com seus próprios recursos. Se descobrisse o caminho de Eldorado e voltasse com muito ouro, teria sua pena comutada.

O rei James I, apesar do risco da viagem criar nova fonte de atrito com os espanhóis, aceitou a proposta, pois precisava muito de recursos para compensar a perda de receita fiscal decorrente da proibição do *privateering*, a antiga pirataria oficial. Pelo acordo, Raleigh só reconquistaria a liberdade se retornasse à Inglaterra com quantidades significativas de ouro. Caso contrário, teria a sua pena executada.

A segunda viagem de Raleigh à Guiana foi um fracasso em todos os sentidos. Partiu em 1616 e voltou em 1617, sem ouro, sem saúde, sem prestígio, pobre e endividado, indo direto para o cárcere na Torre de Londres, de onde só sairia para ser decapitado no ano seguinte.

Ao proferir a sua sentença de morte, o juiz sintetizou a turbulenta vida e obra de Walter Raleigh nos seguintes termos: “Você ascendeu rapidamente, tornando-se uma grande estrela numa constelação estável há muitos e muitos anos. No momento em que esta nova estrela passa a perturbar o equilíbrio de outros astros do sistema, ela tem que cair tão depressa quanto subiu”.

Walter Raleigh subiu no patíbulo das docas de Londres no dia 29 de outubro de 1618. No caminho, foi entusiasmamente aplaudido pela multidão que o esperava. O carrasco levantou o machado e parou, hesitando por um instante. Raleigh não perdeu tempo. Encarando a morte com a mesma coragem e petulância que orientaram a sua vida, comentou: “Vamos lá, homem! Se não tenho medo do machado, para que tremer diante da sua sombra?”



SOBRE O TEXTO

Esta adaptação é fiel aos fatos e à sucessão de acontecimentos do original. Foram suprimidas apenas a dedicatória ao Lorde Almirante e a nota do editor, assim como os anexos de cartas extranarrativas incluídas na segunda edição de *The Discoverie of the Large, Rich and Bewtiful Empire of Guiana*. Além de repetitivas, essas passagens contêm diversas referências tópicas e circunstanciais com a provável interferência de revisores e copistas.

As alterações concentraram-se em modernizar o texto, repontuando e reorganizando parágrafos, remontando passagens deslocadas, corrigindo pequenos erros de longitude, padronizando e atualizando nomes próprios, etc. As alterações são essencialmente variações na escolha de palavras ou “modo de dizer”, com o objetivo de capturar, em português, o elemento estilístico mais marcante da escrita de Walter Raleigh, que fatalmente se perderia numa versão literal: a musicalidade do fraseado do poeta de *Ocean to Cynthia*.

E. San Martin



A DESCOBERTA DO GRANDE, RICO E BELO IMPÉRIO DA GUIANA



Relato do poeta e pirata inglês Walter Raleigh sobre a sua viagem à América do Sul, em 1595, para exploração e conquista da região ao norte do rio Amazonas, a Guiana. Inclui levantamento e descrição da grandiosa Manoa, a cidade de ouro dos incas, que os espanhóis chamam de Eldorado, mais as províncias de Emeria, Aromaia, Amapaia e outras, com suas terras, montes, portos e principais rios adjacentes.



Saímos da Inglaterra na quinta-feira, dia 6 de fevereiro de 1595. No domingo, estávamos diante do Cabo Norte, na costa da Espanha. O vento continuou próspero a maior parte do percurso. Passamos ao longe do pronunciado Cabo Roca de Portugal e seguimos para as Canárias. No dia 17, demos com a ilha de Fuerte Ventura pela frente. Ficamos dois ou três dias por ali, repousando e recompondo o corpo com carne fresca.

Costeamos a Grand Canária e a ilha de Tenerife várias vezes, na esperança de encontrar o capitão Amys Preston e a tripulação do *Lyon's Whelp*, o "Filhote de Leão", um pequeno galeão cedido à nossa companhia por Sua Majestade, a rainha Elizabeth. O barco nos acompanhou de perto desde Plymouth, velejando bem, sem pedir ajuda ou apresentar qualquer problema aparente. Sumiu na altura do mar da Espanha, durante a noite, sem que nenhum de nós se desse conta.

Rodamos as ilhas de volta, mas nada de Preston, de seus homens ou do navio da Marinha Real, no ponto combinado para reunião da companhia, caso um navio se desgarrasse dos outros. Ao final do sétimo ou oitavo dia sem sinal de vida do galeão, resolvemos aproveitar o bom tempo e partir sozinhos.

Sem enfrentar a enfadonha perda de tempo das calmarias, um vento bom fez os barcos deslizarem sobre as águas até as Índias Ocidentais, atravessando o Atlântico quase em linha reta. Chega-

mos a Trinidad no dia 22 de março, cerca de seis semanas depois da partida em Plymouth. Viemos sem dificuldades, mesmo viajando com apenas dois navios, o meu e outro bem menor, comandado pelo capitão Cross.

Ancoramos num lugar que os nativos chamam de Curupian e os espanhóis de “Punto Gallo”. Fica a mais ou menos oito graus de latitude, se meus navegadores não estiverem errando por dois graus ao sul. Desembarcamos, passando quatro ou cinco dias em terra firme, sem encontrar um único índio ou mesmo um espanhol para conversar. À noite, entre os “puntos” Carao e Curupian, víamos uma fogueira ao longe. Deviam ser índios, mas não se arriscavam a vir falar conosco por medo dos espanhóis. Determinado a conhecer melhor a ilha, deixei os navios em mar aberto e contornei a costa de Trinidad numa barça. Entrei e observei de perto toda cova ou enseada que me pareceu habitada, sem encontrar viva alma.

De Curupian seguimos a nordeste, até “Puerto de los Hispanioles”, que os nativos chamam de Conquerabia. Ali, preparei a barça e voltei a me afastar dos navios. Continuamos buscando moradores pelas praias, mas ninguém se dispôs a conversar conosco. Aproveitamos o tempo estudando o leito dos rios, as fontes de água doce e ancoradouros naturais da ilha. Mesmo sendo grosseiras e apressadas — feitas em poucos dias — tinha urgência em enviar estas anotações ao Lorde Almirante, na Inglaterra, para que os oficiais da Marinha Real tomassem conhecimento de antemão e o quanto antes dos seus detalhes.

Ao nos afastarmos de Curupian, passamos por um bom porto, com algumas habitações construídas pelos próprios índios, a mando dos espanhóis. Chamam o lugar de Parico. Tem um rio de água fresca muito saborosa, mas também não vimos ninguém. Pa-



recia abandonado ou em desuso temporário. Fui remando até outro ancoradouro, conhecido pelos nativos como Porto Piche e dito “Tierra de Brea” pelos espanhóis. Entre os dois, cruzei por vários riachos de água doce e um rio muito salgado.

Nas margens deste rio, vimos árvores cobertas de ostras penduradas nos galhos feito frutos. Estas ostras são tão boas de comer quanto qualquer outra criada no fundo do mar. Por mais incrível que pareça, as ostras, naquela região, multiplicam-se tanto encrustadas embaixo d’água, quanto ao ar livre nas ramagens dos arbustos ribeirinhos. Paisagens como aquela, de árvores com ostras em cachos, podem não ser muito comuns aos nossos olhos, mas nem por isso são exclusivas das Índias Ocidentais.

Estes frutos-do-mar nascidos em árvores à beira de rios salobros foram minuciosamente descritos pelo francês André Thevet no tratado *Antartique*. Ali, porém, os arbustos com ostras aparecem desenhados de modo muito estranho e irreconhecível. Plínio também menciona árvores semelhantes no Livro XII da sua História Natural. Pelas bordas da ilha de Trinidad, assim como ao longo da costa da Guiana, encontra-se grande quantidade desta curiosa vegetação.

No Porto Piche ou “Tierra de Brea”, há tanta pedra-piche que todos os navios da Europa saíam de lá abarrotados, sem que se esgotassem as suas reservas. O piche também é do bom. Feito com uma resina de terebintina altamente aderente e pegajosa. Testamos o piche na manutenção e conserto dos nossos barcos, obtendo excelentes resultados. Não derrete no sol forte, como acontece com o piche da Noruega. Isso o torna material dos mais valiosos para calafetação de navios que transitem e trafiquem pelos portos da metade sul do mundo conhecido, que é muito mais quente.

Do porto de piche, fomos para o lado do monte Annaperima. No caminho, vimos o rio Caroni e um povoado que os espanhóis ergueram às suas margens. Seguindo a linha da praia, contornamos Trinidad até Conquerabia ou “Puerto de los Hispanioles”, onde os nossos navios estavam nos esperando.

Trinidad é um pequeno pedaço de terra com feitiço de cabo de cajado de pastor de ovelhas ou guardador de rebanhos. O norte é muito montanhoso. O solo é excelente para o plantio de cana-de-açúcar, gengibre e outras iguarias das Índias.

A ilha tem grandes reservas de coisas e bichos alimentícios: veados silvestres, porcos selvagens, frutas, aves e peixes. Fazem pão de milho e de mandioca, além de raízes assadas e legumes nativos, abundantes onde quer que se pise. Em Trinidad, também encontramos algumas bestas de carga muito diferentes. São os burros. Mulas nanicas com balaies nas costas que sobem as montanhas tão lentamente que mais parecem parar do que ir em frente.

Os espanhóis já recolheram montantes consideráveis de grãos de ouro no leito de alguns rios da ilha. A riqueza das redondezas, porém, é tanta, que não se preocuparam em procurar mais. Todos tinham os olhos fixos nos tesouros da Guiana, o “grande armazém” de todos os metais preciosos.

Os índios chamam Trinidad de Cairi. É habitada por diversas tribos diferentes, que a consideram seu território. Em Parico, vivem os jaios. Em “Punto Carao”, predominam os arauacas ou aruacas. Entre Curupian e Carao, concentram-se os salvaies; de Carao a “Punto Galera”, uma nação de nepoios. Os únicos selvagens que convivem em paz com os espanhóis, aceitando trabalhar para eles nos povoados, são os carinepagotos. Deixo de mencionar aqui muitas outras tribos que identifiquei, por não serem relevantes à



nossa viagem. O mesmo motivo me leva a excluir rios e portos que encontrei ao percorrer três quartos da costa da ilha de barçaça.

Ao voltarmos para os navios, na entrada do “Puerto de los Hispanioles”, vimos um pelotão montando guarda na área de embarque e desembarque. Lá do cais, os soldados nos fizeram um sinal de paz, abanando uma bandeira branca amarrada na ponta de um mosquetão. Designei o capitão Jacob Whiddon, o mais honesto e valente dos meus homens, para ir falar com eles. Whiddon já estivera ali no ano anterior. O capitão voltaria a Trinidad mais uma vez, ao retornarmos da Guiana, só que para ser enterrado.

Neste primeiro encontro, os espanhóis pareceram ansiosos para comerciar conosco. Ofereceram logo um pacto de não-agressão, evidentemente, movidos mais pelo reconhecimento da nossa superioridade de homens e armas do que por interesse sincero e genuíno de aproximação. Jurando suas boas intenções, alguns galegos insistiram para vir a bordo do meu navio, depois do pôr-do-sol, para não chamarem atenção indesejada.

Na mesma noite, também fomos surpreendidos pela chegada silenciosa de uma pequena canoa com dois índios. Um deles era cacique dos cantyman, uma tribo que se tornara amiga do capitão Whiddon na sua primeira passagem por ali, em 1594. Conversando com este cacique, conseguimos avaliar o poder de fogo e capacidade de resistência dos espanhóis na região.

Localizamos seus principais portos e cidades, estabelecendo onde se encontravam os maiores contingentes militares, a distância que os separava e o tempo que levariam para se deslocar de um povoado a outro. Ainda identificamos os lugares onde poderia se encontrar o governador de Trinidad, Dom Antônio de Berrio. Corriam rumores de que ele teria morrido durante a sua segunda tentativa de conquista da Guiana, mas o cacique cantyman nos ga-

rantiu que isto não era verdade. Berrio teria apenas se escondido em função da nossa chegada.

Em “Puerto de los Hispanioles”, diariamente recebíamos a visita de comerciantes locais. Vinham interessados em comprar vinho e outras coisas difíceis de se conseguir nas Índias. Muitos, porém, vinham apenas bisbilhotar nosso navio e seu poderio, pois pouco tinham para traficar. A todos, recebi e entreti com cordialidade. Os mais importantes, tratei de acordo com nossos costumes navais, oferecendo comes e bebes de cortesia. Desta maneira, conquistei a confiança de alguns e, prestando atenção no que diziam, aprendi tudo que pude ou tudo o que sabiam sobre a Guiana.

Os soldados e os sentinelas do porto tinham muitos ressentimentos das condições em que viviam. Havia bastante tempo, por exemplo, não provavam um bom vinho europeu. Bastava tomarem uns goles a mais para soltarem a língua, descrevendo as maravilhas da Guiana. Além de ter muito ouro, a terra era fértil, a comida abundante e as mulheres eram lindas e cordatas. Indicaram no mapa as passagens e canais mais conhecidos e utilizados pelos espanhóis, sem se darem conta de que o propósito da minha viagem era entrar na Guiana para fazer uma descoberta territorial em nome da rainha da Inglaterra.

Para evitar qualquer desconfiança neste sentido, convenci-os de que estava apressado para seguir exatamente no sentido oposto, subindo ao norte. Expliquei que vinha apenas resgatar uns ingleses que passavam dificuldades na Virgínia. Fora a extrema violência de um temporal que arrastara os barcos ao sul, trazendo minha companhia para tão longe do seu destino.

Enquanto a maioria dos mestres e oficiais insistia para entrarmos logo na Guiana, a fim de aproveitar o final do verão, quando os rios ficam mais tranquilos, eu tinha duas boas razões para me



demorar um pouco mais em Trinidad. Uma era continuar trocando umas palavrinhas com os espanhóis conhecedores da região. Nestas conversas despretensiosas, aprendia muito sobre o curso e a navegabilidade dos rios.

Os visitantes ainda me inteiraram dos pormenores que levaram ao fracasso as expedições de Antônio de Berrio e outros que saíram em busca do caminho de Eldorado. Discutimos longamente sobre os erros, métodos e meios inapropriados que impediram tantos aventureiros de chegar às minas de ouro do último império inca fora do alcance dos espanhóis na porção sul do continente americano.

Pelos testemunhos recolhidos, todas as tentativas de invasão da Guiana não conseguiram penetrar no território devido à resistência e hostilidade dos índios. Estas expedições, além de não encontrarem o caminho de Eldorado, invariavelmente terminaram em grandes tragédias.

Até a nossa viagem de descoberta, o único general a sair com vida de uma incursão pela Guiana fora o governador de Trinidad. Era crença geral entre meus interlocutores que este fato, somado à ambição incontável do governador, ainda levaria Antônio de Berrio a se lançar em mais uma expedição para a conquista do território em nome do rei da Espanha.

A outra razão que me detinha em Trinidad era encontrar Dom Antônio de Berrio para fazê-lo tremer e gemer, até se arrepender do ato de covardia que permitiu seus soldados cometerem contra os homens do capitão Whiddon no ano anterior. Naquela viagem de 1594, Whiddon deixou seus navios perto da costa da ilha e se afastou de escaler, à procura do *Bonaventure*, um barco que vinha das Índias Ocidentais para reforçar a sua companhia.

Na ausência do capitão, alguns marinheiros aceitaram um convite pessoal do governador para participarem de uma caçada. Trai-

çoeiro e ladino, Berrio mandou buscá-los no navio com duas canoas sem soldados. Uma trazia índios e cachorros para servirem de guias e rastreadores. A outra vinha só com remadores para levá-los até o porto. Os únicos homens armados eram os ingleses, que traziam facões, atiradeiras, mosquetões, passarinheiras e outros instrumentos de caça, como alçapões e armadilhas.

Ao desembarcarem, porém, os marinheiros foram recebidos com tiros de arcabuz. Os espanhóis armaram uma cilada, pegando todos de surpresa. Ninguém saiu dali com vida, nem índios ou cachorros. Isto, depois do próprio Berrio ter dado a sua palavra de honra ao capitão Whiddon, garantindo que a tripulação podia vir a terra firme buscar água e madeira com toda segurança.

Ainda estávamos em Trinidad, conversando com espanhóis e nativos nossos amigos, quando certo dia outro cacique veio nos ver. Ele era chefe de uma tribo descendente de aruacas que vivia na zona montanhosa da ilha. Depois das saudações de praxe, o cacique pediu para ter uma conversa particular só comigo. Precisei convencê-lo da necessidade de levarmos um intérprete para nos entendermos.

Fomos para um canto afastado da proa do navio e ele começou um discurso contínuo, que o nosso intérprete sofria para entender. Basicamente, o cacique queria me prevenir contra as artimanhas do governador de Trinidad. Disse que o general não tinha exército capaz de defender a ilha. Por isso, mandara um galeão a Margarita e outros barcos a Curuma e Cumpana em busca de reforços. Esta armada estaria em condições de partir dentro de duas semanas, levando mais uma ou duas para chegar onde estávamos.

Antes de se despedir, o cacique prometeu voltar quando descobrisse o tamanho do contingente de apoio requisitado por Berrio, assim como de seu progresso em direção a Trinidad. Também



queria me trazer de presente um cajado de proteção pessoal, preparado pelo pajé ou feiticeiro da sua tribo, com poderes sobrenaturais para impedir que tiro, facada ou flechaço atingisse meu corpo. Em retribuição, esperava ganhar de presente um dos meus punhais para guardar de lembrança.

Agradei efusivamente a atenção especial que nos dispensava e as informações que nos trouxera, mas destaquei que voltar aos nossos navios seria uma imprudência do cacique. Era do conhecimento de todos que Antônio de Berrio tinha proibido os nativos de traficar com europeus. O governador queria que todo comércio da ilha fosse feito por espanhóis, em portos espanhóis.

Índio visto em companhia de estrangeiros era punido com a pena máxima: morte pela força e esquartejamento em praça pública. Mais tarde, fiquei sabendo que dois nativos inofensivos foram executados desta maneira ao voltarem de uma visita aos nossos navios. O rigor da punição, mesmo assim, não intimidava os selvagens. Não passava noite sem recebermos a visita de vários.

Vinham em canoas carregadas de frutas exóticas, raízes alimentícias e aguardentes silvestres, que tentavam nos vender ou nos davam de presente. Das nossas coisas, interessavam-se principalmente por facões e machadinhas, que adquiriam dos marujos trocando-os por correntes e medalhões de ouro que traziam no pescoço.

Alguns daqueles índios falavam até perder o fôlego, queixando-se da crueldade dos espanhóis e apontando Antônio de Berrio como o pior de todos. Ele tinha se apossado de Trinidad, matando as tribos que se recusaram a abandonar suas aldeias e fugir, preferindo a morte à servidão. Depois, dividiu a ilha em pequenos lotes, que vendeu ou doou a seus amigos. Seus soldados ainda escravizavam nativos, saqueando e destruindo cidades e cemitérios à procura de ouro.

Para impor a sua autoridade, Berrio humilhava e maltratava os caciques que prendia, deixando-os acorrentados dia e noite em céu aberto no centro das aldeias. Os chefes indígenas mantinham a sua altivez, resistindo em silêncio, até serem derrubados pelo sol forte. Muitos aceleravam o fim, recusando-se a comer. Seus corpos terminavam escuros e ressecados, suspensos pelas correntes como se fossem toicinho defumado.

Os índios nos relataram muitas outras torturas e tormentos semelhantes, que constatei serem verdade, ao tomar um povoado que acabara de cair nas mãos de um destacamento espanhol. No centro da taba, cinco chefes ou pequenos reis de nações locais estavam acorrentados uns aos outros, quase mortos de fome, com os corpos dilacerados por escoriações e maus tratos.

O crescente contato com navegadores ingleses, franceses e holandeses levou estes “caciques” (ou “acareuanas” na língua arauaca) a também se apresentarem como “capitanes”, observando que o capitão é a autoridade máxima a bordo dos navios destes principados, enquanto nos barcos espanhóis mandavam governadores e generais. Os cinco “capitanes” indígenas que libertamos dos grilhões de escravos se chamavam Wannawanare, Carroaori, Maquarima, Tarroopanama e Aterima.

Para convencer os nativos da nossa reprovação a tais atrocidades, concluí que seria melhor me vingar pessoalmente do responsável por aquilo e pelo que aconteceu com os homens de Jacob Whiddon. Antes de seguir viagem, resolvemos tomar o Porto de Trinidad, rendendo e desarmando suas tropas. Este procedimento ainda representaria considerável segurança aos nossos navios.

Eu estava pensando em entrar na Guiana só com barcos pequenos, deixando os navios maiores no mar de Trinidad. A questão é que nos afastaríamos quatrocentas ou quinhentas milhas



das embarcações, deixando-as nas mãos dos menos experientes e audazes, já que os melhores homens viriam comigo. Isto limitaria muito a sua capacidade para resistir a qualquer agressão durante a nossa ausência, aumentando consideravelmente a possibilidade de não termos bons navios para voltar à Inglaterra no final da expedição.

A guarnição do porto ficaria o tempo todo de prontidão, esperando uma oportunidade para capturar nossos barcos. Os navios ainda ficariam expostos a outro perigo acima do nosso controle: a chegada de reforços vindos da Espanha ou do Peru. Além de dar maior segurança, um assalto ao porto principal de Trinidad nos permitiria esfolar publicamente a pele de burro de Antônio de Berrio.

Os homens se prepararam para combate. Fariamos um assalto relâmpago, agindo com rapidez para levar a vantagem do elemento surpresa. Saímos na direção do *corp de guard* do pequeno forte que protegia o cais. Fomos lentamente, de bote, como se estivéssemos recolhendo redes e espinhéis depois de um dia de pesca. Ao anoitecer, corremos para a praia.

Firmamos os ganchos das nossas cordas nas pedras da muralha e escalamos a parede traseira do forte sem fazer barulho. Chegamos na hora certa: os soldados e sentinelas estavam jantando despreocupados. Muitos nem traziam armas na cintura. Colocamos todos sob a ponta dos nossos sabres e mosquetes, com o maior cavalheirismo militar, sem alterar a voz ou derramar uma única gota de sangue. Os guardas se renderam incrédulos da nossa audácia, sem entender de onde surgíramos.

Dei ordens ao capitão Calfield para avançar por terra com sessenta homens. Eu viria atrás com outros quarenta. Ao amanhecer, tomamos uma cidade nova, que os espanhóis chamam de San José.



Bastou dar uns tiros para o alto. Os sentinelas fugiram afobados, esquecendo armas e munição. Os moradores se renderam sem uma escaramuça ou tiroteio.

Neste assalto, a surpresa foi nossa. Em San José, chegamos a tempo de descobrir o paradeiro do famigerado Antônio de Berrio. O governador se preparava para fugir de Trinidad, quando rendemos a sua guarda pessoal, que se encontrava praticamente desarmada, carregando a bagagem de Berrio e seus familiares.

Mandamos os membros da comitiva para nossos navios e ocupamos a cidade. Desarmamos os soldados, libertamos índios, escravos e moradores encarcerados por traficarem com estrangeiros. Atendendo a um pedido dos caciques e índios que nos ajudaram a prender o espanhol, botei fogo no povoado, deixando San José em chamas.

Era alta madrugada e ainda celebrávamos o sucesso da operação, quando tivemos outra alegria. Chegou o navio do capitão George Gifford. Prolongamos a celebração por mais um dia, sabendo que logo atrás vinha nosso pequeno galeão de três mastros, comandado pelo capitão Lawrence Keymis. Os dois haviam se perdido na costa da Espanha, seguindo viagem por conta própria.

Os barcos traziam o que mais precisávamos: mantimentos, braços hábeis, armas e munição. Estes reforços encheram os homens de entusiasmo, acelerando os preparativos para irmos em busca do caminho de Eldorado. Todos queriam aventura, ouro e fartura, fazendo uma descoberta perfeita de terra firme em nome da rainha da Inglaterra. Sonhavam acordados com as maravilhas da Guiana.

Antes de partir, reuni os capitães-caciques das tribos de Trinidad que se diziam inimigos dos espanhóis. Só excluí os chefes de nativos trazidos de outras partes do Caribe por Antônio de



Nativos festejam desembarque de ingleses



Walter Ralegh assalta Trinidad e prende governador espanhol



Berrio. Entre estes, encontravam-se canibais assentados na ilha para dizimarem e devorarem os índios que não aceitassem a nova ordem estabelecida pelo governo espanhol. Muitos destes caraíbas também se diziam inimigos dos espanhóis, contra quem teriam se rebelado, quando chegou a hora deles se tornarem escravos.

Falei com os índios em inglês, sendo traduzido pelo nosso intérprete, um arauaca levado para a Inglaterra em 1594 por Whiddon, que voltava agora conosco, não pouco a contragosto. Comecei fazendo com que todos ali entendessem que eu era um mero súdito da rainha Elizabeth. Apresentei-a como “o grande cacique do norte”. Virgem e imaculada, ela tinha mais caciques sob o seu comando do que árvores naquelas matas.

O reino da Inglaterra também era o maior inimigo da Espanha. Éramos luteranos e não católicos. Nossa religião acreditava que cada um podia falar com Deus da maneira que bem entendesse, não admitindo nem tolerando a tirania e a opressão impostas pelo Sumo Pontífice da Santa Inquisição.

Credibilizei a rainha como responsável pela libertação de várias nações do mesmo jugo e tutela que agora se abatiam sobre as tribos de Trinidad e Tobago. A nossa regina comandara a expulsão de soldados espanhóis de todos os principados amigos do norte, acabando com o regime de servidão imposto pela Espanha aos países que invade e domina.

Eu, obedecendo ordens da minha generosa soberana, fora enviado para impedir que isto se repetisse com os povos da Guiana. Por determinação expressa de Sua Majestade, estava ali não só para libertar as tribos da região, mas, principalmente, para estabelecer a proteção da Inglaterra contra qualquer tentativa de invasão do território pelos espanhóis.

Distribuí pequenos broches com imagens coloridas da rainha. Os caciques admiraram muito a sua pele branca e louvaram a riqueza das jóias raras que a adornavam. Naquele momento, vi que, se quisesse, facilmente teria levado os selvagens à idolatria de Elizabeth I. Mais tarde, repetiria o mesmo discurso para os chefes das tribos que encontramos nas redondezas do caminho de Eldorado.

Desta maneira, no ano de 1595, Sua Majestade tornou-se muito famosa e benquista naquele canto do mundo. Os índios passaram até a chamá-la de “Ezrabeta Cassipuna Acareuana”, que se traduz por “Elizabeth, grande princesa e comandante supremo”.

Feito isto, deixamos o “Puerto de los Hispanioles” e retornamos a Curupian. Berrio veio como prisioneiro especial. No trajeto, arranquei dele o quanto pude sobre as suas e outras tentativas de invasão da Guiana. No trato pessoal, este Antônio de Berrio é um cavalheiro de boa estirpe, descendente de gente importante. Já comandou exércitos do rei da Espanha em Milão, Nápoles, nos Países Baixos e outros principados europeus.

Ainda que inimigo ardiloso, ele me pareceu um homem destemido. Valente e arrogante, mas cordial, muito bem educado. Pelo que dizem, tem um coração de ouro para com seus parentes e protegidos. Dentro do possível, servi-me da sua cultura e inteligência. Em muitas coisas, ele se revelou útil e valioso. Dentro dos meus limitados recursos, em contrapartida, tentei tratá-lo de acordo com a sua nobreza e estatura. Em alto-mar, porém, a vida é dura para todos.

No ano anterior à nossa viagem, eu mandara o capitão Whiddon a Trinidad; com instruções para recolher toda informação disponível sobre a Guiana, traçando mapas das costas, com seus rios e principais correntes. Nas conversas com Berrio, ficou claro que este serviço deixou muito a desejar no referente à distância que



separa o centro daquele império do mar. De acordo com Berrio, atravessam-se seiscentas milhas inglesas antes de se chegar perto do caminho de Eldorado. Jacob Whiddon trouxe medições de terceiros, estimando o percurso em apenas quatrocentas milhas.

Achei o cálculo de Berrio mais provável, mas não comentei nada sobre a discrepância com a tripulação. Se os homens soubessem que teríamos que nos afastar seiscentas milhas dos navios maiores, jamais concordariam em seguir comigo selva adentro. Sem este esforço extra, entretanto, nunca encontraríamos o caminho de Eldorado ou estabeleceríamos as bases para a soberania inglesa sobre a Guiana.

Confesso que, durante a viagem, ao passar das quatrocentas milhas na floresta, também fiquei apreensivo de me afastar mais dos navios. Vi, então, que prosseguia movido mais pelo desejo de realizar a minha descoberta do que pelo bom senso de navegador prudente. Isto se revelava ainda mais grave diante da precariedade da nossa esquadra. Os navios ficaram no mar, entregues à sua própria sorte, sem muitos homens ou maiores precauções. Na selva, contávamos apenas com embarcações frágeis e inadequadas para os percalços do percurso.

Acomodamos cem homens e mantimentos suficientes para um mês no assoalho sem teto do *Galego*, um barco que mandei construir copiando o modelo de um galeão sem casario, mais um escaler do "Filhote do Leão", uma barça e dois botes. Homens, armas e comidas tinham que viajar amontoados no chão dos barcos, sem nada que lhes poupasse do mau tempo. Cada um protegia-se o melhor possível, escondendo-se do sol escaldante ou de chuvas torrenciais embaixo de panos e chapéus.

Usávamos tábuas e pranchas para temperar a carne que comíamos, mesmo endurecida depois de dias e dias jogada em cima de

todo tipo de mobília. Os homens viajavam não só sem conforto, mas também sem cuidados pessoais. Passamos semanas sob calor intenso e chuvas torrenciais, comendo quase que exclusivamente peixe frito, com as roupas sempre úmidas de suor. Ouso dizer que, na Inglaterra, nunca se soube nem mesmo de uma prisão com condições tão insalubres e indesejáveis como aquelas, sobretudo, para alguém como eu, que há anos vivia com alimento e tratamento bem melhores.

Passou-se o mês que eu prometera esperar pelo capitão Preston. Ele fora autorizado a ficar percorrendo a costa da Espanha à procura de uma presa fácil, mas se comprometera a aparecer dentro do prazo no ponto de reencontro. Se estivesse só um pouco atrasado, nós o encontraríamos no meio do caminho. O que não podíamos fazer, entretanto, era esperar mais. O quanto antes entrássemos na Guiana, mais navegáveis estariam seus rios, reduzindo substancialmente o risco de encalhe dos nossos barcos.

O certo é que, para nos aventurarmos até a mina de Manoa, precisaríamos da ajuda das águas. As cheias de verão dariam maior espaço de manobra para os nossos pilotos. Se voltássemos com os rios ainda altos, poderíamos tomar o ouro de nem sei quantas cidades, assaltando só as que estivessem mais à mão, como seria de se esperar de qualquer oficial da Marinha Real, em viagem de retorno à Inglaterra. Os rios, entretanto, começaram a baixar antes do esperado, inviabilizando qualquer plano neste sentido. Voltei sem muito ouro nos navios, mas trouxe algo muito mais precioso nos bolsos, o mapa do caminho de Eldorado.

Se dependesse apenas de mim, eu reembarcaria imediatamente para lá, seguro de que, desta vez, os resultados seriam muito mais compensadores. Apesar das agruras da primeira viagem, continuo disposto a passar o resto dos meus dias explo-



rando a Guiana, até conquistá-la para benefícios de todos os ingleses. Se couber a outro tarefa tão rendosa e grandiosa, asseguro que será preciso trabalhar mais do que nunca, mais do que ninguém, mais do que Hernán Cortéz no México ou Francisco Pizzaro no Peru. O primeiro conquistou o Império de Montezuma, o segundo, o de Huascar, Atahualpa e outros príncipes incas, a quem a terra pertencia.

Seja lá quem esteja no trono, a Guiana tem um príncipe sentado sobre mais ouro e rodeado por país mais belo do que todas as terras da Espanha ou da Grande Turquia. Sei de quem ainda duvide da existência deste império, com suas cidades engalanadas, seus templos monumentais e tesouros inimagináveis. Considero uma boa medida deixar bem claro a estes que “El Dorado”, o imperador da Guiana, é um nobre inca, descendente direto dos magníficos reis indígenas do Peru.

A riqueza e fartura de suas terras, suas políticas de governo, o feito das construções e plantações daqueles príncipes destronados pelos conquistadores espanhóis já justificaram longos discursos, como a *Cronica del Perú* de Pedro Cieza de León e a *História de la Conquista de Nueva España*, de Fernando Lopez de Gomara, entre outros. Estes tratados testemunham a favor de quem não se cansa de exaltar as maravilhas amealhadas junto aos incas.

Quando Francisco Pizzaro, Diego Almagro e outros conquistaram o Império do Peru, sua primeira medida foi condenar à morte Atahualpa, filho mais novo de Huayanacapa, de quem já tinham matado o filho mais velho, Huascar. O caçula de Huayanacapa, porém, conseguiu fugir para o norte do Peru. Levou consigo milhares de guerreiros pakoyoc, que os espanhóis chamavam de “orejones”, escandalizados com o tamanho dos brincos de ouro pendurados nas orelhas dos membros das castas mais altas.

Além do exército de “orejones”, o príncipe partiu protegido por grande número de voluntários, vindos dos quatro costados do império. Sob o seu comando, este batalhão de guerreiros de muitas nações diferentes foi abrindo sua passagem em busca do mar do Caribe. Os índios embrenharam-se pela floresta entre os rios Amazonas e Orinoco, também chamados de Baraquan e Maranion, desaparecendo sem deixar vestígios, um pouco abaixo da linha do Equador.

No coração desta mata intransponível, o príncipe inca criou o Império da Guiana. A terra tem tanto ouro, que tudo indica ser mais rica do que qualquer outra. Tem mais casas e construções do que o próprio reino do Peru tinha, quando a mineração da prata florescia. O Império da Guiana é governado pelas mesmas leis e seu povo vive em cidades semelhantes às dos incas. O imperador e seus súditos praticam a mesma religião, com as mesmas regras de conduta do antigo Império do Peru.

Sem suspeitar das minhas intenções, muitos espanhóis me revelaram o que sabiam do lugar. Segundo eles, quem já viu Manoa, a cidade imperial da Guiana, não pára mais de falar sobre a grandiosidade da sua beleza e abundância das suas riquezas. Sua localização é altamente favorecida, suas casas e ruas são maiores e melhores do que qualquer outra cidade do Novo Mundo. Fica ao lado da mina de ouro de “El Dorado” e à beira de um lago salgado com duzentas léguas de comprimento, que lembra muito o mar Cáspio.

Se compararmos Eldorado com as principais cidades do Peru, chegaremos à mesma conclusão dos relatos de Francisco Lopez de Gomara e outros, por mais incríveis e exagerados que possam parecer ao leitor desavisado. Para que cada um julge por si, nada melhor do que incluir aqui uma passagem da *História General de las Índias*,

escrita por Francisco Lopez — um erudito da maior credibilidade — com detalhes da magnificência do palácio de Huayanacapa, um ancestral do imperador da Guiana:

Todo el servicio de su casa, mesa y cozina era de oro y de plata, y cuando menos, de plata y cobre por mas rezio. Tenia en su recamara estatuas huecas de oro que parecian gigantes y las figuras al próprio, y tamano de cuantos animales, aves, arboles y yervas produze la tierra, y de cuantos peces cria la mar y aguas de sus reynos. Tenía así mismo sogas, costelas, cestas y troxes de oro y plata, rimeros de palas de oro, que pareciesen lenia raiada para quemar. En fin no havia cosa en su tierra que no la tuviese de oro contrabecha: y aun dizem, que los incas tenian un vergel en una Isla cerca de la Puna, donde se yvan a bolgar, quando querian mar, que tenia la ortaliza, las flores y arboles de oro y plata, invencion y grandeza hasta entonces nunca vista. Allende de todo esto tenia infinitissima cantidad de plata, y oro por labrar en el Cuzco, que se perdió por la muerte de Huascar, ca los Índios lo escondieron, viendo que los espanioles se lo tomavan, y enbiavan a Espania.

Isto significa que todos os vasilhames, todos os utensílios de mesa e cozinha da casa de Huayanacapa eram feitos de ouro e prata ou, no mínimo, de prata reforçada com cobre, um metal mais duro. No seu quarto e na sala de vestir, havia estátuas de ouro fino. Ocas por dentro, eram peças de rara proporção e beleza, moldadas com figuras de bichos, árvores, aves e ervas que nascem naquela terra, assim como os peixes e criaturas que vivem pelas águas do reino.

O imperador do Peru ainda guardava diversas correntes grossas em bolsas, baús e guarda-roupas abarrotados de ouro e prata. Tinha até pilhas de lingotes de ouro cortados feito hachas de lenha para fogueira. Enfim, não havia nada no país que não estivesse

copiado em ouro. Mais que isto, dizem que os incas criaram um jardim dos prazeres, numa ilha perto de Puna, onde costumavam ir para se distrair e respirar a brisa do mar.

Esta ilha tinha um tipo de jardim com todo tipo de ervas, flores e árvores feitos de ouro e prata, algo de invenção e impacto nunca vistos. Além de tudo isto, o imperador dispunha de quantidades incalculáveis de ouro e prata, em reservas ainda não escavadas em Cuzco. Estas riquezas, entretanto, foram perdidas para sempre. Com a morte de Huascar, os índios passaram a esconder todo e qualquer artefato de ouro dos espanhóis, que se apossavam brutalmente dos seus metais preciosos para mandá-los de presente ao rei da Espanha.

Francisco Lopez, no capítulo 117 do seu tratado, comenta o valor amealhado por Francisco Pizarro quando mandou seus homens se apropriarem da fortuna encontrada dentro do palácio de Atahualpa: "Hallaron cinquenta y dos mil marcos de buena plata y un millon y trezientos y veinte y seys mil y quinientos pesos de oro". Ou seja, os espanhóis encontraram 52 mil marcos de boa prata e 1.326.500 pesos de ouro.

Se tais quantidades parecerem exorbitantes, a sua veracidade pode ser atestada apenas com a lembrança dos milhões de lingotes de ouro e prata trazidos anualmente do Peru para os portos de Sevilha. Observe-se que, sem o ouro extraído do México ou a prata vinda do Peru, o rei da Espanha não teria meios para humilhar a tantos príncipes. Em poucos anos, ele deixou de ser o fidalgo pobretão de Castilha para se tornar o monarca mais suntuoso e poderoso do norte do planeta.

Este poderio, por outro lado, continuará aumentando todos os dias, se os príncipes rivais se mostrarem lentos demais para aproveitar as oportunidades proporcionadas pela conquista de "terra



incógnita” com riquezas semelhantes. A supremacia da Espanha poderá se tornar irreversível por muito tempo, se o descaso dos outros reinos permitir que a Guiana seja anexada a seus domínios. Ainda mais que este império se anuncia como o mais farto de todos. Se os espanhóis descobrirem o caminho de Eldorado, ameaçarão a segurança de todos na Europa, tornando-se praticamente invencíveis no mundo inteiro.

A repetida falta de êxito não fez com que a Espanha deixasse de financiar diversas tentativas de conquista da Guiana. Uma destas invasões fracassadas seguiu pelo que se acredita ser o mesmo trajeto feito pelo grande inca pai da pátria, ao vir fundar o novo império. Ele teria entrado na Guiana pelo rio Amazonas, chegando lá por um afluente que uns chamam de rio Papamene, outros de Caqueta e Japura. Este foi o escolhido por Francisco de Orellanas, sob ordens do marquês Francisco Pizarro, no ano de 1542. Desde então, este rio ganhou o nome de Orellano entre os espanhóis, que também o chamam de rio Marañon.

André Thevet afirma que, entre o rio Marañon e o Amazonas, percorre-se uma distância de 120 léguas, mas os dois rios derivam de uma única nascente. O rio Marañon descrito por Thevet parece ser um afluente do Amazonas ou Orellano. Um dia, ainda me aprofundarei na discussão destas e outras complexidades cartográficas da Guiana.

A conquista do império e a descoberta do caminho de Eldorado também foi tentada por Diego de Ordás. Não se sabe bem quando, se antes ou depois de Orellanas. Calcula-se que Ordás, um cavalheiro da ordem de Santo Iago, tenha partido para os mares do sul há mais ou menos setenta anos, o que o situaria vinte anos antes de 1542, o ano em que Orellanas proclamou-se o descobridor do rio Amazonas.



O primeiro europeu a ver Eldorado de perto foi Juan Martinez, mestre do paiol e responsável pela munição na companhia de Ordás. Ainda hoje, num porto chamado Morequito, já na Guiana, encontra-se uma âncora, marcando a passagem dos navios de Ordás. Este porto fica trezentas milhas terra a dentro, à beira de outro grande e majestoso rio, o Orinoco. Passamos várias noites ali, onde chegamos vinte dias depois de nos afastarmos dos navios maiores, na enseada de Curupian.

Este Martinez foi, pelo menos, o primeiro cristão a percorrer o caminho de Eldorado, que viveu para contar a sua história, deixando um com todos os detalhes da sua viagem. O documento se encontra na chancelaria de San Juan de Puerto Rico. Antônio de Berrio diz ter conseguido uma cópia. Este testemunho de Juan Martinez é o principal incentivo para ele e outros espanhóis se arriscarem pelo coração da selva em busca de ouro.

Orellanas desceu o Amazonas, atravessando a floresta de lado a lado, sem encontrar a entrada para a Guiana. Ao voltar para a Espanha, porém, apressou-se em obter uma carta-patente do rei, autorizando a invasão armada da região. Este esforço expedicionário terminou suspenso na altura das ilhas de Trinidad y Tobago. Orellanas morreu de febre e sua esquadra foi destruída por um temporal.

Diego de Ordás arriscou-se no mesmo empreendimento por conta própria. Veio da Espanha com seiscentos soldados e trinta cavalos. Ao chegar na costa da Guiana, um motim levou todos à destruição. Ordás e os homens que o apoiaram morreram fugindo dos amotinados. Os rebeldes e os cavalos morreram afogados quando o navio foi a pique. Se houve sobreviventes, nenhum retornou à Espanha. Antes de Berrio encontrar a âncora do barco de Ordás nas margens do Orinoco, nada se sabia sobre o paradeiro de mais esta tentativa fracassada de encontrar Eldorado.



Há quem acredite, conforme registra Francisco Lopez de Gomara, que Diego de Ordás morreu quando retornava à Espanha num barco pequeno demais para cruzar o mar do Norte. Outros dão crédito a testemunhos divergentes, fornecidos por náufragos portugueses e espanhóis que vivem entre os índios da Guiana. Estes, diga-se de passagem, são homens experimentados nos perigos da selva e no convívio com os nativos. Eles são muitos e ainda poderão ser da maior importância estratégica para a conquista européia daquele império.

Por estas versões, a expedição de Ordás prosseguiu da maneira mais curiosa, através do desterrado Juan Martinez. Condenado à morte por Ordás, o mestre de armas teve a pena comutada para desterro, sendo abandonado numa praia da Guiana. Remando sozinho numa canoa, Martinez saiu Orinoco acima, sem ter a menor idéia que aquela fuga sem destino o levaria ao caminho de Eldorado. No seu relato, Martinez recorda os motivos do motim contra Ordás, argumentando em causa própria, já que ele é apontado como o pivô da discórdia, na revolta que levaria todos à ruína.

Nesta, que foi a primeira ou segunda tentativa espanhola de conquista da Guiana, tudo começou a dar errado quando Ordás descansava seu pequeno exército no porto de Morequito. Por negligência de algum insensato, uma vela acesa no porão botou fogo no paiol do navio principal. A munição explodiu, abrindo um enorme rombo no casco. Martinez, que era mestre ou capitão responsável pela artilharia, foi sumariamente condenado à morte pelo general. Ordás não pediu explicações, marcando a sua execução para o amanhecer.

Juan Martinez, para sua sorte, era um oficial bem amado por marinheiros e soldados. Os subalternos fizeram de tudo para salvar a sua vida. Tentaram convencer Ordás a suspender ou pelo

menos adiar o enforcamento. O general, intransigente e furioso com o acidente, recusou-se a comutar a pena. Incapazes de obter o perdão, soldados e marinheiros começaram uma baderna a bordo. Ameaçaram mestres e oficiais com a degola, dizendo que cortariam a cabeça de todos que assistissem à execução de Martinez.

Os revoltosos obtiveram apoio da maioria e terminaram por negociar uma alternativa, prolongando a vida do capitão pelo desterro. Em vez de morrer pendurado na forca, ele seria abandonado no meio do mato. Sem faca, chapéu ou botas, Martinez foi jogado numa canoa e entregue às águas do Orinoco, apenas com a roupa do corpo. Para ele, o preço da liberdade seria sobreviver entre selvagens. Improvisando remos com as tábuas de um assento, o espanhol enfrentou a correnteza do rio.

A canoa do desterrado começou a fazer muita água. Ficou tão pesada que ele não conseguiu mais movê-la com os remos, sendo lentamente arrastado rio abaixo, até encalhar nos água-pés de uma passagem mais rasa. Foi descoberto de madrugada, por índios que nunca tinham visto um cristão pela frente. Ao amanhecer, espantaram-se com as feições do homem branco.

Martinez foi levado pelos nativos até a sua taba, para que a tribo toda o admirasse. Sua exposição no centro da vila atraiu tantos curiosos, que o espanhol percorreu o Império da Guiana, parando de cidade em cidade, para que viessem examiná-lo em praça pública, feito um animal de feira de diversões.

Assim, Juan Martinez trilhou passo a passo o caminho de Eldorado. Ainda residiu como convidado do último grande imperador inca. Em Manoa, o prisioneiro espanhol foi entregue aos cuidados da guarda real. Os soldados o levaram até o palácio. O imperador, depois de olhá-lo de alto a baixo, disse saber muito bem que se tratava de um cristão. Não fazia muito, seus ancestrais Huascar e



Atahualpa e outros milhares de incas seus irmãos tinham morrido nas mãos dos espanhóis que invadiram o Peru. Apesar da sua animosidade para com todo e qualquer europeu, o imperador hospedou Martinez entre os convidados de honra, convidando-o para as suas festas e cerimônias, como se fosse um visitante ilustre.

O espanhol ficou sete meses no castelo de "El Dorado". Vivia com todo luxo e riqueza, mas em regime de prisão domiciliar. Não podia nem espiar para fora das muralhas do palácio, sendo terminantemente proibido de andar de barco. Só saía se o imperador o convidasse para um dos raros passeios que fazia rio acima ou rio abaixo.

Martinez trilhou a pé o caminho de Eldorado, mas não foi capaz de fazer um traçado do percurso. Entrou e saiu de Manoa de olhos vendados. Percorreu o reino tendo apenas um índiozinho como guia. Marchara na selva em escuridão total, só voltando a ver a luz do dia quando já estava dentro da cidade.

Para chegar a Manoa, teria marchado quatorze ou quinze dias. O espanhol jurou pela alma de sua mãe que chegou a Eldorado por volta do meio-dia, pois o sol ainda estava alto, quando lhe retiraram a venda dos olhos, um pouco mais tarde. Sempre cercado por uma escolta de índios armados, Martinez afirma ter passado o resto daquele dia e a noite toda pelas ruas e estradas de uma cidade enorme, só chegando no palácio do imperador na manhã seguinte.

No final do sétimo mês em Manoa, o desterrado já começava a entender a língua daquele povo. Em conversa com o imperador da Guiana, o chefe inca perguntou-lhe se sentia falta de casa, da família ou do mar, se desejava voltar para a sua terra natal ou preferia ficar ali, morando no palácio, onde nunca lhe faltaria nada, mas de onde nunca poderia sair.



Martinez não quis ficar. Obteve um salvo conduto do rei para partir imediatamente. Com ele, vieram vários índios, que lhe vendaram os olhos, antes de levá-lo a umas canoas nas margens do Orinoco. Uma trazia guias e remadores, as outras estavam carregadas de ouro e prata.

Livre e rico, o mestre saiu rio afora, ansioso para chegar no assentamento de Trinidad. No meio do caminho, entretanto, foi interpelado por uma tribo nômade de selvagens ribeirinhos, que roubaram seu tesouro. Estes índios, também chamados orinoquenhos, orinoquinos e orinoquipones, são guerreiros ferozes. Vivem em conflito com as tropas do imperador da Guiana, a quem nunca reconheceram como seu soberano legítimo.

O marinheiro ficou só com o seu bote e dois garrafões de gergelino fino, cheios de pedacinhos de ouro com as mais curiosas gravuras. Sobraram porque os orinoquenhos acharam que se tratava de um vasilhame com algum tipo de alimento em grão.

Ao sabor da correnteza, o espanhol conseguiu chegar à barra, onde foi recolhido por um navio que o levou a Trinidad. Depois, contou a sua história em Margarita e San Juan de Puerto Rico, onde ficou esperando um galeão que o levasse de volta à Espanha. Enfraquecido pela alimentação exótica dos índios da Guiana, Juan Martinez morreu pouco antes de embarcar para casa. Nas suas últimas horas de vida, quando já tinha perdido toda e qualquer esperança de continuar neste mundo, recebeu a extrema-unção do seu padre confessor e fez um grande esforço para contar estas coisas, num relato improvisado das suas viagens.

Para provar o que dizia, mandou buscar os seus garrafões de caquinhos de ouro, doando-os à Igreja dos frades que rezariam pela salvação da sua alma. De acordo com o que me informou Berrio enquanto esteve detido no meu navio, este Juan



Martinez também teria cunhado o nome de Eldorado para a cidade de Manoa.

Todos os povos da região, sejam os fiéis ao imperador, sejam os rebeldes orinoquinos, são formidáveis beberrões. Neste vício, nação alguma se compara à Guiana. Na época das festas mais solenes, o imperador abre o palácio para receber e entreter seus capitães, fiscais tributários e governadores de províncias. Só oferece o que há de bom e melhor. A principal atração, porém, sempre é a abundância de bebida. Nestas ocasiões, só utilizam ouro como ornamento.

Os escolhidos do imperador são forçados a tirar a roupa. Nus, têm seus corpos cobertos por um tipo de bálsamo branco, o curcai ou curucaí. Este unguento existe em grandes quantidades na região e é muito valorizado pelos índios, sendo ingrediente essencial de festas e comemorações. Depois de besuntá-los por todos os lados, alguns criados do imperador trazem potes cheios até a boca de ouro em pó.

Em seguida, pegam um pauzinho oco e passam a aspirar ouro do pote, soprando-o no corpo dos adornados, que ficam dourados e cintilantes dos pés à cabeça. Uma vez cobertos de ouro, sentam-se para beber em grupos de vinte a cem pessoas. Ficam bebendo sem parar durante seis ou sete dias.

Isto é confirmado por fonte ainda mais insuspeita, uma carta em espanhol interceptada pelo mestre Robert Dudley. Este costume – somado à abundância de ouro existente na cidade, as imagens de ouro dos templos, os utensílios domésticos de ouro e prata, as armaduras de prata e os escudos de ouro que utilizam em suas guerras – teria levado Martinez a batizar Manoa de cidade de “El Dorado”, referindo-se ao imperador da Guiana.

No meu entender, o fracasso sem misericórdia dos espanhóis que tentaram invadir e se estabelecer na região indica que o Império da Guiana foi reservado pelo Criador para a posse e usufruto de Sua Majestade, a rainha da Inglaterra. Ainda que pareça impertinência, prolongarei o assunto até deixar minha opinião bem clara. Francisco de Orellanas morreu tentando anexar a Guiana à Espanha, em nome do general e marquês Francisco Pizarro, o conquistador do Peru. Antes dele, Diego de Ordás e Juan Martinez perderam a vida em empreitada semelhante.

Depois de Orellanas, um jovem chamado Pedro de Ursúa, cavalheiro da ordem de Navarro, arriscou-se em mais uma investida pelo caminho de Eldorado. Ele partiu do Peru, construindo embarcações especiais à beira do rio "Hoja", que fica ao sul de Quito. Com um bragantino novo em folha, desceu o vasto "Hoja", desembocando no Amazonas. Seguiu em frente, trazendo a companhia até a demarcação da província peruana de Mutilones.

Na tripulação de Pedro de Ursúa, havia um cavalheiro de Viscaya, chamado Lope de Aguirre. Um homem magro, que viajava como cirurgião-alferes. Depois de alguns meses na selva, quando os soldados mais se ressentiam da longa viagem, acabaram-se os mantimentos. Sem encontrar uma entrada para a Guiana através de um afluente do Amazonas, a tripulação, faminta, entrou em desespero diante daquele rio interminável.

Aguirre inflamou os ânimos e provocou um motim. Tornando-se líder dos rebeldes, prendeu e condenou todo o oficialato. Passou Pedro de Ursúa na faca, executando também seus homens de confiança. Promoveu novos mestres menos graduados e, por decreto do próprio punho, nomeou-se comandante absoluto daquele pequeno exército.



Lope de Aguirre parecia movido por um impulso irracional, uma loucura pelo poder. Tudo, entretanto, integrava um plano minucioso e mirabolante para mudar os destinos da História. O antigo cirurgião-alferes não sonhava apenas com a descoberta do caminho de Eldorado. Além de conquistador da Guiana, ele queria ser o novo imperador do Peru.

Fantasiava criar um grande reino, reunificando o império inca. Lideraria os índios na luta para expulsão dos espanhóis do território, consagrando-se um semideus branco ou príncipe eleito dos nativos. Sob o seu comando, os selvagens teriam liberdade religiosa, unindo-se contra todo e qualquer invasor europeu. Aguirre e sua guarda imperial manteriam a paz entre as tribos.

Para realizar seu sonho, Aguirre contava com um exército de setecentos homens bem armados. Os seus novos oficiais lhe prometeram recrutar tenentes e capitães insatisfeitos com os governantes enviados da Espanha. Estas companhias tomariam os principais fortes e guarnições do Peru. Antes, porém, Aguirre queria consolidar a sua posição de força, abastecendo as suas tropas com as riquezas que encontrassem no caminho de Eldorado.

Cada vez mais delirante, o espanhol foi rio abaixo sem encontrar passagem que, por água ou terra, o levasse à Guiana. Também não conseguiu mais voltar rio acima, devido a correnteza indomável da época das cheias. Viajou não menos do que mil léguas sem chegar nem perto de onde queria, seguindo pelo Amazonas, até desembocar no mar.

Na boca do Amazonas, Aguirre não desistiu da sua procura insana e foi a oeste, guiado pela linha da praia do continente. Passou Mompatar e, mais ao norte, encontrou a ilha de Margarita, onde a cidade mais conhecida é "Puerto del Tirano", numa alusão a Dom Juan de Villa Andreda. Andreda, antigo governador de

Margarita, era pai de Dom Juan Sarmiento, que exercia a governança, quando Sir John Burgh desembarcou ali com seus homens e saqueou a ilha.

Depois de repetir o feito em "Puerto del Tirano", Aguirre assaltou todos os outros povoados de Margarita. Chegava de madrugada, pegando os moradores de surpresa. Passava na faca quem não aceitasse entrar para seu exército ou resistisse a seu comando. Tinha que agir desta maneira. Só negros fugidos, condenados e desterrados se dispunham a ir com ele espontaneamente.

Aguirre seguiu para Cumana. Matou o governador diante de todos e repetiu a mesma oferta feita aos moradores de Margarita: uniam-se a ele ou seriam passados na faca. Pilhou os portos da costa de Caracas, as cidades das províncias da Venezuela e do Rio de la Hacha. Na mesma época, Sir John Hawkins veio a San Juan de Uloa, no seu *Jesus de Lubeck*. O próprio Sir John me contou ter cruzado com um grupo de renegados espanhóis que dizia ter percorrido todo o rio Amazonas.

Lope de Aguirre botou-se a caminho de Santa Marta. Saqueou o porto, matando a todos que se recusaram a acompanhá-lo na invasão e conquista da Guiana, onde fundaria o Nuevo Reyno de Granada. Seu plano era deixar os povoados espanhóis sem condições de opor qualquer resistência. Ainda pretendia saquear Pamplona, Merida, Lagrida, Tunja e as cidades mais conhecidas do território escolhido para o seu Nuevo Reyno. Feito isto, seu próximo passo seria investir contra o Peru.

Logo no início da jornada, porém, Aguirre se desentendeu com os seus capitães. Estes se rebelaram durante um assalto, já nas terras do Nuevo Reyno. Aguirre tentou destituí-los de seus postos e terminou deposto. Não encontrando uma saída honrosa, nem dis-



pondo de meios para a fuga, ele empunhou seu sabre e, antes de acabar com a própria vida, degolou seus filhos.

Para Aguirre, era melhor que seus herdeiros morressem nas suas mãos, do que viverem sob a desgraça e difamação a que o mundo sujeita os filhos bastardos de um tirano tresloucado. Não conseguindo transformar os meninos em príncipes do Novo Mundo, considerou um dever seu poupá-los da vergonha e recriminação que cairiam sobre eles.

O fim trágico das expedições de Orellanas, Ordás, Martinez, Ursúa e Aguirre não bastou para refrear outros espanhóis e seus aliados portugueses de sucessivas incursões pela Guiana em busca do caminho de Eldorado. Jerônimo Ortal de Saragosa veio com 130 soldados. Buscou uma entrada pelo mar, terminando arrastado pelas correntes, até naufragar na costa de Paria. Os sobreviventes povoariam o assentamento de San Miguel de Navarro.

Então, veio Dom Pedro da Sylva, um navegante português da família dos Rigomes da Sylva. Foi contratado pelos espanhóis através da influência dos Rigomes junto à corte. Saiu em linha reta da costa da Espanha, mas chegou longe do destino. Entrou pelo rio Marañon e voltou pelo Amazonas, onde foi assaltado por tribos ribeirinhas de mulheres guerreiras, as ditas amazonas.

O navegante português tentou resistir pela força àquele exército de mulheres, mas terminou derrotado com igual truculência. Ele e seus homens foram dizimados a pauladas. Só sete teriam saído dali com vida. Destes, apenas dois viveriam para voltar à Espanha e contar sua história.

Inconformados com o trágico e custoso desenlace destas viagens, os espanhóis montaram outra armada, sob o comando de Pedro Hernandez de Serpa, com ordens de se estabelecer no território e subjugar os nativos da Guiana. Ele desembarcou seu exér-



cito em Cumana, nas Índias Ocidentais, seguindo por terra. Marchou 120 léguas até o Orinoco.

Nas bordas do rio, Pedro Hernandez foi selvagemmente atacado por índios wikiris ou guayqueris. Dos seus trezentos soldados, cavaleiros, negros, marinheiros e meninos, apenas dezoito conseguiram voltar. Outras versões dos acontecimentos indicam que o batalhão de Serpa cavou a própria cova ao pôr os pés na Guiana, lançando um assalto à cidade imperial de Macureguarai.

A arrogância dos espanhóis era tamanha, que esperavam a debandada dos índios ao verem suas armaduras reluzindo contra o sol. Os nativos realmente fugiram na hora do assalto, mas voltaram à noite, quando os soldados celebravam sua vitória. Pegos de surpresa e pela retaguarda, os espanhóis não tiveram escapatória. Foram dizimados brutalmente. Só sobreviveram os feridos que se fingiram de mortos.

Posso assegurar que pelo menos um dos homens da companhia de Hernandez de Serpa assistiu ao massacre confundido com os cadáveres. Mais tarde, ele foi preso pelo capitão Amys Preston, na cidade de Santo Iago de Leon, que fica escondida na selva. O homem estava muito debilitado e morreu a bordo do barco inglês. Antes, porém, relatou a batalha mantida contra os índios e os detalhes de sua fuga. Também falou sem parar nas riquezas da Guiana e as maravilhas de ouro e prata que viu já na porta de entrada do caminho de Eldorado.

Discursos repetitivos, muito parecidos com este, escutam-se de qualquer espanhol que tenha visto, ainda que de longe, as montanhas da Guiana. O próprio capitão Preston teve este testemunho corroborado por outro preso, um criado de pessoas de prestígio de Trinidad. Pelo que ouvia estes senhores conversarem, não havia exagero nas exaltações às preciosidades da região.



Aquele preso contou que, certa vez, encontrava-se em Caracas com o seu patrão, quando chegou um general de campo de Berrio. Vinha de uma expedição à fronteira da Guiana. Trazia quarenta bandejas de ouro maciço, com os engravados mais curiosos. Também recolhera sabres e facões de ferro, que os índios reforçavam com decorações de ouro e prata. Seu tesouro ainda incluía coroas de flores malhadas em ouro fino cravejadas de pedras coloridas e várias outras raridades com metais preciosos. O general de Berrio estava por embarcar para Sevilha, onde entregaria tudo aquilo pessoalmente ao rei da Espanha.

Depois de Hernandez de Serpa se dar mal, foi a vez de Dom Gonzalo Jiménez de Quesada, "El Adelantado". Ele era um dos heróis na conquista do Nuevo Reyno de Granada. Sua filha e principal herdeira casou-se com Dom Antônio de Berrio, o governador de Trinidad. Gonzalo de Quesada procurou uma passagem pelo rio Papamene, que nasce em Quito, no reino do Peru, correndo mais de cem léguas navegáveis a sudeste, onde desemboca no Amazonas.

"El Adelantado" não encontrou nem entrada para a Guiana, nem a saída para o mar. Retornou, remando contra a corrente, Papamene acima. Foi uma viagem de muito esforço, alto risco e alto custo, que só rendeu penas, perdas e pesares a seus empreendedores. Um certo capitão Jorge, que era o segundo no comando da companhia de Gonzalo Jiménez, também perdeu a vida na empreitada.

Antes de retornar à Espanha, Jiménez de Quesada partiu com o seu maior tesouro pessoal, cedendo a mão da sua filha a Antônio de Berrio. Para autorizar o casamento, entretanto, "El Adelantado" exigiu que o governador de Trinidad se ajoelhasse e, sob juramento solene, promettesse não medir esforços para a conquista da

Guiana em nome da Espanha. Mesmo que isto lhe custasse até o último de seus bens, o último de seus homens, até o último dos seus dias.

Berrio cumpriu a promessa com determinação. Preso no meu barco, ele me confidenciou já ter gasto mais de trezentos mil ducados em investidas para invasão do império inca. Mesmo assim, nunca conseguiu nem conseguiria se adentrar tanto quanto eu na Guiana. A principal razão não foi a falta de recursos, mas a pobreza de espírito e despreparo militar dos seus homens, que não passavam de cem, contando soldados, oficiais, marinheiros, fidalgos, aventureiros, remadores, guarda-barcos, serventes e subalternos.

O certo é que, até hoje, nem Berrio, nem qualquer outro que tenha tentado entrar na Guiana, conseguiu penetrar o suficiente terra adentro para proclamar a realização de uma descoberta. O governador de Trinidad, porém, me assegurou que só descobriu a razão do seu fracasso e o grande erro de seus antepassados recentemente, depois de longas conversas com um velho cacique chamado Carapana, dito "El Mosquito".

Berrio procurou o caminho de Eldorado 1.500 milhas ao norte. Achava que, por ali, encontraria uma passagem no meio da selva. Sendo o primeiro a utilizar tal percurso, de pouco lhe servia a experiência de seus antecessores espanhóis, nem a de navegantes estrangeiros. O governador estudara os erros de todos e tinha certeza de que não voltaria a repeti-los. Continuou sua busca pelo rio Cassanar, que deságua num grande alagado, conhecido como Pato Pato. Este lago se funde com o rio Meta e termina cortado pelo Orinoco, onde o chamam de rio Baraquan.

Antônio de Berrio partiu da ilha-sede do que chamam "El Nuevo Reyno de Granada". Fora morar naquele enclave ao receber uma herança do sogro, Gonzalo Jiménez. Berrio veio acompa-



nhado por um exército de setecentos homens a cavalo, além de agricultores e construtores, materiais, apetrechos e mil cabeças de gado. Trazia mulheres, índios domesticados e negros escravos, decidido a criar um povoado espanhol no coração da Amazônia.

(Ao alto almirantado da Marinha Real, antecipo-me em esclarecer que, em breve, entregarei ao Lorde Amirante um grande mapa ou carta topográfica. Nele, encontra-se o traçado preciso, o contorno exato, os encontros e cruzamentos dos rios maiores, assim como o delineamento das fronteiras, com descrição das terras e suas riquezas, mais as passagens para a Guiana escolhidas por Jiménez e Berrio. Isto, além das descobertas feitas durante a minha viagem, com indicação da melhor rota de acesso ao país, localização das principais nações indígenas, rios maiores e córregos menores. Este mapa será encaminhado às nossas autoridades no momento que estiver completo. Desde já, entretanto, rogo humildemente aos nossos nobres dirigentes que guardem esta carta topográfica como um segredo de estado, nunca permitindo que seja copiado ou caia em mãos de estranhos e estrangeiros. Tal medida se faz necessária para impedir outras nações de conquistar a Guiana antes da Inglaterra. Sei bem que, neste mesmo ano de 1595, os franceses andaram por ali à procura do caminho de Eldorado. Só não os considero uma verdadeira ameaça aos nossos interesses porque até agora tentaram entrar na Guiana pelos caminhos mais equivocados.)

Pouco antes de partir de Trinidad, já na viagem de volta à Inglaterra, fiquei sabendo que um tal almirante Villiers estaria preparando uma expedição francesa, com projetos para criar uma plantação às margens do Amazonas. O rio já é bem conhecido por navegadores e corsários da França. Nas suas viagens pela região da Guiana, os enviados do rei sempre voltaram a Paris abarrotados de



ouro e especiarias, roubados de navios portugueses e espanhóis. Confirmei isto conversando com um capitão francês que passou por Falmouth. Ele andara por Trinidad no mesmo ano em que meus navios voltaram do assentamento na Virgínia.

Em Helford, encontrei outro mestre francês que disse ter ficado rico, depois de permanecer quatorze meses ancorado no Amazonas. Ele e seus homens estudaram as margens do rio e seus principais afluentes, pilhando o que encontraram de valor pelo caminho. Embora esteja convencido da inexistência de uma passagem fluvial direta do Amazonas para a Guiana, acredito que as duas regiões se comuniquem através de córregos e riachos muito estreitos, que mal deixam passar as canoas dos índios que vêm à beira-rio traficar com europeus.

Esta seria a rota pela qual tantos objetos de ouro da Guiana chegaram às mãos de tribos das margens do rio Amazonas. O mesmo pode ser dito sobre a existência de uma passagem por terra vindo do mar do Caribe. Só assim se explica tamanha abundância de pratos e artefatos de ouro maciço nas tabas dos índios de Trinidad ou nos pesados baús de preciosidades capturados entre os canibais da Dominica.

O ouro da Guiana está por toda parte, em ilhas e lugares onde não se encontram minas ou grandes veios. Diariamente, passam navios de europeus e canoas de nativos abarrotados do dito vil metal. Encontra-se boa quantidade do ouro da Guiana até em portos distantes, como Paria e ilhotas menores, que os índios chamam de Tucaris, Chochi, Apotomios, Cumanagotos.

O mesmo pode ser previsto, com segurança, nos assentamentos de nações indígenas ainda desconhecidas que vivem nos arredores das montanhas da província de Venezuela. O ouro da Guiana está presente em Maracapana, adorna as choupanas dos cani-



bais de Guanipa, das tribos Assauai, Coaca, Aiai e tantas outras, que serão descritas conforme passarmos perto de suas terras, a fim de dar a localização exata.

Nas tribos ribeirinhas do Amazonas, André Thevet constatou que todos os caciques e velhos guerreiros trazem um tipo de cruz de ouro no pescoço. Este *croissant* tem o mesmo desenho e tamanho das gargantilhas que se vêem no pescoço dos índios da Guiana. Assim, é fácil constatar que o ouro de Eldorado já se espalhou por um raio de 250 léguas, adornando os chefes indígenas, do Amazonas à Dominica.

Ninguém duvida que as riquezas comerciadas pelos índios do Amazonas sejam trazidas ali por algum rio secreto ou desconhecido, provavelmente coberto por mata espessa. Este rio teria muitas ramificações menores, recortando o território da Guiana. Pelo menos um destes córregos chega a Manoa e um outro deságua no Amazonas.

As minhas projeções geográficas situam esta rota de acesso em um emaranhado de rios que se contorcem por terras dos índios tishnados, pintados ou carepunas. Fiz um levantamento junto aos mais velhos e mais viajados dos orinoquinos. Penso ter tomado conhecimento de todos os rios maiores existentes entre o Orinoco e o Amazonas. Nenhum se iguala em tamanho a estes dois rios.

Também não escondi a minha curiosidade sobre aquelas mulheres guerreiras, as amazonas. Muitos acreditam na veracidade de relatos que alardeiam sua garra e crueza na guerra. Muitos outros, entretanto, duvidam até da existência de uma tribo de amazonas. Pessoalmente, não consegui formar uma opinião definitiva.

Embora possa parecer impertinente da minha parte e aparentemente afaste o meu discurso da nossa viagem, vou reproduzir aqui o que me ofereceram como o mais correto sobre as fa-



mosas mulheres guerreiras do Amazonas. Encontrei um cacique ou manda-chuva de uma tribo muito antiga, que passara vários anos perambulando pelas margens do rio e terras adjacentes da nação das amazonas.

O velho cacique me disse que ali convivem várias tribos diferentes de mulheres. Vivem espalhadas pelas ilhas, praias e enclaves numa faixa de sessenta milhas, à margem sul do Amazonas, na altura do rio Tapajós. Parecem um grande exército porque elas unem suas forças em caso de guerra contra tribos onde predominam os guerreiros homens.

Os velhos caciques lembravam histórias e recordações dos seus antepassados sobre estas mulheres, dizendo que sua origem remontava a tempos imemoriais. Também existiriam tribos semelhantes na África e na Ásia. Sabe-se das guerreiras negras adoradoras de Medusa como a sua deusa-rainha. Perto dos rios Tanais e Termadon, o exército de mulheres se submete aos desígnios de Cíntia, a rainha eleita. Pelo que registrei, as amazonas têm ou tiveram duas rainhas guerreiras muito famosas: Lampedo e Marthesia.

O curioso ou interessado no tema ainda dispõe de diversos relatos, registrando os feitos e aparições das Amazonas diante de aventureiros europeus. As mulheres guerreiras das tribos próximas à Guiana só conviveriam com homens uma vez por ano. Então, bebiam, fumavam, dançavam, lutavam e fornicavam sem parar durante um mês inteiro, que acredito ser abril.

Em abril, não só as amazonas, mas todos os chefes, príncipes e sábios das tribos da região se reúnem num tipo de festival. Os guerreiros escolhem seus novos chefes, os caciques escolhem seus novos generais e conselheiros. Depois das cerimônias para promoções e premiações dos melhores da tribo, as amazonas visitavam outras nações amigas. Eram recebidas com honras militares, inspe-



Capitão inglês "coroado" por tribo da Guiana



Walter Raleigh na tenda de um cacique da Guiana



cionavam os batalhões e escolhiam seus machos preferidos, de quem não se separavam até surgir a lua nova. Naquela madrugada, pegavam suas armas e desapareciam na mata como que por encanto.

Quase todas as amazonas ficam grávidas. Se nasce um varão, elas o retornam ao pai, ficando apenas com as meninas. Muitas das mulheres guerreiras, entretanto, foram doadas às tribos por seus próprios pais, movidos por um profundo desejo de aumentar a população e o poder feminino. Só não consegui confirmar se é verdade que cortam o bico dos seios das criancinhas.

Na guerra, as amazonas recolhiam os prisioneiros, levando-os de volta para casa. Os homens eram torturados e abusados até a morte. As mulheres eram forçadas a entrar para a tribo. Destemidas, cruéis e sanguinárias, essas guerreiras tinham fama de aplicar sofrimentos implacáveis contra todo e qualquer homem que tentasse invadir seu território.

As amazonas teriam acumulado grande fortuna em pratos de ouro trazidos da Guiana. Adquiriam estes pratos pagando com pedras verdes resplandescentes, ditas “piedras hígado” pelos espanhóis. Na Inglaterra, são mais conhecidas como “pedras pâncreas”, pela doença associada à formação de pedras esverdeadas nos órgãos internos. Aqui são pedras preciosas, tratadas como jóia rara. Esta preferência não se relaciona com a falta de oferta. Na região da Guiana, vê-se pedras com os mais variados matizes de verde. Todo chefe, rei ou cacique que encontrarei trazia uma no pescoço. As suas mulheres traziam várias, presas em diferentes partes do corpo.

Das amazonas, retomo a relação das tentativas espanholas de invasão da Guiana, resumindo a maior e mais ousada de todas, a grande expedição de Antônio de Berrio. Ele partiu de Granada com mil soldados e setecentos cavalos. Trazia grande carregamen-

to de provisões e mantimentos, em barcos de pequeno porte, construídos especialmente para a viagem. Desceu o rio Cassanar, que nasce nas montanhas, junto ao povoado de Tuuja, de onde também vem o rio Pato Pato. O Cassanar e o Pato Pato desembocam no rio Meta.

O Meta sai de uma montanha ao pé de Pamplona, cidade do Nuevo Reyno de Granada. Segue paralelo ao rio Guaiare, que vem das montanhas que protegem o povoado de Timana. Os dois se confundem e então se fundem, formando o rio Baraquan. O Baraquan muda de nome assim que alarga, passando a se chamar Orinoco. Do outro lado da montanha onde foi erguida Timana, surge o Rio Grande do Norte, que desemboca no Santa Marta pouco antes de chegar ao mar.

Berrio foi levado de barco pelo Cassanar até o rio Meta, mandando seus soldados e cavaleiros seguirem a pé pelas margens, sempre que o solo permitisse a marcha. Os homens e os cavalos só tinham autorização para voltar aos barcos quando o terreno virava um banhado movediço. Os longos charcos terminaram impedindo a marcha e a companhia prosseguiu arrastada pela correnteza do Meta até o Baraquan. Assim, Berrio entrou no Orinoco.

Neste grande e majestoso rio, os espanhóis começaram a sofrer baixas. Berrio perdeu homens, com suas armas e armaduras, perdeu barcos com mantimentos e tudo mais que tinham dentro. Perdia cavalos todos os dias. Bastava uma correnteza inesperada jogar as barcas sobrecarregadas para fora do canal. Na beira do rio, as madeiras, os homens e os animais terminavam se chocando com violência contra rochas, bancos e ilhotas de areia, muitas das quais tinham pedras pontiagudas escondidas logo abaixo da superfície da água.

O governador de Trinidad viajou meio ano para cima e para baixo no Orinoco. Desembarcou e marchou por toda terra firme

que encontrou. Continuou, porém, contando com cada vez menos homens e cavalos. Muitos morreram de febrões misteriosos e constipações tropicais. Outros perderam a vida em escaramuças com tribos de selvagens ribeirinhos, principalmente os ferozes e vorazes amapaenses.

Por mais que insistisse em prolongar a viagem em busca do caminho de Eldorado, Berrio só conseguia dizimar a sua companhia aos poucos. Não encontrou nem encontraria passagem alguma que o levasse ao Império da Guiana. Não chegou sequer a conversar com índios que já tivessem visto ouro vindo da mina de Manoa. O espanhol não desistiu. Veio até a fronteira do território de Amapaia, percorrendo o rio Caroni por oito dias.

Entre os amapaenses, encontrou utensílios e pratos de ouro que atestavam a proximidade daqueles nativos com os povos da Guiana. Estes índios, entretanto, não falavam nem sob tortura. Só soltavam um pouco a língua embriagados, quando não se entendia o que diziam. Além disso, evitaram todo e qualquer contato com os espanhóis durante os primeiros três dos seis meses que Berrio ficou por ali.

Os poucos que abriram a boca, o fizeram por medo do garrote. Estes falaram muito das maravilhas da Guiana, mas nenhum admitiu conhecer o caminho de Eldorado. Negavam terminantemente que já tivessem visto a montanha de ouro de Manoa. Só sabiam o que ouviam dizer. Os índios poderiam estar falando a verdade. O território de Amapaia tem sua fronteira marcada pelas margens do Orinoco a oeste e sul. Segundo me confessou Berrio, ali há muito ouro. Ouvi o mesmo, cochichado no meu ouvido feito um segredo, da boca de dois caciques amigos.

Foi naquele ponto crucial que Berrio desistiu de continuar a viagem. Já perdera centenas de homens, sessenta dos seus melhores ofici-

ais, todos os cavalos que trouxera consigo, mais os cavalos perdidos de expedições anteriores que arrebanhara pelo caminho. O general concluiu que perdera muito tempo em confrontos e escaramuças com os amapaenses, antes de se convencer a acabar com aquela luta sem sentido, negociando um armistício com os nativos.

Como prova de amizade, uma vez subentendido que os espanhóis estavam de partida, os índios presentearam Berrio com dez imagens de pássaros moldadas em ouro fino, muitos pratos, medalhões e cruzeiros de ouro puro. O espanhol me jurou nunca ter visto índios adornados com tanto ouro como os caciques que lhe trouxeram os presentes. Tinham ouro pelo corpo todo, tão ricamente trabalhado, que causariam inveja aos nobres mais engalanados da Itália, Espanha ou Países Baixos da Holanda.

Berrio agradeceu as oferendas com humildade. Prometeu enviá-las a seu rei, através de seu general de campo. Ele tinha certeza de que aquela pequena mostra da riqueza da região seria recebida sem surpresa, mas com admiração, pelo seu soberano na Espanha. Ainda mais que se tratavam de pequenas esculturas feitas por povo sem qualquer instrumento de ferro. Tampouco contavam com a ajuda inestimável da experiência acumulada ao longo de séculos pelos ferreiros e fundidores europeus.

Entre os índios do Amapaia, só uma tribo continuou amiga dos espanhóis. Os anebas ou banivas, nativos de uma nação que começa ao sul do rio Negro e vai até o Orinoco. Berrio os encontrou a setecentas ou oitocentas milhas longe do mar, num ponto onde o rio tem mais de doze milhas de largura. A Província de Amapaia é de terra baixa, movediça e alagadiça. Ali, a água torna-se vermelha ao se misturar com o barro e se esparrama pelos pântanos. Os campos viram um viveiro de vermes constipantes e serpentes de peçonha sem remédio.

Os índios sabiam (os europeus não) que beber daquela água era suicídio. Muitos espanhóis ingênuos ou arrogantes ignoravam os avisos dos nativos e terminavam infectados com o mais aflitivo dos corrimentos. Esta incapacidade de reter alimentos dentro do corpo acabou por definhando os cavalos, o gado e os cachorros. Em seis meses, Berrio se viu forçado a suspender a sua grande investida contra a Guiana. Dos quase mil homens que trouxera, restavam 120. Perdera todo o resto.

Depois de meio ano na selva, os soldados passavam tanta fome, que morriam de qualquer mal-estar. Os animais – galinhas, porcos e cabras – sofriam todo tipo de privação e não serviam nem para alimento. Muitos já estavam contaminados com os vermes do pântano. Suas carnes envenenavam quem as provasse. A morte mais penosa era a causada por dolorosos nós nas tripas.

Oprimido por todo tipo de vicissitude, exposto a misérias incontáveis, Berrio achou melhor voltar para Trinidad com o pouco ouro que ganhara. Retornou meio arrependido, achando que desistira na direção certa de onde queria chegar. Fora exclusivamente a falta de meios para ir em frente que o impedira de descobrir o caminho de Eldorado. Só não estava muito perto: mais de mil milhas separavam a mina de Manoa da entrada para a Guiana.

Sempre que mantive contato com guianos e amapaenses, perguntei como sobreviviam bebendo aquela água turva e avermelhada do rio. Os índios me responderam que a água dos banhados do Orinoco não era venenosa o tempo inteiro. Se fosse recolhida bem no meio do rio, bem ao meio-dia, não fazia mal algum. Àquela hora, enchiam vasilhames e bebiam tudo em seguida, pois a água só se mantinha boa enquanto o sol estivesse bem no meio do céu.

Pela manhã ou à tardinha e, principalmente, à noite, porém, aquela água se transformava num poderoso veneno. Os índios acre-

ditam que as águas de vários rios da região têm esta característica em comum. São águas tropicais, só saudáveis se ingeridas mornas com o sol no meridiano, tornando-se um veneno infeccioso de manhã e de noite.

Antônio de Berrio teve que esperar a primavera para voltar, só chegando a Trinidad no início do verão. No regresso, ele procurou a entrada para a Guiana na margem sul do Orinoco. Desistiu mais uma vez, ao se deparar com um corredor de montanhas, erguendo escarpas intransponíveis nas margens do rio. Impossibilitado de desembarcar, prosseguiu em busca de uma paragem plana, ainda que alagada. Queria, pelo menos, pôr os pés na Guiana.

Continuou ao norte, chegando perto de Quito, no Peru. Voltou a desistir diante de montanhas ainda mais altas, cobertas por mato cerrado. Seria impossível abrir caminho por aquelas macegas cobertas de espinhos de todos os tipos: grossos e pontiagudos, curtos e afiados ou finos e alongados, como os da roseira selvagem.

Durante todo este longo percurso, Berrio não se preocupou em fazer amizade com os nativos. A sua companhia não incluía nem um intérprete para negociar ou mesmo um padre pregador para persuadir, converter e submeter os índios ao catolicismo. Para aumentar ainda mais a desvantagem do espanhol, os caciques das tribos por onde passou preveniram os guianos sobre suas intenções de assaltar e saquear as riquezas do império, extraíndo todo ouro que conseguisse levar consigo. Isto fechou-lhe o caminho de Eldorado.

Berrio afirma ter passado por rios maravilhosos que desembocam no Orinoco. Contou mais de quinhentos. Nomear a todos, com localização e descrição de cada um, seria extenso e tedioso. Também não me detenho em detalhes que dão mais prazer a quem os menciona do que a quem os lê. Para Berrio, depois do Orinoco e do Amazonas, o

rio mais importante é o Rio Grande. Fica entre Popayan e as fortificações do Nuevo Reyno de Granada.

A ausência de um cartógrafo na companhia de Berrio indica a falta de preocupação do general com o mapeamento da geografia da Guiana. Ele esperava agir como os outros conquistadores espanhóis. Não aprendeu os nomes de muitos destes rios, nem as mudanças de nome do mesmo rio, a que províncias e lugares levavam ou as nações e tribos que viviam às suas margens, porque pretendia invadir a região e rebatizar tudo com nomes espanhóis.

Sem um intérprete, por outro lado, Berrio não tinha sequer como tentar qualquer contato ou entendimento mais produtivo com os índios. Percorreu um vasto território, mas voltou quase tão ignorante quanto partiu, exceto pelo que viu de passagem e guardou de memória. Militar obtuso e navegante indeciso, o governador de Trinidad pouco se interessou e nada aprendeu sobre as coisas do lugar, mesmo onde foi o primeiro a chegar. Para mim, muitas vezes, ele parecia não diferenciar bem leste e oeste ou, então, era um grande fingidor.

Quase tudo que eu sei sobre a Guiana é fruto de anotações pessoais feitas a partir de meu contato direto com nativos de comprovada sinceridade, mais o testemunho de cristãos honestos e as minhas próprias observações. Nas conversas entrecortadas pelas hesitações do intérprete, um cacique me ensinava uma coisa pela metade. Eu insistia no assunto e outro terminava revelando o resto. Assim, localizei as tribos em pé de guerra. Desenhei as peculiaridades dos rios mais navegáveis e aprendi as demarcações de fronteiras das nações que ocupam as terras entre o mar e o Reyno do Peru. Aprendi a reconhecer as principais tribos do rio Orinoco até o Amazonas ou Marañon, mapeei as ilhas conhecidas entre nós como Maria Tamball.

Fiz uma lista com os títulos dos reinos, príncipes, chefes, regentes, caciques e outros capitães-índios, demarcando seus territórios, províncias e principais povoados. Diferenciei as tribos aliadas das inimigas, com suas respectivas áreas de influência e zonas de litígio. Sem saber estas coisas, ninguém consegue conquistar território algum, muito menos invadir uma região tão protegida por uma natureza como aquela. Tudo isto, entretanto, só foi possível porque trouxemos de Plymouth um índio com inglês sofrível, mas fluente em várias línguas e dialetos dos povos da Guiana.

Pizarro conquistou o Peru depois de forçar os irmãos Huascar e Atahualpa a dividirem o reino, numa tentativa desesperada de salvar seu povo do massacre espanhol. Cortéz alimentou o ódio dos traxcalians contra Montezuma e esperou que se destruíssem, antes de fazer a sua investida brutal para a conquista do México. Sem dividir os nativos, sem colocar tribo contra tribo, sem tornar povos irmãos em inimigos, nenhum dos dois teria vencido. Em vez de lendários gigantes da História, morreriam sem a glória, o ouro ou as honras que lhes couberam na Espanha.

No caminho de volta, Antônio de Berrio encerrou sua viagem sob tensão e desespero, antevendo que a sua tentativa de conquista da Guiana não repetiria o triunfo de Pizarro ou Cortéz, mas teria o mesmo fatídico fim de seus antecessores. Ao chegar na província de Emeria, à margem leste, já na boca do rio, ele encontrou uma nação indígena em terras próximas do litoral. O lugar era altamente propício para um assentamento, com montanhas para proteção da cidade, rio e solo fértil, com todo o tipo de alimento e mantimento.

O cacique desta tribo era o rei Carapana, um velho sábio, sutil e muito experiente, de quase cem anos de idade. Na sua juventude, fora mandado por seu pai para Trinidad, devido a uma guerra civil que ameaçava seu trono. Carapana foi criado numa pequena vila da

ilha espanhola, chamada Parico. Ali cresceu, acostumado a ver e conviver com espanhóis e franceses, que vinham traficar nos portos ou seqüestrar índios para vendê-los como escravos em Margarita e Cumana, nas Índias Ocidentais. Estas duas cidades tinham tanto comércio com barcos estrangeiros, que nunca precisavam recorrer a Trinidad para qualquer tipo de suprimento.

A vivência entre cristãos fez de Carapana o cacique mais compreensivo e tolerante com os europeus e as tribos hostis. Nas situações de confronto, sempre buscava uma alternativa ao combate. Antes de entrar numa guerra, ele agia como um general de campo bem treinado. Revisava as suas tropas e calculava com precisão o poderio militar de cada exército. Se não sentisse confiança na vitória pela força, negociava até convencer seus inimigos a solucionar o impasse sem derramamento de sangue.

Carapana era o único cacique que permitia a sua tribo dar boas vindas para visitantes europeus. Mesmo chegando com um grande exército, os forasteiros eram bem tratados. Assim, foi em seu território que os primeiros cristãos colocaram os pés na Guiana, sem enfrentar resistência armada dos nativos. Durante estes encontros, Carapana mantinha seu povo tranqüilo e quieto num canto. Não deixava os estrangeiros passarem dificuldades, desde que não cometessem qualquer violência ou brutalidade contra os índios.

Esta política de boa vizinhança rendeu ao velho cacique os frutos da paz com praticamente todas as tribos, sobretudo os impiedosos canibais das Carafbas. Dentro das fronteiras de sua província, Carapana negociava livremente com quem trouxesse algo do seu interesse. Comprava e vendia para tribos em guerra entre si, sem nunca envolver seu povo no conflito.

Foi com esta cordialidade que Berrio, já dispondo de menos de cem homens, foi recebido pelo cacique. Suas tropas, muito

debilitadas, ficaram por ali seis semanas se recuperando. Como Carapana sabia várias línguas cristãs, Berrio conseguiu se entender com o chefe índio, que lhe falou exaustivamente sobre as passagens para a Guiana. Não poupava elogios às esplendorosas riquezas da região, mas pouco revelava de concreto sobre o caminho de Eldorado.

A boa acolhida a Berrio e suas tropas devia-se em parte ao estado de paupéria da sua companhia. Não estavam em condições de dar um passo em frente, quanto mais invadir uma nação selvagem. O general conteve seus instintos, determinado a voltar no próximo ano, quando percorreria aquela terra palmo a palmo, até encontrar o caminho de Eldorado.

Viria com mais provisões, mais navios e mais soldados. Contaria com reforços da Espanha e do Nuevo Reyno de Granada, onde já havia deixado seu filho Antônio Xemenes de prontidão. Naquele momento, entretanto, queria apenas voltar para casa. Recolheu seus homens, seus pertences e foi atrás de um piloto-índio designado por Carapana.

Lentamente, como se todos remassem na marcação de um timoneiro caindo de sono, os barcos de Berrio seguiram por esteiras e tortuosas ramificações do Orinoco. Para surpresa geral, este caminho, que mais tarde seriam incapazes de reproduzir, os trouxe até a costa, bem em frente à ilha de Trinidad e perto dos navios que os esperavam em mar aberto. Subiram a bordo ansiosos para descrever as quantidades assombrosas de ouro que viram pelas montanhas da Guiana.

Berrio bem sabia que aquele ouro estava ali, à flor da terra, esperando pelo primeiro europeu que se apossasse de tudo. Em Trinidad, não perdeu tempo. Foi a Paria e de lá para Margarita, onde era amigo do governador, Dom Juan Sarmiento. Mostrou a

ele os pratos de ouro maciço que estava mandando para o rei da Espanha. Tanto falou nas riquezas da região, que o maioral de Margarita se deu por vencido, comprometendo-se a ceder cinquenta soldados para a próxima expedição de conquista definitiva da Guiana.

Para o governador de Trinidad, era preciso agir com rapidez e determinação. Tinha planos de partir quando chegassem reforços da Espanha. Voltaria à província de Carapana com um grande exército. Em Emeria, estabeleceria uma base de apoio à armada conquistadora. Com a ajuda do cacique Carapana, esperava marchar triunfante pelo caminho de Eldorado.

Teve que adiar a viagem pela falta de suprimentos suficientes e armamento adequado para se lançar em façanha tão grandiosa. Berrio, porém, não se deu por vencido e continuou preparando o assalto ao Império da Guiana. Voltou a Trinidad com o navio abarrotado de homens e mantimentos cedidos por outros povoados.

Desembarcou e, sem descansar um minuto, deu continuidade aos preparativos. Despachou um batalhão de reconhecimento, comandado pelo sargento-mor, general ou mestre de campo Domingo de Vera. Sua missão era arrancar dos índios a localização exata da mina de Manoa e a melhor passagem para chegar lá.

Desta vez, os espanhóis se lembraram de trazer um intérprete para dialogar com os povos orinoquinos. Os homens de Berrio tinham ordens expressas para não cometerem nem permitirem qualquer tipo de atrocidade ou maltrato dos índios. A ordem era cativar os nativos, obtendo a sua subserviência através de subterfúgios, como presentes e manifestações de apressamento.

Mesmo relutante, o governador de Trinidad reconhecia a impossibilidade de invadir a Guiana, sem um pacto de não-agressão com os índios das províncias ao redor do império inca. Se não

evitasse ataques dos povos ribeirinhos durante o percurso, a nova empreitada teria resultados não muito diferentes das anteriores. A hostilidade constante e os assaltos noturnos dos nativos tornaram a primeira viagem de Berrio um inferno. Com ela, porém, aprendera que, sem a cooperação dos índios, jamais poderia desembarcar com tranquilidade.

O cacique Carapana, vendo que comandava uma armada pequena, recebeu o mestre de Berrio com honras oficiais. Mandou seus guerreiros se perfilarem, apresentando armas ao sargento-mor. Ofereceu um banquete, mas não quis falar sobre a Guiana. Em vez disto, mandou o espanhol conversar com outro cacique amigo seu, o Morequito. Entre todos os chefes ribeirinhos, ele era o que mais percorrera e melhor conhecia o caminho de Eldorado. Morequito mantinha um porto à beira-rio, mas vivia com sua tribo perto de Macureguarai, a primeira cidade do império inca na zona de fronteira. O povoado ficava a seis dias de marcha mata adentro.

Morequito já era conhecido de muitos espanhóis. Anos antes, ele visitara os portos de Cumana e Margarita, nas Índias Ocidentais. Chegou com grande quantidade de pratos e artefatos de ouro puro, os quais trocou por coisas que via e resolvia levar para seu país. O cacique terminou detido dois meses em Cumana, sob a custódia do próprio governador, que fora enfeitiçado pelo brilho do ouro das cruzes maciças, berloques e gargantilhas trazidas pelo índio.

De olho grande nas riquezas inesgotáveis vistas por outros no caminho de Eldorado, o governador de Cumana passou a promover festas diárias em homenagem ao cacique, que era tratado com regalias de visitante ilustre. Diariamente, Vides também tentava convencer Morequito a guiá-lo numa expedição pela Guiana. Sem encontrar outra alternativa para voltar à sua tribo, o índio terminou con-



cordando, ainda que depois de muita relutância e repetidas garantias de que reconquistaria a sua liberdade.

O governador Vides não desperdiçou um segundo. Mandou um emissário para Sevilha, com amostras do ouro recolhido e a solicitação de uma carta-patente da coroa, autorizando-o à conquista da Guiana. Mal sabia Vides que Dom Antônio de Berrio já tinha carta-patente idêntica, emitida em data anterior, dando-lhe precedência e prevalência sobre qualquer outro espanhol com o mesmo intento. A carta do rei garantia o direito de Berrio à participação na partilha de qualquer tesouro ou território descoberto ou anexado em nome do rei da Espanha, fosse na Guiana ou nas adjacências do Nuevo Reyno de Granada.

Ao tomar conhecimento das tentativas de Berrio para entrar no território e da existência da patente real cedendo ao governador de Trinidad parte dos frutos de futuras descobertas na região, o governador de Cumana não se intimidou. O germe do desejo se instalara na sua alma de modo incontrollável. Ele sonhava ser o primeiro cristão a entrar com suas tropas em Eldorado, ainda que, para isso, tivesse de arriscar seu posto e suas posses, passando por cima da autoridade de Antônio de Berrio.

O governador de Trinidad, por sua vez, sentia-se tão seguro e cheio de si, que nem desconfiou das ambições de Vides. Ao contrário do maioral de Margarita, o governador de Cumana já se recusara a ceder soldados, munição ou mantimentos para a expedição de Berrio. Muitos acreditam que Vides tenha tramado com Morequito para criar todo tipo de dificuldade e contra-informação que afastasse Berrio do mesmo objetivo.

Vides teria instruído o cacique a mandar as tribos ribeirinhas se esconderem dos homens de Berrio. Os índios também tinham ordens para nunca guiar os espanhóis na direção certa, caso caís-

sem nas suas mãos e fossem transformados em pilotos à força. Com esta conduta, os selvagens inviabilizariam qualquer incursão maior de tropas na Guiana. Berrio esgotaria seus recursos andando em círculos, sem encontrar nem vestígio do ouro que se acumulava às margens do caminho de Eldorado.

Antônio de Berrio também procurava atrapalhar como podia os preparativos de Vides ou de qualquer outro general que se metesse no território, que tratava como se fosse seu por herança ou direito divino. Seu grande poder estava nas chaves dos armazéns de Trinidad. Ele controlava o fornecimento de mercadorias essenciais para todos os portos da região com mão de ferro. Estava acostumado a reter carregamentos, criando escassez de alimento e equipamento em toda cidade onde se atrasassem no pagamento de impostos ou alguém importante se preparasse para uma viagem à Guiana.

Vides e Berrio dificultaram tanto a viagem um do outro que terminaram se tornando inimigos viscerais, ainda que lutando lado a lado. Faziam tudo que estivesse a seu alcance para prejudicar um ao outro, mas sempre obedecendo às mesmas ordens e servindo ao mesmo rei. O certo é que, em função da rixa, durante um bom tempo, os índios seguidores de Morequito perderam totalmente a boa vontade para com os espanhóis, matando os que encontrassem em suas terras e atacando os barcos que chegassem muito perto da costa.

Morequito só suspendeu as hostilidades contra cristãos depois de reconquistar sua liberdade. Passaram-se anos antes que qualquer tribo da Guiana se dispusesse a contatar um homem branco. Esta barreira de silêncio fechou o caminho de Eldorado aos europeus. O primeiro a vencê-la foi um frade de batina, enviado sem grande escolta para o território de Morequito. O padre chegou

dizendo-se em missão de paz, mas viajava a mando de Berrio. Tinha instruções secretas para engambelar os índios, manifestando desdém por ouro, a fim de convencê-los a revelar a passagem para a mina de Manoa.

Morequito teria se afeiçoado pela elegância do frade e seu aparente desinteresse pessoal por ouro. Concordou em levá-lo até Macureguarai, a cidade mais próxima do império na Guiana. Era habitada por gente muito bem aprumada, com roupas cravejadas de pedras preciosas, tão bonitas e valiosas como as nossas melhores jóias.

Acamparam nas proximidades da fronteira e ficaram esperando os guias, que os levariam até Macureguarai e dali até Manoa, a cidade-mina do imperador inca. De olhos vendados, o frade, seus guardas e sacristãos-assistentes, viajaram onze dias a pé pela mata, carregando utensílios de cozinha, facas, machados e outras coisas que o cacique Carapana me disse serem muito valorizadas pelos índios da Guiana.

Berrio confirmou tudo isso, jurando ser verdade. Em conversa com o novo chefe da tribo de Morequito, entretanto, a história foi um pouco diferente. De acordo com o cacique meu amigo, o frade estava armado até os dentes por dentro do hábito de monge e viera com um batalhão de bárbaros. Trazia a Bíblia numa mão e a espada na outra. Os espanhóis chegaram se apossando de toda e qualquer peça de ouro que encontrassem pelos corpos, casas e tumbas dos índios. Aprisionaram os guias e invadiram a Guiana, cujas fronteiras não eram protegidas por tropas do imperador, como atualmente. Vendo que não enfrentava maior resistência, o frade avançou com valentia, sem saber onde se metia. Os assaltos a cidades ricas e imponentes tornaram ainda mais ardente seu desejo de saquear todos os povos do caminho de Eldorado. Suas vilas desta-

cavam-se de longe, com casas espaçosas, de construção sólida, como as de pedra e alvenaria encontradas na Europa.

De acordo com os caciques com quem conversei, o exército do padre foi brutalmente atacado pelos índios de Morequito, ao cruzarem a província de Aromaia, na volta da Guiana. Só dez soldados e o frade teriam sobrevivido, ainda que prisioneiros dos nativos. Destes, apenas um conseguiu fugir, atravessando o Orinoco a nado, com artefatos de ouro equivalentes a quarenta mil pesos amarrados no corpo.

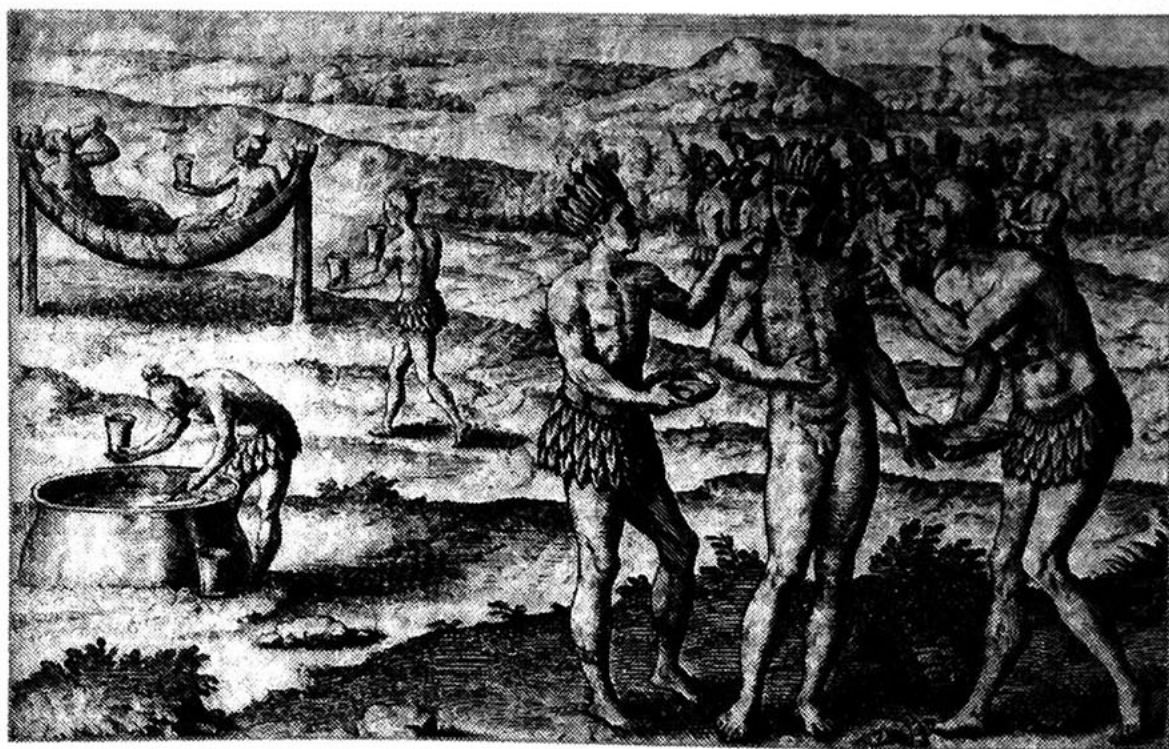
Como no testemunho dos escravos de Jó, este espanhol retornou a Trinidad e contou a Antônio de Berrio o sucedido. O padre, seus soldados e ajudantes foram decapitados um a um na sua frente. Quando visitei o local da chacina, encontrei os guerreiros encarregados destas execuções. Eles confirmaram tudo, demonstrando detalhes de cada degola.

A execução do padre deixou Berrio possesso. Deu ordens para prepararem seus navios o mais rápido possível. Queria o embarque de todos os soldados em condições de combate em Trinidad e arredores. Suas tropas invadiriam Aromaia, inflamados para atacar sem dó nem piedade, ensinando uma lição àqueles índios. Lavariam a honra do frade seu amigo com o sangue dos nativos, no mesmo chão onde degolaram o santo homem.

O cacique Morequito suspeitou que o espanhol reagiria de maneira semelhante. Mandou sua tribo abandonar a taba e se refugiar no mato ao longo do Orinoco. Espalharam-se pelo território dos saimas e wikiris. Dali, Morequito foi para Cumana, levando canoas carregadas de ouro para o governador Vides. Sob a proteção pessoal do maior inimigo de Berrio, o cacique sentia-se mais seguro, pois nunca o procurariam foragido numa cidade espanhola.



Cacique guiano passeia com seus pajens e mulheres



Guianos de Eldorado cobrem o corpo de ouro em pó

Não demorou muito, porém, para Berrio ficar sabendo do paradeiro de Morequito. Mandou uma comitiva oficial bem escoltada buscá-lo como prisioneiro do rei da Espanha. O governador de Cumana acatou as ordens, mas ficou esperando confirmação de além-mar, antes de liberar o preso. O índio tentou escapar, mas era tarde demais. Os homens de Berrio o acharam escondido dentro de um barril, na adega da casa de um ricoço local, chamado Dom Fajardo.

O governador Vides, que até então fora bom amigo de Morequito, cedeu às pressões de seus superiores e entregou seu paradeiro aos homens de Berrio. Para não se comprometer, acrescentou que o índio entrara ilegalmente na sua capitania. Denegriu o cacique, chamando-o de ladrão e trapaceiro. Alegou desconhecer seus crimes, dizendo tudo que lhe parecesse conveniente para desfazer qualquer suspeita do seu envolvimento no massacre do frade-espião.

Determinado a fugir, Morequito ofereceu a Dom Fajardo três quintais de ouro com cem libras de peso cada um. O espanhol aceitou o presente, jurando aprontar uma canoa com remadores para tirá-lo de Cumana naquela mesma noite. O ouro e as promessas não o impediram de procurar as autoridades e aceitar outra recompensa, esta do governador de Trinidad, para conduzir os soldados até o esconderijo do índio.

Capturado pelo sargento-mor de Berrio, Morequito foi executado na hora. Ao mesmo tempo, o exército espanhol lançou um grande ataque contra os povos ribeirinhos do Orinoco, destruindo e destroçando tudo que houvesse pelas margens. Queimaram casas e plantações, seqüestraram mulheres e fizeram dezenas de presos, a quem trataram como escravos.

Entre os detidos, estava um tio de Morequito, o cacique Topiauari. A morte do sobrinho sem descendentes o elevara à condição de rei de

toda Aromaia. Ele ainda se revelaria meu bom amigo e, mais tarde, eu traria seu filho mais novo para estudar na Inglaterra.

Tal qual Carapana, Topiauari tinha grande entendimento das coisas políticas da região. Agia com muito tato para evitar conflitos desnecessários. O velho sábio da tribo de Morequito tinha quase cem anos de idade, mas andava pelo mato com a agilidade de um jovem. Preso e acorrentado pelos espanhóis, caminhou dezessete dias sem parar. Foi forçado a guiá-los da província de Aromaia até Emeria, que era território do cacique Carapana e sua tribo. Os soldados vieram atrás, assaltando, roubando e devastando todo e qualquer povoado que surgisse pelo caminho.

Carapana, que já sabia das atrocidades praticadas por aquele bando, só concordou em ajudar os espanhóis porque eles queriam achar uma passagem para sair de suas terras e voltar a Trinidad. Ainda exigiu a libertação de Topiauari. Ele sabia que, sem cooperação da sua tribo, nenhum europeu sobreviveria muito tempo na selva. Os espanhóis aceitaram a proposta, desde que Carapana entregasse cem pratos de ouro e um bom carregamento de "piedras hígado", para comprar a liberdade de Topiauari.

De volta a Trinidad, Berrio condecorou os soldados, aceitou o ouro e o que havia de mais valioso, mas entendeu que aquele tesouro ainda lhe custaria algo muito mais caro. A execução sumária de Morequito, a prisão de Topiauari com correntes, os massacres, saques e atrocidades praticados contra índios indefesos custariam o que não tem preço: a afeição e a confiança dos orinoquipones e tribos ribeirinhas.

Junto a Topiauari, os soldados de Berrio capturaram um sobrinho de Morequito ainda criança de colo. Resolveram cristianizá-lo, rebatizando-o com o nome de Juan. Libertaram o velho cacique, mas trouxeram a criança para Trinidad. Tinham esperança de lhe

dar uma educação européia para que um dia se tornasse o primeiro rei do território de Morequito em bons termos com os espanhóis.

Até lá, Berrio decidiu que não se arriscaria mais pessoalmente na selva. Nem que mandasse, seus soldados não se arriscariam muito além do território de Carapana. Ali, os nativos tinham se acostumado ou se acomodado à presença dos espanhóis. Com permissão do cacique, Berrio mandou construir uma guarnição à beira-mar, bem na entrada da província de Emeria. Batizou o forte de Porto da Guiana e deixou-o aos cuidados de um destacamento inicial de dez soldados, com suas mulheres, filhos e agregados.

Deste posto avançado, os espanhóis esperavam controlar o tráfico de coisas da Guiana. A maioria das tribos, entretanto, passou a evitar aquela passagem e os soldados só conseguiam comprar ou vender através do cacique Carapana. Os soldados passaram muito trabalho até conquistarem a confiança dos índios. A partir daí, saíam juntos em excursões pela mata como se fossem velhos amigos. Os índios achavam que os outros queriam caça, mas os espanhóis estavam à cata de ouro e prata. Voltavam com as mãos cheias de carne, frutos e pássaros.

Trocando os maus tratos por pequenos agrados, os homens de Berrio foram lentamente domesticando alguns selvagens. Os mais espertos foram educados para intermediar o comércio com outras tribos. Não demorou muito, o "Puerto de Guiana" cresceu como um entreposto de vendedores caraíbas. Apesar da proibição de seus caciques, eles vinham até o porto com as suas encomendas, oferecendo-as aos índios, mas à vista dos espanhóis.

Estes não pagavam nem recebiam a mercadoria, só acertavam o preço. A transação era concluída pelos índios. Eles seguiam de canoa por rios menores, levando o pagamento e trazendo as coisas. Muito

do que compravam era para os espanhóis revenderem nos assentamentos de Barema, Pauroma e Essequibo, na margem sul do Orinoco. Lá, os espanhóis compravam mulheres e crianças dos canibais para servirem de escravas.

Por mais bárbaros que pareçam, os caraíbas são assim por natureza. Vendem seus próprios filhos sem o menor constrangimento. Trocam um macho por três ou quatro machados, as fêmeas por utensílios de ferro para a cozinha. Fazem o mesmo com os filhos e as filhas de seus irmãos e irmãs mortos.

Este tráfico tornou-se altamente lucrativo para os espanhóis de "Puerto de Guiana". Compram virgens de doze ou treze anos com três ou quatro machadinhas. As que não levavam para casa, revendiam no mercado de escravos de Margarita, nas Índias Ocidentais. Lá, as índias valiam de cinquenta a cem pesos, o equivalente a muitas e boas coroas de ouro.

John Douglas, um dos mestres dos meus navios, interceptou uma destas canoas de traficantes. Vinha cheia de indiazinhas à venda. Ele prendeu o canoeiro e deixou as mulheres fugirem pela mata, proibindo seus homens de irem atrás. Entre as que trouxe consigo, havia uma incrivelmente favorecida pelo Criador na beleza de seus contornos. Mais tarde, vi muitas outras iguais ou mais belas do que aquelas. Não fosse pela cor da pele, as mulheres da Guiana poderiam ser equiparadas às mais atraentes da Europa.

O porto da Guiana também passou a atrair mercadores de outros lugares. Surgiu um comércio incessante com as tribos ribeirinhas do Orinoco. Ali, trocava-se uma faca de metal por carregamentos de cem libras de pão de mandioca, que valiam dez vezes mais no porto de Margarita. Os espanhóis dos assentamentos vinham buscar algodão cru, pau-brasil e umas camas esquisitas que chamam de "hamacas" ou "cama-brasil". Amarradas no alto de dois troncos de árvores, estas

“hamacas” são muito apreciadas pelos residentes em países de clima quente. Nós não usamos nem pensamos em outra cama enquanto estivemos nos trópicos.

Através deste tráfico de escravos, da troca de facas e machados por ouro e especiarias valiosas, mais a cobrança de resgate para libertar caciques presos ou seqüestrados, Antônio de Berrio teria recuperado muito mais do que suas perdas e gastos nas tentativas fracassadas de conquista da Guiana. O certo é que amealhou grande fortuna pessoal, em ouro puro, moldado em pratos e imagens de homens, bestas, águias e os tipos mais diferentes de peixes.

A maior parte do ouro encontrado ou traficado por seus homens era entregue nas mãos do general de campo do governador, Dom Domingo de Vera. Berrio dividia o lote em três. Dois quinhões seguiam para Sevilha, sob a escolta de seus homens de confiança. A terça parte remanescente, ele dividia em duas. Uma metade deixaria Berrio abastado para o resto dos seus dias. A outra era distribuída entre os oficiais, para despertar neles mais amor e interesse pelo caminho de Eldorado.

O governador de Trinidad estava convencido de que, ao contemplar imagens e esculturas tão curiosamente recortadas em ouro puro, o rei da Espanha jamais negaria a sua ajuda para a conquista da Guiana. Incumbiu seu general de campo de convencer o alto comando militar espanhol das dificuldades apresentadas por aquela terra, com sua mata virgem, montanhas íngremes, vales profundos, rios tortuosos e índios ferozes.

O lugar-tenente de Berrio disse aos altos próceres de Sevilha que a falta de um posto avançado fora o maior empecilho à conquista do território. Agora, o governador de Trinidad proporcionava à coroa da Espanha justamente a base que faltava para a materialização desta antiga aspiração nacional.

O general considerava essencial descobrir o caminho de Eldorado. Para ele, o ouro da Guiana se fazia necessário para compensar os grandes investimentos dos espanhóis em outras partes das Índias Ocidentais. Só ali via-se ouro brotando do solo. No México e no Peru, as minas eram gastas e profundas, exigindo trabalho contínuo e redobrado de índios e escravos para extrair as preciosidades da terra.

Antes mesmo de receber o aval de Sevilha, Berrio já começou os preparativos para a investida definitiva da sua armada conquistadora. Estava convencido de que seus homens seriam os primeiros cristãos a percorrer o caminho de Eldorado. Mandou um mensageiro para seu filho no povoado sede do Nuevo Reyno de Granada. Queria reunir o maior número de soldados disponíveis na região, deixando uma grande frota na boca do Orinoco, enquanto batalhões de infantaria desceriam o rio, marchando ou de barco.

As tropas do filho deveriam se dirigir a Emeria, a província do cacique Carapana. Estabeleceriam uma linha de abastecimento de retaguarda, ligando Granada ao Puerto de Guiana. Deixariam os navios maiores ostensivamente na boca do porto e aguardariam aquartelados até receberem novas ordens. Outro mensageiro de Berrio foi a Santo Iago de Leon, um porto da costa de Caracas, na pequena enseada de contornos venezianos, que os espanhóis chamam "La Venezuela". Lá, comprou todos os cavalos e mulas que encontrou, despachando-os para o Porto de Guiana.

Foi nesta altura dos preparativos que chegamos a Trinidad, acabando com as ambições do espanhol. Preso e sem saída no meu navio, Antônio de Berrio provocaria meus sentimentos, vangloriando-se de suas investidas sobre a Guiana. Ao ficar sabendo destas tentativas passadas e dos planos do governador para a região, perdi o autocontrole e revelei que estava determinado a vi-

sitar império tão rico e maravilhoso, sendo este o verdadeiro motivo da minha viagem.

Fiquei ainda mais indignado quando Berrio recontou a seu favor o incidente envolvendo os homens do capitão Whiddon, que estivera ali no ano anterior a meu serviço. Não aceitei as explicações do espanhol. Jacob Whiddon viera a Trinidad em missão de reconhecimento. Mais do que ouro, buscava mapas, contatos e informações sobre a Guiana, seus povos, rios e minas. Não queria briga com ninguém.

Berrio insistiu em culpar os homens de Whiddon pela própria morte. Admitiu ter conversado amigavelmente com o capitão, autorizando-o a reabastecer seu navio em terra firme. Berrio ainda impostou a voz para dizer que foi além da rotina, estendendo a cordialidade a todos e convidando a tripulação para uma caçada.

Os ingleses, para Berrio, mostraram-se excessivamente curiosos e inquisitivos. Queriam saber tudo sobre a presença e poderio dos espanhóis na região. Interrogavam os soldados sobre o tamanho dos contingentes, localização de fortes, número de navios de guerra, o calibre das armas e tipos de munição. Diante de evidência de espionagem, o sargento-mor autorizou os soldados a armarem uma cilada contra os visitantes. Na realidade, ele temia que Whiddon tivesse vindo pelo mesmo motivo que me trazia ali: entrar na Guiana e descobrir o caminho de Eldorado.

Expliquei ao governador de Trinidad que, na condição de prisioneiro, ele não tinha meios para nos impedir de chegar aonde quiséssemos. Antônio de Berrio foi tomado por profunda melancolia, mas não desistiu de me dissuadir da viagem. Recorreu a todos os argumentos que lhe vieram à cabeça. Tentou convencer outros oficiais e membros da tripulação a não se lançarem em aventura tão estapafúrdia.

Dizia que nos perderíamos na selva muito antes de encontrar a entrada para a Guiana. A maioria morreria pelo caminho, longe de Eldorado. Os restantes voltariam de mãos vazias, doentes e enfraquecidos para o resto da vida. Exaltava-se, afirmando que eu só perderia tempo e dinheiro, em esforço tão fútil quanto inútil. Berrio não se convencia de que nada nos faria recuar. Recantou a mesma ladainha, repetindo que, depois de perdidos na selva, só encontraríamos caminhos sem volta. Em vez de nos levar às riquezas da Amazônia, nossa viagem seria uma temporada na escuridão do inferno verde. Os homens se exporiam a todo tipo de moléstia. Incansável, lembrou que não poderíamos navegar naqueles rios com navios iguais aos nossos, de quilha longa. Alguns canais eram tão rasos e tão estreitos, que não permitiam nem a passagem de uma barça leve ou mesmo um bote. Teríamos, portanto, de ir a remo em pequenas canoas, ou marchando pelos alagados das margens do Orinoco.

As canoas também não eram um meio de transporte seguro. Todos os dias, a toda hora, bastava um descuido qualquer para que encalhassem nos bancos de areia, chocando-se contra pedras submersas. Uma vez abalroadas, ficavam com rombos e rasgos de até 12 polegadas no casco, afundando num piscar de olhos. Conforme o trecho do rio, ninguém se salvava.

O espanhol só previu o pior para nós. Disse que os índios jamais aceitariam conversar ou comerciar com homens brancos. Todos fugiriam para o mato assim que nos vissem. Se fôssemos atrás, perseguindo-os até seus povoados, queimariam tudo que tinham antes de chegarmos perto. A proximidade do inverno também não ajudava. Pegaríamos muita chuva e rios transbordantes. Seria impossível remar contra a corrente.

Em grande parte da bacia do Orinoco, estes rios eram tão rasos que as canoas só passavam descarregadas, o que impedia o transporte de

maiores estoques de mantimentos. O que mais desencorajou os meus homens, porém, foi saber que os reis, chefes e caciques dos povos fronteiriços da Guiana fizeram um acordo entre si, pelo qual se negavam a trocar qualquer coisa com cristãos, sobretudo artefatos de ouro.

Há muito os nativos passaram a esconder o ouro dos europeus. Aprenderam que qualquer ostentação de opulência ou riqueza os levava à ruína, pois o fascínio dos cristãos pelo vil metal não tinha limites. Ofuscados pelo brilho do ouro, os homens brancos não poupavam esforços para invadir e pilhar, saqueando casas, tumbas e templos. Levavam tudo que tinham: suas mulheres, seus tesouros, sua liberdade e a própria vida.

Muito do que Berrio nos contou feito uma ameaça, mais tarde eu constataria ser verdade. Por sorte, insisti tanto no assunto que levou a maioria à descrença. Naquele momento, no entanto, nada me faria recuar da minha viagem de descoberta. Instruí o capitão George Gifford, do nosso navio vice-almirante, que preparasse um bote do "Filhote de Leão", enquanto o capitão Calfield faria a mesma coisa com a minha barça.

Os dois seguiriam para o leste, a contravento, até alcançar a boca de um rio chamado Capuri. O capitão Whiddon e o mestre John Douglas já tinham entrado neste rio no ano anterior, quando mediram uma profundidade de nove pés na cheia e cinco na rasante. O ponto de encontro dos meus barcos seria um banco de areia, demarcado por uma bóia deixada lá por Douglas.

Por mais que tentassem cumprir as minhas ordens, Gifford e Calfield trabalharam em vão. Não era possível velejar naquele vento. Progrediram a remo, mas não conseguiram pegar o rio na cheia. As águas não esperaram os homens. Foram baixando rapidamente, até ficar evidente que não deixariam passar um barco de porte. Arrastados pela correnteza, voltaram correndo para nos avisar.

Realmente, para entrar na Guiana, teríamos que utilizar pequenas embarcações a remo, como dissera Berrio. Seríamos, então, obrigados a abandonar os navios grandes em mar aberto, com poucas armas para protegê-los e poucas mãos para manobrá-los. Eu e os demais nos afastaríamos quatrocentas milhas rio acima, mata a dentro, em botes salvavidas, uma barça e dois barquinhos.

Para iniciar a jornada, só me faltava escolher os homens que ficariam ou iriam comigo e separar as devidas quantidades de armas e alimentos de cada grupo. O mais difícil era calcular os mantimentos que levaria junto. A viagem seria longa, de duração incerta e percurso desconhecido. Também precisava me preparar para qualquer encontro indesejável com espanhóis. De acordo com Berrio, seus destacamentos já deveriam estar a caminho do Porto de Guiana, num grande galeão comandado por seu filho.

Por precaução, mandei o mestre King do "Filhote de Leão" equipar os botes que estivessem disponíveis, escolher os homens necessários e se dirigir à baía de Guanipa. Procuraria um rio de bom calado, conhecido como Amana. Queria que explorasse o rio, observasse a natureza das margens, a força e a velocidade da correnteza, medindo a sua fundura na rasante e vazante. Se houvesse água suficiente, poderíamos entrar por ali com os nossos navios menores.

Ao chegar na boca do Amana, entretanto, King não teve outra saída a não ser dar meia volta. O índio que levava como guia se recusava a ir adiante, repetindo sem parar que só sobreviveriam os que saíssem dali imediatamente. Quem se aventurasse rio acima morreria com uma flecha envenenada nas costas. King achou aquilo uma alucinação teatral e supersticiosa de um caraíba covarde.

Acorrentando o índio nos botes para que não fugisse, o mestre do "Filhote de Leão" amordaçou-o para que não gritasse e foi exa-

minar o rio por conta própria. Mudou de idéia em seguida, vendo que o guia não estava imaginando coisas. Se continuasse, terminaria na ponta das flechas dos canibais de Guanipa. Estes selvagens eram famosos por deixarem suas vítimas se embrenharem na mata, antes de as caçarem feito bichos, com suas canoas ligeiras abarrotadas de arqueiros de pontaria certa. Bastou reconhecer a proa de um dos caíques escondidos sob folhagens das margens do Amana para o mestre King voltar na hora.

Enquanto isto, em Trinidad, comecei a temer o pior diante da sua demora, mas nem por isto recuei. Reuni os carpinteiros e mãos hábeis da companhia. Mostrei um desenho que trazia comigo e mandei cortarem madeira para construir um "galego", ou "chata" larga, tipo a galeaça, com remos e mastros, só que pequena. Mobiliáramos o seu convés recolhendo coisas e partes de sobra dos outros navios. Tudo, entretanto, tinha tamanho, peso e especificações para que a barca se movesse em águas com não mais de cinco pés de profundidade. Não teríamos calado maior na baía de Capuri, outro ponto que poderia nos abrir o caminho de Eldorado.

Comecei a me preocupar ainda mais com o mestre King, achando que não voltaria tão cedo. Mais uma vez, destaquei o leal John Douglas para capitanear um pelotão. Os homens iriam atrás de King, ver se estava precisando de ajuda. Na volta, passariam pela baía de Capuri, fazendo um levantamento completo da costa, com as covas e esconderijos capazes de abrigar um navio de médio porte.

O mais importante, porém, era que traçassem as correntes profundas que tornam aquele ponto de navegação quase impossível. Entre os espanhóis, é dado como fato que as águas daquela baía arrastam barcos e botes para os lados, jogando-os de encontro às pedras. Diziam "barca que ali se metera, jamais saíra inteira".

Pela bacia do Capuri, os barcos também não conseguiam desembarcar de volta no mar, devido a um vento leste, forte e contrário, que terminava soprando as velas para dentro da barra. Pelo menos esta foi a observação feita pelo renomado John Hampton de Plymouth e vários outros marinheiros ingleses calejados e experientes, que andaram por Trinidad traficando com os índios.

O capitão John Douglas fez questão de levar junto um piloto índio. Tratava-se de um velho cacique de Trinidad amigo nosso. Ele também achava muito perigoso enfrentar o repuxo da baía na saída do golfo, tanto para desembarcar quanto para voltar aos navios. O cacique, porém, se dispunha a nos ensinar um trajeto através de rios menores. Tratava-se de uma passagem segura, situada mais a leste. Os índios a utilizavam para vir ao mar de canoa, evitando emborcar na arrebentação. Por este canal, também poderíamos entrar e sair das águas do Capuri em muito menos tempo.

Douglas demorou porque se entreteve na costa com o índio, de quem se tornou amigo ao comprovar que dissera a verdade. Visitaram rios, côncavos e córregos, examinando um por um. Identificaram o melhor trajeto para navegar com o pequeno "galego" que acabáramos de construir. Poucos rios tinham calado capaz de receber um barco maior. Todos, em algum momento, tinham largura e profundidade máxima iguais às do Tâmis na altura de Woolwich.

A baía do Capuri, entretanto, era rasa de ponta a ponta. Não tinha mais de seis pés d'água na parte mais funda. Estas medições nos deixaram sem a menor esperança de passar por ali com um navio. Não sabíamos nem se passaríamos por ali com o nosso barco novo, feito especialmente para esta porção mais perigosa da viagem.

Diante de tantas variáveis, resolvemos prosseguir acomodando sessenta homens, suas armas e mantimentos no chão do "gale-

go". No escaler e botes do "Filhote de leão", vieram mais vinte homens e suas coisas. O capitão Calfield embarcou dez no seu bote auxiliar e eu trouxe outros dez, com armas e bagagens, na barça. No total, éramos cem homens com o mesmo destino: o caminho de Eldorado.

Não tivemos outro recurso a não ser sobrecarregar as embarcações com mantimentos e provisões suficientes para um mês. Comeríamos peixe e caça, fervendo a carne com sal, pimenta e os temperos que encontrássemos pelo caminho. O capitão Gifford trouxe consigo o mestre Edward Porter, o capitão Eynos e outros oito homens, além de armas e alimentos.

No bote de Calfield, viajavam meu primo Butshead Gorges e oito soldados. No "galego", vinham comigo vários oficiais: o capitão Thyn, meu primo John Grenville, meu sobrinho John Gilbert, os capitães Jacob Whiddon, Lawrence Keymis, Edward Hancock, Jerome Ferrar, Anthony Wells, William Connock, mais o capitão Facy, o tenente-capitão Clark, os tenentes Howes e Thomas Upton, além de outros cinquenta soldados.

Não conseguimos arrancar de Berrio coisa alguma que nos ajudasse a encontrar a entrada para a Guiana. Para ele, evitando a boca do Orinoco e navegando por rios menores, fica-se tão a barlavento, que se avança muito mas se torna impossível retornar com segurança. Na falta de confiança e certeza dos nossos conselheiros, resolvemos nos guiar mais por intuição do que por conhecimento.

Saindo de Trinidad, tivemos que cruzar um mar do tamanho do Canal da Mancha entre Dover e Callais, com grandes vagalhões, ventos e correntes fortes demais para nossos botes. Para chegar na costa da Guiana, fomos forçados a abrir as velas com vento em popa. Terminamos praticamente jogados no fundo da

baía de Guanipa. Procuramos a boca de dois rios mais largos demarcados por Douglas. Contávamos com um piloto-índio da região de Barema, um rio menor que fica ao sul, entre o Orinoco e o Amazonas. Capturamos o índio no meio do caminho. Vinha em sentido oposto com uma canoa abarrotada de pão de mandioca, que ele pretendia vender em Margarita. Em troca da liberdade, ele se dispôs a nos guiar até o Orinoco.

Na hora de escolher o rio certo, entretanto, o índio se revelou um farsante. Nunca tinha ouvido falar no rio sugerido pelo capitão Douglas. Confessou ter só uma vaga lembrança daqueles córregos. A última vez que passara por ali fora há doze anos, quando ainda era menino, sem grande capacidade de observação ou julgamento. O resto da vida fizera sempre o mesmo percurso entre a sua aldeia e "Puerto de Guiana".

Pelas explicações do índio, ficou claro que, se Deus não nos enviasse ajuda, aquele piloto nos levaria a uma viagem sem volta mata a dentro. Ficaríamos mais de ano cruzando um labirinto de rios e braços d'água, sem encontrar passagem que nos levasse à entrada para a Guiana ou à saída para o mar.

O pessimismo desta primeira impressão só aumentaria dali alguns dias, quando o fluxo e refluxo da maré começaram a fazer pressão sobre as águas do estuário. Pelo que sei, não se encontra, em toda a terra, semelhante confluência de canais naturais, córregos, rios e regatos, com bifurcações e ramificações, que se entrecortam e entrelaçam várias vezes no mesmo percurso.

Todos aqueles rios pareciam enganosamente idênticos, uns mais profundos, outros mais largos. Homem nenhum, por melhor navegador que fosse, conseguiria distingui-los, quanto mais indicar o melhor caminho para os barcos. Se tentávamos nos guiar pelo sol



ou pelo compasso, não encontrávamos um ponto de referência que indicasse estarmos indo neste ou naquele sentido.

Terminaríamos andando em círculos, recortando a floresta por canais que formam uma multidão de ilhas de todos os tamanhos e feitios. As margens daqueles riachos ainda ficavam cobertas por mato cerrado, de árvores altíssimas, incapacitando o vigia de ver qualquer coisa um palmo adiante do nariz. Desorientados, caímos num rio desconhecido, que batizamos de Cruz Vermelha e mais tarde aprendemos se chamar "El Caño".

Este rio foi a nossa salvação. Todo ele era navegável. No dia 22 de maio de 1595, fomos os primeiros cristãos a pisar nas terras para além das margens do Orinoco. Subimos o Cruz Vermelha a remo. Paramos ao perceber uma canoa, com três índios remando para atravessar o rio. A rapidez da minha barça de oito nos permitiu capturá-los sem maior resistência.

Notamos vários outros selvagens nos espionando pelas margens, escondidos atrás de árvores e macegas. Com a apreensão da canoa, os nativos da mata ficaram ansiosos e inquietos. Remexiam-se nas folhagens, apreensivos em relação ao tratamento que seus companheiros receberiam nas nossas mãos. Agimos com toda elegância, de modo que os índios se dessem conta de que não os exporíamos a violência ou força bruta como era costume dos espanhóis.

Os sinais eram evidentes. Durante a perseguição, não disparamos sem antes tentar conversar. Uma vez apreendida a embarcação, não forçamos os tripulantes a descerem de mãos no peito. Nem fizemos ameaças para que nos entregassem a carga. Ao contrário, ficamos parados no meio do rio, esperando que se rendessem de boa vontade, diante da nossa superioridade militar. Vendo isso, os outros índios começaram a sair da mata e mostrar suas caras pintadas.

Em pouco tempo, os mais ousados e confiantes foram se aproximando, interessados em traficar conosco. Distribuímos facões e panelas de ferro aos mais solícitos e, depois de um pequeno ceremonial, fomos tratados com honras oficiais pelos chefes guerreiros que vieram nos receber. Os índios convidaram-nos a pegar a barça e acompanhá-los ao longo da margem, até uma pequena angra na boca de um minúsculo riozinho de boa profundidade. O rio levava até a taba de sua tribo na bacia do Orinoco.

Ancoramos na angra. Os nativos foram chamar o cacique. Como nosso representante, mandamos o nosso primeiro piloto, o Ferdinando. Ele era filho de índia com português e tinha os traços característicos de mestiço. A sua missão era manifestar a solidariedade dos ingleses com os povos da Guiana na luta contra os espanhóis. Ele também deveria observar tudo que houvesse de aproveitável na aldeia.

Ferdinando prometeu voltar com mantimentos e outras coisas que nos faziam falta. No caminho, foi colhendo e provando o que havia de melhor na região. Saboreou frutos exóticos, aves raras, pratos típicos. Gostou, aprovou e abusou, sobretudo, do vinho local. Feito com muito aroma e artifício, eu também provei, gostei e aprovei.

O piloto levou consigo um meio-irmão, que nunca deixava sair de sua vista. Os dois prestaram atenção especial nos detalhes do trajeto, aprendendo nomes de lugares, povos e rios. Os irmãos chegaram na vila felizes com tantas maravilhas, mas se assustaram ao ver a taba iluminada e a tribo reunida no centro, com cara pouco amiga. Os caciques pareciam muito contrariados com a presença dos dois. Ainda que tivessem porte e pêlos de índio, Ferdinando e seu irmão vestiam botas, calças, camisas e andavam com trejeitos de homem branco.



Os índios que os trouxeram para a aldeia foram chicoteados até sangrar. Um chefe guerreiro avançou na direção dos dois intrusos, dizendo-se muito preocupado com aquela invasão de terras. Para que os europeus não se aventurassem mais por ali, ele sugeriu que se ensinasse uma lição a todos, matando os dois mestiços a pauladas. Suas roupas seriam penduras no alto das árvores às margens do Orinoco, para que outros cristãos pensassem duas vezes antes de seguir seu exemplo.

O piloto implorou pela sua vida, jurando ser índio de verdade. Fora seqüestrado por piratas ingleses ainda na infância. Sua mãe era descendente direta de um antigo rei de Amapaia, que detestava a montanha e foi morar na praia. Isto não convenceu os anciões da tribo. Chamavam Ferdinando de bandido vendido e traidor abominável. Seu irmão era dito uma vergonha a toda sua nação, por imitar e trabalhar para o homem branco. Aos empurrões, de dedo em riste, gritavam abusos sem parar nem para respirar. Seus gestos deixavam evidente que jamais poupariam a vida de qualquer índio que trouxesse europeus para seu território.

Não havia argumento que convencesse os selvagens das boas intenções dos cristãos, fossem ingleses, franceses, espanhóis ou portugueses. Para eles, o homem branco só vinha perturbar a paz. Saqueava as suas aldeias, roubava comida, ouro e crianças. Destruía casas, escravizava mulheres, apossava-se de terras e riquezas.

O nosso piloto e seu meio-irmão eram ex-acróbatas de circo, com corpos muito fortes. Arrebentaram os cipós que atavam seus pés e esperaram por um momento em que os índios se descuidassem dos presos. Ferdinando, que estava ao lado de um caldeirão onde ferviam água, achou um resto de pólvora nos bolsos da calça e jogou no fogo. A explosão assustou os nativos e os prisioneiros aproveitaram a confusão para fugir, desaparecendo na mata como que por encanto.

O irmão era melhor de marcha do que o piloto. Veio correndo pelo caminho de volta e, antes do amanhecer, chegou na enseada onde os esperávamos. Desesperado, sem fôlego, ele rogava a Deus por seu irmão Ferdinando, que ficara para trás. Se fosse recapturado pelos índios, seria executado naquela mesma noite. Nossa reação instintiva foi prender o único selvagem da tribo que ficara nos fazendo companhia, um índio velho, que acorrentamos pelo pescoço e trouxemos para a barça.

Deixei bem claro que ele pagaria com a vida se a sua tribo não nos devolvesse o piloto são e salvo. O velho pediu um bote para ir até a margem enviar uma mensagem à tribo através dos vigias das margens do rio. Foi acorrentado, com uma escolta de seis guardas. Na beira do rio, o velho começou a soltar gritos incrivelmente estridentes. Pedia a seus irmãos que deixassem o piloto em paz, para que ele também não perdesse a vida. Os índios responderam gritando e pulando de árvore em árvore. O cacique mandara pegar o mestiço vivo ou morto. Até soltara seus cães de caça na mata.

Ferdinando, porém, tinha desaparecido sem deixar rastro. Para muitos dos meus homens, fora devorado pelos bichos. O índio velho insistiu, pedindo ajuda com um grito que parecia ecoar por toda a floresta. O berreiro ressoou sem parar, com uma estridência paralisante. O índio velho foi interrompido pelo estalo de um corpo contra a água. Era Ferdinando, que despencara de uma árvore, caindo no rio. Veio nadando até a barca, são e salvo. Tinha atravessado a mata feito um macaco, de galho em galho. Estava exausto, morrendo de medo, fome, sede e sono.

A salvação do piloto nos fez ver o valor de manter o índio velho a bordo, para que a sua tribo não tentasse nada contra nós. Mandeí trazerem o índio de volta para a barca e acorrentá-lo junto ao mastro. Foi aí que nosso refém demonstrou também ser nosso



melhor piloto. O velho conhecia a região como ninguém. Sabia o percurso dos rios, a língua e tradições dos povos ribeirinhos, revelando-se o companheiro ideal para Ferdinando, que nos guiava baseado em memórias da infância.

Assim, resolvemos mantê-lo preso até concluirmos nossa descoberta. Ele seria devolvido ileso à sua tribo na volta, desde que nos levasse pelo caminho certo. Não tenho dúvidas de que, sem o índio velho, nunca teríamos chegado à Guiana, nem retornado aos nossos barcos. Depois da primeira semana de viagem, Ferdinando tornou-se honesto o suficiente para admitir que não sabia nada sobre a Guiana, nem entendia direito a língua dos nativos. Por isso, nunca tinha certeza do melhor caminho ou riozinho a ser seguido. O índio velho, por sua vez, raramente errava um palpite.

Naquele labirinto de ilhas e alagados, o próprio índio, que vivera ali a vida toda, seguidamente ficava sem saber por onde ir. Ele se confundia, se equivocava e voltava atrás a toda hora. Nestas marchas e contramarchas, o avanço era lento. Com o tempo que perdemos, entramos em contato com os tivitives, um povo que vivia pelas ilhas e margens dos banhados, córregos e alagados. Entre si, os tivitives se dividem em dois grupos, os ciauanis e os waraoutus.

O grande Orinoco, também dito Baraquan, tem nove afluentes maiores, desaguando nos recôncavos da margem norte do rio. Outros sete córregos de volume considerável deságuam na margem sul. No total, o Orinoco se liga ao mar por dezesseis braços d'água, esparramados entre ilhas e terras cortadas por lagunas enormes, nem sempre navegáveis, mesmo em botes pequenos como os nossos. As ilhas, entretanto, são muito boas. Algumas com as dimensões da Ilha de Wight, na Inglaterra, ou mesmo maior, entre muitas menores.

Pelo menos cem léguas separam o primeiro rio ao norte do último ao sul. Estes rios formam uma bacia com trezentas milhas de largura ao desembocarem no mar. Acredito que seja maior do que a boca do Amazonas. As ilhas à direita são chamadas Pallamos. As terras à esquerda são chamadas Hororotomakas, na língua dos waraos. Ali também encontramos o rio Macuri, utilizado por John Douglas para ir do Amana ao Capuri.

Na margem norte da baía, o Orinoco é habitado por tivitives de uma determinada tribo. A margem sul pertence a tivitives de outra tribo. As duas vivem em pé de guerra, disputando o controle das águas. Embora briguem muito entre si, os tivitives são considerados boa gente por seus vizinhos. Seus guerreiros são fortes como poucos, de grande desenvoltura física e voz de mando. No meio da mata, seus gritos assustam mais do que os dos bichos.

Estes foram os índios mais inteligentes que encontrei pela frente. Passam o verão em casas feitas sobre pedras do chão. No inverno, se protegem das cheias em casas construídas no alto das árvores. Dispõem de diversas "cidades suspensas", com construções de grande artifício. Isto está bem descrito na história espanhola das Índias Ocidentais citada anteriormente.

Os tivitives ocupam terras baixas perto do golfo de Urubá. Nesta região, entre maio e setembro, o Orinoco sobe até trinta pés. Com exceção do pico dos montes e copas da árvores, tudo fica embaixo d'água. Isso força os índios a viverem feito macacos na temporada das chuvas, movendo-se pela floresta de galho em galho.

Estes índios também se recusam a plantar para a sua subsistência. Comem só o que lhes dá a natureza, mesmo quando viajam por terras estranhas. Substituem o pão com o talo mais alto e macio do palmito. Tiram leite de cocos. Não faltam frutas, nem pássaros nas árvores. Na água, pegam peixe à unha. No verão, caçam

veados e porcos do mato. Gostam de carne fresca assada na brasa, mas rejeitam qualquer alimento fervido no molho, temperado ou curtido.

Se não fosse tão enfadonho falar mais nestas coisas, eu entraria em detalhes sobre as curiosas cores e formas adquiridas pela vida na mata virgem. Havia maravilhas por todo lugar onde puséssemos os olhos. Nunca vi, nem li ou ouvi sobre outra terra com tamanha pujança, abundância e extravagância. Um vigor refletido na solidez das montanhas de minério e na beleza frágil de cada flor e cada fruto.

Os índios ribeirinhos do Orinoco são descendentes de tivitives chamados capuris e macuris. São carpinteiros de mão cheia. Passam a maior parte do tempo cortando madeira para erguer casas. Também esculpem canoas muito boas no oco dos troncos. Os capuris vivem no alto das árvores ou em construções sustentadas por toras. Mesmo entre os galhos, têm casas sólidas e duradouras. Forradas de folhas e peles, são aconchegantes e resistem a qualquer temporal. Por ali, não há minas conhecidas, mas os índios têm muito ouro. Ganham fortunas em troca das casas e barcos que constroem para outros povos da Guiana.

A fama desta pequena indústria de construção dos selvagens se estendia por toda a região. Caciques de tribos distantes vinham até de Trinidad e Tobacco contratar carpinteiros capuris para reformar as suas vilas e povoados. Eram insuperáveis nos trabalhos com madeira. Ainda mais que viviam naquele ar denso, visguento de tanta umidade, com uma dieta simplória, onde a carne vermelha era rara na temporada das chuvas e só com muito esforço pegavam pássaros e peixes, pois usavam apenas as mãos e um porrete.

Estes índios não tinham roupas de corpo, nem nas partes íntimas. Cobriam só a cabeça, com colares de penas, que usavam feito as

abas de um chapéu sem topo. Por mais rara e curiosa que seja a sua aparência, devo confessar que, em minhas viagens e andanças pela Europa e Índias, nunca encontrei povo de tão boa índole, nem tão favorecido pela natureza. São altos, fortes, belos, ágeis, hábeis e destros. Artesãos admirados e guerreiros temidos por seus inimigos.

Os capuris vivem em conflito com seus vizinhos. Não deixam nação alguma se aproximar ou entrar em seu território, nem para caçar. Não toleram forasteiros, sejam cristãos ou canibais. Índio ou não, ninguém se arrisca a comerciar por aqueles rios sem uma boa escolta de proteção. Nos últimos tempos, entretanto, muitas nações capuris vêm resolvendo suas diferenças com os outros índios, com quem se unem para enfrentar os espanhóis.

Tratam seus guerreiros com grande respeito e admiração. Quando um cacique ou comandante morre em combate, seu corpo é trazido de volta para a taba e a sua perda é lamentada por todos. A cerimônia dura dias. Deixam o morto ressecar ao sol. Recolhem a carcaça e penduram os ossos na frente da casa onde residia. A caveira fica coberta de penas, suas pernas, braços e coxas enfeitados com pratos e braceletes de ouro maciço. A ossada fica ali, até um descendente do morto se destacar pela bravura, conquistando o direito de guardar os ossos e seus adornos.

Ferdinando, o nosso piloto meio-índio, contou muitas versões diferentes sobre suas raízes indígenas. Na história mais frequente, ele vinha de uma nação de arauacas ou aruacas das margens da bacia do Orinoco. Sua tribo, entretanto, tinha se espalhado por muitos lugares. Segundo ele, nem todos os índios costumam engalanar os mortos importantes, cobrindo seus corpos de ouro. Muitos trituram os ossos do falecido até virar pó, que misturam com um chá de ervas. A beberagem é servida aos amigos e mulheres do morto no dia que se reúnem para dividir os seus bens entre si.



Soldados espanhóis saqueiam aldeias indígenas



Índios da Guiana comerciam com europeus

Sáímos do porto dos ciauanis com a chegada da vazante. Pretendíamos tirar proveito da correnteza, ancorando durante a rasant. Só assim conseguiríamos ir em frente mais depressa, ainda que não muito rápido. No terceiro dia, o “galego” encalhou. Foi se enterrando num banco de areia até bater numa pedra. À primeira vista, nossa viagem de descoberta terminava ali. O pior seria seguir de bote, deixando sessenta homens entregues à própria sorte, tendo de sobreviver pelas árvores com os índios e os macacos.

Passamos a noite em claro, sem saber o que nos esperava. Ao amanhecer, nos enchemos de esperança. A barca parecia se soltar sozinha do fundo do rio, mas era uma ilusão. Tivemos que agir para que isso acontecesse. Retiramos toda a carga e o lastro do porão. Puxamos o casco para frente e para trás com cordas, até a quilha se mexer. Então, empurramos o navio no braço, até que voltasse a boiar. Na água, a barca se equilibrou bem, sem adernar para um lado. Vimos que não sofrera maiores estragos, tapamos os vazamentos e fomos adiante.

Poucos dias depois, demos com um dos maiores e melhores rios do percurso, o Grande Amana. Corre em linha reta, sem as curvas e caracóis dos outros. Bastava a maré baixar, entretanto, para a correnteza pulsar como o repuxo do mar. O Amana, nestas condições, não era de fácil navegação, principalmente rio acima. Só nos restou empregar todas as energias, remando sem parar contra a mais violenta das correntezas.

Não me ocorreu outra sugestão a não ser persuadir a companhia a agüentar o tranco. Teríamos de pegar no pesado empurrando o barco durante dois ou três dias. Aquilo esfolaria o couro de todos. Até chegarmos em águas mais calmas, soldados, ajudantes, mestres e oficiais se revezariam nos remos de hora em hora, mesmo que o corpo doesse de tanto fazer força.

A tentação para sair do Amana era grande. Todos os dias, cruzávamos pela boca de rios muito bons. Alguns caíam amplos e serenos a oeste, outros desaguavam turbulentos e pedregosos a leste. Não nomeio nem enumero estes e outros rios porque, mais tarde, pretendo elaborar uma carta topográfica com o mapa preciso da nossa viagem de descoberta. Neste mapa, os principais rios serão demarcados com o respectivo nome, nascente, curso, largura e comprimento. Sempre que navegáveis, os canais terão especificadas as medições de profundidade na cheia e na vazante.

No final do terceiro dia, os homens começaram a se desesperar. O clima estava insuportavelmente úmido e quente. Mesmo à luz do dia, nosso caminho era sombrio: as margens estavam cobertas por mata cerrada, mais parecendo uma muralha que não deixava passar ar fresco. A correnteza parecia cada vez mais forte, o barco cada vez mais pesado e os remadores mais cansados. Ninguém dava mãos a medir. Não se via uma praia onde se pudesse parar um pouco.

Colocamos o índio velho que nos servia de guia na ponta de espada. Exigimos que encontrasse imediatamente o rio tranqüilo, de corrente a favor e fundura perfeita que nos prometera para o terceiro dia. O índio pedia "calma, paciência", dizendo que era logo ali. Comandei-o a garantir em voz alta que encontraria o rio até a manhã seguinte. Ele disse que era logo ali, logo ali.

Os homens, exaustos, já vinham largando os remos diante de cada rio que desembocasse no Amana. O índio examinava as margens, pensava um pouco e anunciava com toda segurança que não era aquele, mas agora só faltavam mais três afluentes para chegarmos no rio que ele queria. Depois, faltavam só dois. Então, só faltava um e o próximo seria o nosso. Na boca do próximo, entretanto, o índio corrigia suas previsões, garantindo que não era aque-

le, mas tinha que ser o seguinte ou o em seguida depois daquele. Ou talvez faltassem mais dois ou três...

Todos gritavam abusos contra o índio, perguntando onde estava o canal que nos levaria ao caminho de Eldorado conforme o combinado. Para que não largassem os remos, eu tentava convencê-los de que, olhando bem, conforme avançávamos rio acima, a vegetação parecia ficar menos espessa. O bafo da floresta também diminuía.

Nada suavizava o nosso esforço. Trabalhamos o dia inteiro sem descanso, sob condições cada vez mais adversas. O pão estava no fim. A água de beber acabara. Estávamos rendidos nos remos, as pernas enrijecidas, as mãos em carne viva, com corpo e alma tomados de dores e dúvidas. Eu mesmo não via grande sabedoria na minha determinação em prosseguir naquela empreitada.

O calor aumentava com a proximidade da Linha do Equador. Seguíamos a uma latitude de cinco graus ao norte. Outros diriam que seria a nove graus da linha. O certo é que estava cada dia mais quente. Também estávamos cada dia com menos fôlego e o ar pesado nos dava uma fraqueza generalizada. Naquele momento, precisávamos de todas as mãos disponíveis. Os homens só descansavam desmaiando sobre os remos. Quanto mais avançávamos, mais a correnteza parecia resistir aos nossos barcos, que se jogavam para os lados com o repuxo.

A barça e os botes estavam cheios de homens famintos. As barcas-despensa, postas sob os cuidados dos capitães Gifford e Calfield, estavam completamente vazias. Comíamos apenas os peixes que caíssem na nossa única rede. O desespero diante do desconforto tomava conta de todos. Não fosse eu ter persuadido a maioria de que tudo passaria dentro de mais um dia, os homens teriam cruzado os braços, deixando o rio arrastar os

barcos em sentido oposto, fazendo de todo nosso esforço um grande desperdício.

O certo é que, se retornássemos pelo mesmo caminho, como tantos queriam, morreríamos de fome. Se algum de nós sobrevivesse, porém, seria muito pior. Morreria de vergonha, ridicularizado como covarde onde quer que o reconhecessem. A vontade de ir em frente renasceu ao vermos um canteiro de frutas nas margens do rio. Ajudamos os meninos de bordo a subirem nas árvores, colhendo os frutos maduros, muitos dos quais pareciam bons de comer. Caçaram algumas aves e recolheram muitos ovos de passarinho. Ainda descobrimos abundância de uma erva excelente para limpar as impurezas da água, quando preparada em fervura.

Os pássaros, de modo geral, eram muito saborosos, tanto assados na brasa como dissolvidos no ensopado. Tinham as mais diversas cores e formas. Vimos aves multicoloridas, com todo tipo de bico, tamanho e feitio. O mais impressionante era a intensidade do colorido das penas: encarnado, azul, carmim, púrpura, castanho escuro, castanho claro e muitas verdes, para se confundirem com as folhas das árvores.

Brincar com estes pássaros nas mãos e nos ombros, ou guardá-los em gaiolas como bicho de estimação, tornou-se o principal passatempo da minha companhia. Estas aves, quando domesticadas, se revelaram habilidosas e divertidas, além de nos servirem de alimento nos dias de chuva. Difícil era pegá-las intactas.

As armas do tipo espalha-chumbo ou passarinheiras as destroçavam, mas eram as únicas capazes de acertar naquelas aves, que se escondiam entre as árvores, confundindo-se com as folhas. Sem estes trabucos, teríamos sucumbido naquele suplício, pois não podíamos depender da pesca. Os troncos arrastados das margens pelas águas do rio abriam rombos nas redes, por



onde escapavam os melhores peixes. Não havia mais pão, nem farinha, só a água turva do rio para ferver com ervas e beber.

Mesmo amarrado e condenado, o índio velho que retivemos para salvar a vida de Ferdinando continuava nosso melhor piloto. Os outros nativos que trouxemos de Trinidad ou recolhemos pelo caminho sabiam menos do que nós sobre a entrada para a Guiana. O velho ciauani admitiu não reconhecer o rio que procurava, mas garantiu que, à nossa direita, passaríamos por outro, que nos levaria a uma cidade-entrepasto dos arauacas. Lá, conseguiríamos o quanto quiséssemos de farinha para pão ou panqueca, carne de galinha, peixe, vinho de frutos do mato e muitas outras coisas.

O rio começava largo, ficando estreito e raso pouco antes de chegar no povoado. Teríamos que ir de bote, deixando o "galego" ancorado no Amana. O índio velho falava com tanta convicção que acabou nos convencendo, o que não era difícil, considerando a nossa fome. Pelo que disse, partindo ao meio-dia, estaríamos de volta à meia-noite. Fiquei entusiasmado, querendo partir em seguida.

A maioria, porém, resolveu que eu não deveria me arriscar na jornada. Então, despachei a barça com oito mosqueteiros. Logo atrás, vieram o capitão Gifford com quatro homens no seu escaler e o capitão Calfield com outros tantos num bote. Fiquei no galego, supervisionando alguns reparos e revendo minhas anotações de viagem.

Certos de que a cidade não seria muito longe, os homens entraram no rio pensando em voltar no mesmo dia. Ninguém se preocupou em trazer qualquer tipo de alimento. Remaram três horas ininterruptas, cercados por pedras, árvores e aves gigantes, que davam vôos rasantes sobre suas cabeças, mas nem um sinal de vida humana. Perguntaram ao índio onde estava a cidade arauaca. Ele

insistiu que era um pouco mais adiante. Remaram outras três horas. Quando o sol se punha, começaram a desconfiar do índio. Ele estaria enganado ou enganando a todos?

O primeiro sinal de que o guia preparava uma cilada surgiu numa conversa casual, quando contou que, agora, uns espanhóis foragidos de Trinidad e outros fugidos de Granada viviam na província de Carapana. Eles teriam inclusive um porto na beira de um daqueles rios. A noite pegou-os no meio do percurso. Pararam numa praia, mas, para conseguir dormir, tiveram que acorrentar o índio no barco, com medo que ele fugisse e os entregasse aos foragidos espanhóis.

Na manhã seguinte, exigiram que o piloto desenhasse um mapa mostrando aonde estava levando os barcos. Ele disse que o lugar ficava um pouco mais adiante, mas não era verdade. Continuaram remando sem ver vila ou povoado. De coração partido diante de tanta adversidade, os homens começaram a discutir entre si. Muitos queriam desistir, negando-se a se afastar mais de quarenta milhas do barco deixado no Amana. Por sorte, os mestres agiram para acalmar os ânimos da maioria, evitando um motim.

Detiveram e desarmaram os remadores e mosqueteiros que mais reclamavam. Em seguida, condenaram o piloto à morte pela força, como se costuma fazer com traidores. Se soubessem percorrer o caminho de volta à noite, ele dificilmente retornaria com os barcos. A precariedade da companhia e a contrariedade das circunstâncias, no entanto, garantiram a vida do índio.

A noite era escura como carvão. Estavam na passagem mais estreita e rochosa do rio. As árvores das margens cobriam seu leito de lado a lado, a ponto dos homens terem de abrir caminho a facão para passar com os barcos. Só o índio sabia tirá-los dali. Tudo isso contribuiu para que adiassem a execução do guia por mais um dia.



Sem saber em que ponto do rio dar meia-volta, seguiram em frente à procura de uma praia para desembarcar. Eram oito horas da noite. Seus estômagos roncavam ruidosamente. A última coisa que comeram fora um rápido café com biscoito pela manhã, pouco antes de entrar naquele rio, no dia anterior. Remavam sem convicção.

O velho ciauani pedia que não parassem, repetindo que faltava pouco, muito pouco para chegarem. Mandou cortar caminho por um alagado à direita, seguido de outro à esquerda. Depois de muitas e muitas voltas naquele labirinto de canais, finalmente surgiu ao longe o que parecia ser a luz de uma fogueira. Os homens foram naquela direção.

Uma hora depois da meia-noite, ouviram os latidos dos cães da vila. Desconfiaram que poderiam estar se aproximando de um posto avançado espanhol. O piloto jurou que não, guiando os barcos até uma pequena praia escondida. Desembarcaram, desamarando o índio para que fosse conversar com a tribo do povoado, sob a custódia do nosso meio-arauaca Ferdinando e seu irmão.

Voltaram com boas notícias. A cidade estava quase vazia. O cacique tinha embarcado com seu exército numa viagem de quatrocentas milhas. Foram para a boca do Orinoco traficar com os caráibas. Aqueles índios compravam mulheres a peso de ouro. Muito mais tarde, já no porto de Morequito, as canoas desse mesmo cacique passaram por nós. Infelizmente, não as reconhecemos a tempo de fazer contato. No porto, um índio da sua tribo nos deu a entender que o cacique voltava apressado, pois trazia cerca de trinta mulheres novas, além de um bom estoque de tecido de algodão para forrar "hamacas" feitas de corda.

O índio velho recomendou que os homens não entrassem na cidade sem autorização do cacique, para não assustar os velhos e as



crianças. O estado geral de penúria em que os homens se encontravam, entretanto, não permitia maiores considerações com o protocolo. Entraram na vila vorazes, vasculhando a taba toda atrás de comida.

Descobriram a despensa da tribo na casa do cacique. Ali, conseguiram boa quantidade de pão, peixe salgado, galinhas e uma bebida semelhante à nossa cerveja. Comeram e beberam até dizer chega. Terminaram pegando no sono ali mesmo, só despertando com o calor do sol.

Já era quase meio-dia quando receberam as suas encomendas. Trocaram facões gastos, pistolas emperradas, cintos e coletes de couro por todo tipo de coisas que os índios tivessem a oferecer. Os mosqueteiros foram transferidos para a barcaça, pois os botes ficaram esturricados de comida. Voltaram para a galeota no Amana bem comidos, alegres e divertidos.

Neste percurso, quase não precisaram dos remos, sendo carregados pela correnteza rio abaixo. A viagem, porém, terminou mais longa, porque os homens ficaram encantados com a beleza da paisagem que circunda o caminho de Eldorado. Até ali, tudo que haviam visto da Guiana fora uma mata espessa de macegas e espinheiras. A floresta, porém, escondia as riquezas da terra. Nas margens daquele rio, a mata dera lugar a prados e campos com vinte milhas de extensão, cobertos de jardins, hortas e pomares.

De quando em quando, o descampado do vale era interrompido por um capão de árvores, esculpido com harmonia perfeita, revelando a arte e o esmero de um exímio jardineiro. Veados selvagens pastavam tranquilos nos banhados. Juntavam-se em pequenos grupos, tão bem comportados como um rebanho de ovelhas e cabras treinadas por um pastor. O céu azul era entrecortado pelo vôo de pássaros multicoloridos.



Peixes estranhíssimos, espantosamente grandes, chocavam-se contra o fundo dos botes. Mais que peixes, eram lagartos de pele dura. Eram tantos que o rio recebeu o nome de Lagartos. Tinha abundância de jacarés, crocodilos, cobras, serpentes e, é claro, todos os tipos de lagartos. Ficavam irreconhecíveis, boiando à espera da presa, com a mesma aparência de troncos e toras.

Um negro que eu trouxera como pajem — bom sujeito, jovial, atlético e muito cordato — não deu maior importância à habilidade daqueles bichos para se confundirem com as árvores de casca grossa arrancadas das margens pela correnteza. Nadador exímio, ele estava convencido que lagarto algum conseguiria lhe pegar, dentro ou fora d'água.

Para provar a sua audácia, o negro botou uma faca entre os dentes e pulou do alto do navio para o fundo do rio. Desapareceu para sempre, antes de dar duas braçadas. Foi despedaçado por três ou quatro jacarés que há dias boiavam inertes ao redor do barco.

Depois deste incidente, a tripulação do “galego” preocupou-se ainda mais com a demora dos botes. Tentei acalmar os ânimos, dizendo que estávamos numa zona cheia de imprevistos, mas minha intuição indicava que não enfrentavam dificuldades. Se demoravam, é porque algo bom teria acontecido. Os marinheiros, por outro lado, achavam que eles tinham, no mínimo, se perdido. Afinal, todos os rios se pareciam e o índio velho garantira que estariam de volta na noite anterior.

No segundo dia de espera, o capitão Whiddon pegou um bote do “Filhote de Leão” e saiu à procura dos outros rio acima, com quatro mosqueteiros e dois remadores. Por sorte, Whiddon cancelou a busca devido ao mau tempo, pois os homens retornariam no final da tarde. Como eu previra, o atraso tinha um bom motivo. Ficaram remando no rio Lagartos, a fim de observar a natureza e

mapear melhor a geografia privilegiada da região que descobriram. Enquanto contavam a sua longa história, a tripulação do “galego” fez a festa com as comidas e bebidas que trouxeram.

Ficamos mais um dia ancorados no Grande Amana. Uma vez reabastecidos, descansados e bem humorados, retomamos a busca de uma entrada para a Guiana. Um daqueles rios nos levaria ao caminho de Eldorado. Uma semana depois, suspendemos a procura. Estava acabando a carne salgada e resolvemos parar para uma caçada e um assado de carne fresca.

O capitão Gifford foi na frente com os botes. Estava numa das margens, verificando onde seria mais seguro ancorar o “galego”, quando viu quatro canoas descendo o rio. Não foi sem satisfação que os homens saíram em seu encalço. Forçaram duas canoas a encalharem na margem. Os tripulantes abandonaram seus pertences e correram para o mato. Gifford desembarcou e foi atrás. As outras duas canoas aproveitaram a confusão e desapareceram em alguma cova ou enseada que não reconhecemos.

As canoas apreendidas estavam cheias de pão de mandioca. Pertenciam a índios arauacas que iam comerciar na ilha de Margarita e outros portos das Índias Ocidentais. As canoas que escaparam transportavam três espanhóis e outras mercadorias. Eles já sabiam da prisão do governador de Trinidad e, antevendo a conquista da Guiana pelo ingleses, resolveram fugir o quanto antes.

O arauaca que pilotava uma das canoas nos descreveu os passageiros. Um era cavalheiro de certa estirpe, que se dedicava ao comércio. Outro era um soldado condecorado pelo rei da Espanha, que dava proteção a viajantes. O terceiro era refinador de ouro.

Em vez de perseguir os espanhóis, Gifford preferiu voltar com o carregamento de pão. Ele sabia que, na nossa situação, só mesmo ouro seria mais bem-vindo do que aquele pão de excelente qualida-



de. Depois de saboreá-lo, os homens gritavam de prazer. Queriam ir em frente, dispostos a tudo para encontrar as minas e campos dourados de ouro e mandioca da Guiana.

Ao ficar sabendo dos fugitivos, peguei a barça e, acompanhado de 12 mosqueteiros, mais os capitães Calfield e Henry Thyn, fiz Gifford nos levar aonde as canoas desapareceram. Chegando lá, mandei Gifford e Thyn para um lado, seguindo por outro com o capitão Calfield. Dei instruções para capturarem quem estivesse se escondendo na mata. Eu vasculhava umas macegas com meu sabre, quando reconheci um cesto de palha disfarçado embaixo de uns arbustos.

Vi logo que era uma cesta de refinador. Tinha vidros de mercúrio, salitre e outras substâncias utilizadas no teste de metais preciosos. Encontrei também um pouquinho de ouro em pó, concluindo se tratar apenas do excesso de alguma amostra que ele teria purificado. A carga de peso estaria numa das duas canoas que nos escaparam.

Mandei o resto dos homens desembarcarem. Ofereci quinhentas libras esterlinas pela captura com vida de qualquer um dos três espanhóis. Eles ainda deveriam estar por perto. Apesar do empenho de todos, o esforço se revelou inútil. Os mosqueteiros se embrenharam no mato, rasgaram suas roupas, mas não encontraram nem rastro.

Deviam conhecer aqueles meandros da mata, pois eram traficantes com grande experiência na região. Estavam preparados para a eventualidade de um assalto. Confundiram os nossos homens, entregando as canoas maiores, que vinham cheias de pão, enquanto fugiam nas canoas menores, onde levavam o ouro. Para ganharem tempo, ainda atiraram coisas pessoais no mato, dando a impressão de estarem escondidos por ali.

Não encontramos os galegos, mas prendemos os arauacas que lhes serviam de remadores. Estes sim estavam escondidos no alto de uma árvore. Detive apenas o mais graduado. Um índio sorridente, falante e desinibido, que veio conosco quase voluntariamente e ainda nos seria de grande serventia como co-piloto.

Conversando com ele, tomei conhecimento dos lugares preferidos pelos traficantes espanhóis, portugueses, holandeses e franceses. Identifiquei onde havia mais comércio e onde os espanhóis já tinham escavado à procura de ouro. Fiquei sabendo da existência de vários veios fáceis de achar, mas difíceis de extrair da terra.

Anotei tudo cuidadosamente. Por medida de segurança, porém, guardei estas anotações longe do diário de bordo e não revelei o que aprendi para a tripulação, nem mesmo aos oficiais. Ainda proibi o índio de tocar no assunto com quem quer que fosse. Havia minas bem próximas de onde estávamos. Se os homens descobrissem isso, ficariam ansiosos e gananciosos, despertando desejos de riqueza muitas vezes incontrolláveis.

Naquele momento, por mais que quiséssemos ouro, seria um erro procurar as minas. Não estávamos preparados para a exploração frutífera de qualquer jazida. Era outono e os rios começavam a subir de maneira imprevisível. As minas mais ricas e promissoras ficavam embaixo de montanhas de pedra dura, revestidas de mica ou "madre del oro". Rompê-las, não era como quebrar gesso ou espato branco. Requeria tempo, homens e instrumentos de que não dispúnhamos.

O mais indicado, portanto, era não ficar me dispersando por ali, justamente por haver tanto ouro à nossa volta. Se a tripulação percebesse que eu estava tentando achar a posição de uma mina, não arredaria pé antes de encontrá-la. O sucesso ou fracasso de uma tentativa precipitada desta natureza, por outro

lado, percorreria os portos da Europa, tornando conhecida a localização das minas descobertas e despertando o interesse de navegantes e aventureiros.

Em pouco tempo, haveria barcos e navios de exploradores vindo dos quatro cantos do mundo à procura do ouro da Guiana. Levar meus homens até as minas equivaleria a facilitar futuras visitas de outras nações. Se um dos nossos caísse nas mãos de um país inimigo e não resistisse às suas torturas, ele se veria forçado a pilotar suas armadas até lá.

Assaltar uma mina já escavada pelos índios para satisfazer os instintos dos que só respeitam o lucro imediato também seria um erro. Tomaríamos uma mina e perderíamos todas as outras, jogando fora o meu esforço de conquista dos povos da Guiana pelo bom tratamento, para que nos abram o caminho de Eldorado. Tal ato de violência e insolência, por parte de um visitante que se dizia tão amigo, faria as tribos fronteiriças perderem a boa vontade conosco. Seu interesse pelo afeto e proteção dos ingleses se transformaria no mesmo rancor e desprezo que sentem pelos espanhóis.

Acumulavam-se boas razões para não me demorar juntando um pouco mais de ouro, mesmo sabendo que, na Inglaterra, muitos me condenariam por esta decisão. Estes, porém, nunca cruzaram os trópicos, nunca enfrentaram a fúria daqueles rios na época das cheias. Nós resistimos mais de um mês em pequenos botes — sem qualquer contato com os meus navios deixados quatrocentas milhas para trás. Quem já se aventurou pelas Índias Ocidentais, certamente sabe que qualquer outro teria retornado muito antes, mesmo que as montanhas de ouro da Guiana lhes enviassem sinais de luz refletindo ao sol.

Não me aventurar por perto destas minas, pelo menos nesta primeira viagem, também me pareceu essencial para a conclusão



vitoriosa da nossa descoberta. Se revelasse o caminho das minas a qualquer um, inclusive meus homens de confiança, colocaria em risco não só os interesses da rainha, mas a vida de todos sob o meu comando. Um capitão menos preocupado com o desperdício da vida dos outros teria agido como tantos, que buscam o lucro rápido a qualquer custo.

Foi sugerido, por investidores, comandantes e navegadores, que um assalto relâmpago às minas mais próximas do rio Amana encheria os nossos bolsos e os porões dos nossos barcos. Isto é correto. Eu recuperaria os gastos desta viagem, mas dificultaria muito o lucro das próximas. Bastaria agredir uma, para que todas as tribos da Guiana parassem de nos ajudar. Em vez de nos adorarem e nos tratarem como anjos guerreiros enviados para protegê-los por um deus branco, passariam a nos perseguir e atacar como se fôssemos o diabo loiro.

Na Inglaterra, uma atitude como a minha não é considerada inteligente ou de bom senso pecuniário. Já que o ouro abundava por todos os lados, eu poderia ter ao menos traficado com os índios até amealhar um bom peso do metal precioso. Limitamo-nos, entretanto, a recolher apenas quantidade suficiente para provar a sua existência e justificar um esforço maior na conquista da Guiana, a fim de abrir o caminho de Eldorado aos mercadores ingleses.

Só quem nunca andou por aqueles rios sugeriria prolongar a viagem. Os afluentes do Orinoco, dos maiores aos menores, levantavam-se de uma hora para outra. O mesmo riacho que nos deixava com água pelas canelas de manhã, nos deixava com água até o pescoço antes do sol se pôr. Escavar a terra com as unhas à procura de ouro era *opus laboris* nada *ingeniosus*. Um ato de muito empenho e pouco engenho, porque o ouro da Guiana está encravado embaixo das pedras.



Disse e repito sem medo de errar: não ganharíamos muito estendendo a nossa permanência para saquear tribos ou procurar minas. Reuniríamos um bom peso de ouro sem maiores dificuldades, mas perderíamos o que não tem preço — o amor e a cooperação dos índios. Abriríamos caminho até uma mina, mas perderíamos os guias que nos levariam a muitas outras. Nossa aventura ainda exporia os tesouros daquela terra à cobiça de aventureiros de qualquer nação.

Além disso, o ouro que conseguiríamos trazer nos botes seria pouco para uma partilha farta entre nós, tornando-se muito menos, se comparado com a partilha de todas as riquezas da Guiana. Portanto, não trouxe grande fortuna porque não quis, porque coloquei a segurança de todos e os interesses de Sua Majestade acima do proveito próprio. Não abri mão, porém, do meu lucro pessoal. Apenas pus os meus olhos mais longe, vendo, no futuro, recompensa muito mais valiosa do que ganharia no presente.

Até nos conhecerem de perto, os índios que detivemos achavam que éramos bárbaros sanguinários e que, nas nossas mãos, sofreriam uma morte horrenda. Muitos consideravam os luteranos ateus medonhos e cruéis. Estas invencionices mal-intencionadas foram espalhadas por missionários católicos para confundir os nativos, convencendo-os de que todos os europeus eram iguais aos espanhóis. Por muito tempo, os arauacas evitaram qualquer contato com o homem branco. Nunca se aproximavam muito, não se dispondo sequer a conversar de longe.

Em relação aos ingleses, pelo menos, os pobres coitados foram pouco a pouco mudando de atitude. Alguns aceitaram provas dos nossos pratos, constatando que comíamos carne de caça como eles. Perdendo o medo inicial, os índios se aproximaram. Viram que não maltratávamos nossos presos nem nossos bichos, ainda

dividíamos com eles o que tivéssemos para comer. Assim, foram se dando conta de quanto (e por que) os espanhóis tinham mentido sobre os nossos hábitos.

Os índios terminaram nossos amigos, concluindo que a grande ameaça a sua segurança vinha dos espanhóis. Eles é que assaltavam as suas aldeias para roubar seu ouro e suas mulheres. Diariamente, os povos da beira-mar perdiam esposas e filhas para soldados do rei da Espanha, que chegavam de barco e as laçavam na praia feito gado. Os galegos não só escravizavam as índias, mas se serviam delas para satisfazer seus instintos mais baixos. Impunham suas vontades pela força bruta, praticando as sevícias mais perversas de que se tem notícia.

Eu garanto, diante do Deus vivo, que ninguém da minha companhia empregou métodos violentos ou cruéis para conquistar ou subjugar qualquer uma das mulheres da Guiana, mesmo tendo centenas delas ao nosso alcance. Muitas eram novinhas, mas fortonas e extremamente bem-dotadas. Outras eram delicadas, sorridentes e cordiais. Todas ficavam à nossa mercê, fazendo pose quase nuas. Nada conquistaria mais amor e admiração daqueles índios do que esta conduta.

Proibi terminantemente a todo e qualquer membro da minha tripulação de se apossar de uma batata ou pinhão que fosse, sem consentimento ou compensação dos nativos. Meus homens não tinham permissão nem para olhar ostensivamente as jovens, fossem filhas ou esposas dos índios. Para as tribos do Orinoco, esta nobreza de atitude foi o que melhor diferenciou a cordialidade e autocontrole dos ingleses da tirania temperamental dos espanhóis, que não conheciam limites para os seus apetites.

Aqui, confesso que não foi fácil ficar atento aos mais afoitos e inescrupulosos. Toda vigilância era pouca. Seguidamente alguém

roubava ou danificava propriedades dos índios sem um bom motivo. Estes malignos se fingiam de bonzinhos para iludir as tribos. Conversavam feito velhos amigos, convencendo-os a convidá-los para visitar suas tabas, algo que eu não tinha como impedir. Lá, aproveitavam um descuido do anfitrião e embolsavam gargantilhas e amuletos de ouro. Para corrigir estes excessos, só me restava enviar nosso interprete até estas aldeias pouco antes de partir, com ordens de averiguar as perdas ou estragos causados pelos homens.

Na volta, o intérprete identificava os que saquearam ou se apropriaram de qualquer coisa pela força e intimidação. Feito isso, eu punia os responsáveis. Primeiro, acorrentava-os uns aos outros. Depois os levava até a aldeia, colocando-os na frente dos índios. Os ladrões eram obrigados a devolver tudo que tinham roubado. Caso já tivessem vendido o furto, tinham que compensar os lesados, oferecendo seus pertences pessoais para a vítima escolher o que quisesse.

Bem ao contrário dos espanhóis, que se portavam como donos da terra, aterrorizando os índios, os ingleses cultivavam a coexistência pacífica com os selvagens. Respeitávamos seus costumes, religiões, tradições, seus chefes e regimes de governo. Exigíamos, entretanto, igual respeito e admiração à nossa majestosa e magnânima Elizabeth I da Inglaterra.

Os nativos admiraram-nos muito ao saberem que combatíamos os espanhóis há décadas, atacando-os e derrotando-os em várias ocasiões. Não fazia muito, destruíramos uma grande armada que tentara atacar nosso pequeno país. A vitória mais recente fora na minha passagem por Trinidad. Assaltamos o porto de San José, prendemos o governador e botamos fogo na cidade. Opondo a candura dos ingleses à insolência dos espanhóis, conseguimos furar o bloqueio criado na mente dos índios que, até nos conhecerem, rejeitavam contato com cristãos de qualquer nação.

Voltando ao rio Amana, acomodamos a carga das canoas apreendidas no chão do “galego” e admiramos a fartura. Tinha pão de mandioca e grande quantidade de uma raiz succulenta, saborosa e consistente como a carne branca. Dita papa, papata, patata ou batata, é excelente para engrossar o creme da sopa ou assada feito caça.

Devolvi uma das canoas para os arauacas que viajavam com os espanhóis. Com a canoa, também dispensamos o velho índio ciauani que nos guiara até ali. Ferdinando, o meio-índio arauaca que viera conosco de Trinidad, também quis voltar para a sua tribo. De todos os nativos a bordo, ficamos apenas com o principal, o piloto das canoas apreendidas, que atendia pelo nome de Martin.

Antes de deixá-los partir, mandei nosso cozinheiro preparar um farnel com tudo que considerasse necessário. Para chegarem nas suas respectivas tribos, os índios teriam que descer o Orinoco até o mar. Diante disto, escrevi uma carta de salvo-conduto, que deveriam apresentar à tripulação nos nossos navios maiores na boca do rio.

Eles se comprometeram a entregá-la e, por sorte, o fizeram. A carta salvou suas vidas. Sem ela, a tripulação veria um dos nossos balaies com o farnel na canoa e prenderia a todos, achando que os índios estavam fugindo depois de roubarem nosso destacamento rio acima.

Prossigui pelo vale do Orinoco, tomando as passagens escolhidas pelo arauaca Martin. O excesso de confiança nos seus palpites foi precipitado. Ele conhecia muito bem o rio de canoa. Pouco ou nada entendia de navegação com barcos como os nossos, que requeriam mais água e espaço de manobra para os remos. No segundo dia, voltamos a tocar no fundo do rio com o “galego”.

O casco trancou em areia fofa e foi afundando. Os homens pularam fora. Mandeí retornarem a nado para retirar a carga. Obe-

deceram com relutância, jogando metade fora por negligência. Passamos a noite escavando o leito do rio para soltar a areia que prendia a barca. Nosso desespero aumentou de manhã, quando vimos que o rio não subiria o suficiente para desprender o fundo, como acontecera na primeira vez em que encalhamos.

Nossas esperanças pareciam alucinações descabidas diante da grandiosidade do desastre. Muitos temiam que, de bote, não conseguíssemos cruzar a barra do Orinoco para voltar aos nossos navios maiores em mar aberto. Precisávamos salvar o barco para sair dali com vida. Seguramos a galeota com estacas para que não fizesse água pela portinhola dos remos.

Cravamos uma âncora no seco para que emborcasse menos e tentamos salvar o navio no braço. Ficamos horas empurrando e puxando as laterais com cordas. O barco não parecia se mexer para lado algum. Fizemos força a noite inteira. Mais uma vez, fomos salvos pela maré, que subiu bruscamente. O rio encheu e o "galego" boiou, arrastado pela correnteza.

Consertamos rapidamente os estragos causados pelo acidente e zarpamos aproveitando a cheia. Resolvemos continuar mais um pouco rio acima, atraídos pelo topo cintilante de montanhas não muito distantes. O arauaca Martin teve uma influência nefasta neste sentido. Sem querer, revelou que estávamos bem na região das minas de topázio e ametista.

Não tive como convencer nem a mim nem aos outros de que ganharíamos mais indo embora. Estávamos exatamente onde queríamos chegar. Seguimos duas semanas cercados por mata cerrada, sem encontrar nem traço de pedras preciosas. Mais uma vez, os homens falavam em enforcar o índio que nos pilotava.

No décimo quinto dia, esquecemos nossas agruras, ao contemplar a primeira montanha de cristal. Os homens se convence-

ram de que realmente estávamos a caminho de Eldorado. Naquela noite, o ar foi afinando. O clima ficou mais fresco e suave, com uma brisa agradável. O rio se tranqüilizou e a tripulação festejou a descoberta da terra prometida. Os primeiros raios de sol também nos indicaram que o rio por onde tentávamos nos aproximar das montanhas enroscava-se pela mata, retornando às margens do Orinoco, sem nos levar a lugar algum.

Queríamos voltar à montanha por outro canal, mas fomos distraídos por três canoas que saíram de um riozinho lateral. Tentamos chamar a atenção fazendo sinais de amigo, mas seus tripulantes não corresponderam. Então, mandei um destacamento fazer contato com os canoeiros, ainda que à força.

Não tivemos sorte. Os índios foram mais rápidos. Duas canoas desapareceram pelos pequenos canais que recortam a selva nas margens do rio. A terceira conseguiu entrar no Orinoco, afastando-se com a correnteza a favor. Depois, aproximou-se da margem direita e sumiu.

Esta última canoa fugiu a oeste, achando que seguiríamos a leste, em direção à província de Carapana. Esta rota é a preferida dos espanhóis que trafegam e traficam por ali. Para eles, qualquer outro caminho leva ao extermínio pelos índios da Guiana. Incapazes de reconhecerem as nossas cores ou as armas e brasões ingleses das bandeiras, os nativos facilmente nos confundiam com espanhóis.

Para esclarecer este mal-entendido, saímos da rota e fomos atrás dos índios, cercando a saída dos rios menores por onde pudessem voltar ao Orinoco. Despachamos destacamentos para as margens, com ordens de capturar os selvagens que encontrassem. Como os índios não mostrassem as caras, nosso intérprete começou a gritar que éramos ingleses, amigos e aliados dos nativos contra os espanhóis, por quem sentíamos ódio mortal.



Vendo que um dos nossos até falava a sua língua, os arauacas foram perdendo o receio inicial e responderam, grunhindo qualquer coisa sem sair de seus esconderijos. Conversaram mais um pouco com Martin e concordaram em vir a bordo do nosso "galego", o maior navio que já tinham visto nas águas do Orinoco.

Durante a visita, entrei os guerreiros o melhor que pude. Bebemos vinho silvestre até de madrugada, fumando o melhor tabaco que eu trouxe das Índias. Os índios ficaram cada vez mais amigáveis e solícitos. Voltaram na manhã seguinte, para nos ensinar a caçar e pescar à sua maneira. Saíram de bote com alguns dos nossos, desaparecendo pelo arvoredo que cobria o rio.

Retornaram com grande estoque de peixe para salgar e mais ovos de tartaruga do que conseguiríamos comer. Com sol a meio-céu, pediram licença para buscar seu cacique, prometendo voltar com abundância de tudo que quiséssemos. Como prova de confiança, ainda se ofereceram para deixar conosco um indiozinho, que nos ajudaria no que estivesse a seu alcance.

Àquela noite, o piloto ancorou o barco numa enseada onde desembocam três rios caudalosos. O Amana, por onde andáramos, chegava do norte. Os outros dois eram bifurcações do Orinoco, cruzando a oeste. Ali, encontramos as primeiras praias boas no coração da selva. Também encontramos milhares de ovos de tartaruga. Bem fervidos, eles satisfaziam mais do que carne. Desembarcamos para esticar as pernas e repor as energias, enchendo a pança. Aproveitei o contentamento geral da companhia para fazer uma incursão pelas terras fronteiriças à Guiana.

Ao amanhecer, fomos acordados com a chegada do cacique. Veio com meia dúzia de canoas cheias de tudo que tínhamos encomendado. O lorde e senhor daquela província se chamava Toparimaca. Trouxera consigo trinta ou quarenta guerreiros, mas anun-

ciou que sua missão era de paz. Os guerreiros vieram de curiosos. Presenteou-me com uma canoa abarrotada de frutos da terra. Também nos ofereceu vinho, pão, peixe e carne fresca. Cancelamos nossa marcha e nos entregamos a mais um dia de comilança.

O cacique amigo provou o meu vinho espanhol. Gostou muito, acabando rapidamente com os garrafões que eu apreendera em Trinidad. Também saboreou com prazer um pedaço de presunto defumado. Para ele, o vinho e o presunto eram o que os espanhóis tinham de melhor a oferecer para a humanidade.

Conversamos longamente sobre o caminho de Eldorado. Ele prometeu me ajudar a chegar lá, mas pediu que, antes, o levássemos até o porto da sua cidade a bordo do "galego", pois sempre quisera viajar num barco europeu.

Do porto, seguimos uma milha e meia a pé, abrindo caminho na mata a facão. Na aldeia, fomos recebidos com jarros de vinho silvestre. Bebemos aquele suco de pimenta fermentado em muitas ervas estranhas até ficarmos incontrolavelmente alegres e estabados. Esse vinho, feito com sumo purgado e depurado de frutos do mato, era envelhecido em grandes potes de barro de dez ou doze galões, ficando alicorado e cristalino.

Nunca é demais registrar o apetite dos arauacas pelas bebidas fortes. Quase todos os dias, a tribo fazia uma festa, onde todos se banquetavam por horas a fio. Na opinião dos meus homens, que também eram bons de copo, os aruacas são os maiores bebedores do mundo. Depois de encherem a cara, ficam lentos e contemplativos, mas não parecem bêbados, nem caminham cambaleando, por mais encharcados que estejam.

Na aldeia, encontramos outros dois caciques. Um deles vinha de longe para comerciar com os povos ribeirinhos do Orinoco. Seus botes — cheios de arqueiros, remadores, coisas, mulheres e



Índios do Amazonas fumando



Festa de índios da Amazônia

crianças – eram tantos, que praticamente ocupavam toda a costa da enseada. O seu povo vivia espalhado pela floresta. Não tinha aldeia ou povoado. Quando alguém sentia sono, amarrava a sua rede ou “hamaca” em duas árvores e ficava morando por ali mesmo. O outro cacique viajava totalmente sozinho. Vinha da vizinhança, era um velho amigo e seguidor dos conselhos do grande Toparimaca.

Os dois caciques passavam dia e noite comendo e bebendo, sem sair das suas “hamacas”, que eram forradas com pano duplo de algodão. Tinham duas mulheres o tempo todo a sua disposição. Elas colocavam seis copos e um garrafão de vinho a sua frente. Cada cacique bebia de três em três copos, mal esperando que as mulheres voltassem a enchê-los. À noite, convidavam outros membros da tribo a se aproximarem e continuavam bebendo até se emborracharem, caindo no sono onde estivessem.

O cacique forasteiro não permitia que a sua esposa principal desembarcasse em terra alheia. A princesa ficava sob a guarda de doze arqueiros, numa barca ancorada no meio do porto, não muito longe dos nossos barcos. Mais tarde, quando a vi de perto, entendi por que o cacique não a deixava andar solta ou desprotegida: era mulher com feições e feitio de beleza que eu jamais reveria na vida. De boa estatura, olhos e cabelos negros, tinha corpo bem fornido e bem torneado, com contornos gentis e sensuais, da melhor aparência e consistência. Sua vasta cabeleira ia quase a seus pés, trançada em pequenos nós.

Aquela esposa do cacique também estava longe de ser discreta ou cordata como as suas outras mulheres. Inconformada com a sua exclusão da festa dos chefes, fazia uma festa dos serventes, onde era o centro das atenções, reunindo convidados em canoas ao redor da sua. Mandou seus criados aos nossos barcos chamar os marinheiros para beber com ela. Não só proibi isso, mas ameacei

os infratores com castração sumária. Para não ofendê-la, entretanto, fui pessoalmente agradecer o convite em nome de todos.

Ao me receber, a esposa do cacique demonstrou compostura de grande dama, revelando-se mulher de convívio muito agradável. Ela sabia e não escondia que era bela, lançando olhares lânguidos a seu interlocutor. Pegava na mão do intérprete para ajudá-lo com as palavras, ainda que isto o deixasse tremendo de nervoso. Nunca vi fêmea tão maliciosa e caprichosa. Não fosse pela cor da pele, eu seria capaz de jurar que se tratava de uma dama da corte da Inglaterra.

A localização da cidade de Toparimaca era muito especial. Sobressaía-se no alto de uma colina, com uma vista espetacular da floresta. As casas ficavam cercadas por um jardim com raio de uma milha. Neste cinturão verde, dois lagos luminosos, com excelentes reservas de peixe, espelhavam a cidade, que chamavam Arouacai, a “ilha do jaguar”. Pertencia à tribo dos nepoios, cujos caciques reconhecem Carapana como chefe supremo.

Vi muita gente de idade avançada por ali. Velhos magrelas, com veias e ossos saltando sob a pele, mas ágeis como meninos. Toparimaca mandou um deles me servir de guia. Era índio experiente e viajado. Sabia perfeitamente as condições de cada rio a qualquer hora do dia ou da noite.

Um piloto assim é requisito essencial para quem queira entrar na Guiana, onde o clima e a vegetação mudam de modo tão súbito. Basta seguir mais cinco ou seis milhas de um trajeto inóspito e rochoso para se chegar num prado que mais parece um recanto do paraíso. Percorriamos vinte milhas, enfrentando redemoinhos fantásticos e, da maneira mais inusitada, o rio se acalmava ou adquiria correnteza forte e contínua.

No dia seguinte à festa, partimos apressados para aproveitar o vento leste, que nos ajudaria muito a poupar os braços no Orino-



co. Este rio, que tem curso de leste a oeste, vai do mar do Caribe nas Índias Ocidentais até sua nascente em Quito, no Reino do Peru. É navegável por não menos de mil milhas. O longo trecho que percorremos permitia velejar de escaler para os principais portos do Nuevo Reyno de Granada e terras de Popayan. Também não havia canal mais apropriado para a conquista e proteção das aldeias ribeirinhas da Guiana.

Sáímos do Orinoco e velejamos um dia inteiro por um dos seus afluentes. Visitamos uma ilha linda à esquerda, que os índios chamam de Assapana. Tem cinco ou seis mihas de largura por vinte de comprimento. Divide as águas, deixando o rio muito maior e mais profundo em um dos lados. Também encontramos outra ilha, duas vezes o tamanho da ilha de Wight, chamada Iuana.

Entre estas ilhas e a margem continental, corre um terceiro braço do Orinoco, o rio Ararupana. Percorri-o um bom trecho, constatando que aceita navios maiores. Naquele ponto, calculo que o Orinoco tenha pelo menos trinta milhas de largura, incluindo as ramificações formadas pelas ilhas. Todas as passagens são de bom calado. Aceitam navegação com barcos a vela como o nosso "galego", mas não dispensam os remos. Medi o mesmo bom calado nas passagens laterais das ilhas.

Ao chegar na cabeça de Assapana, a ilha maior, vi do lado direito, um pouco a oeste, um riozinho discreto, mas amplo, quase em linha reta. Por não saber seu nome indígena, batizei-o de rio Europa. Seguindo por este rio, encontramos outra ilha com seis milhas de comprimento por duas de largura, chamada Ocaiuita, onde desembarcamos para passar a noite.

Ao amanhecer, dois guianos que vinham de carona conosco desde a cidade de Toparimaca pediram para continuar a pé. Jura-ram que não era por medo de serem vistos em nossa companhia.



Queriam visitar uma determinada aldeia no meio da selva. Ao se despedirem, prometeram comunicar nossa chegada ao cacique da província.

Estávamos no território do chefe Putima, um fiel seguidor de Topiauari, líder dos aromaias e sucessor de Morequito, o herói nativo decapitado por Antônio de Berrio, o governador de Trinidad e agora prisioneiro no porão de um dos nossos navios. A cidade de Putima ficava muito longe do rio. Os enviados de Toparimaca nos instruíram para seguir viagem, que eles nos encontrariam mais adiante.

Os índios não apareceram até o fim do dia. Resolvemos ancorar durante a noite. Escolhemos uma ilha, tão grande quanto as anteriores, chamada Putapaima. Em frente a esta ilha, havia uma montanha altíssima, dita Oecope. Preferíamos pernoitar nestas ilhas, porque era ali que as tartarugas punham seus ovos. Pela manhã, antes de embarcar, recolhíamos um estoque generoso de ovos ainda quentes de tão frescos. As ilhas também pareciam ter mais peixes ou menos troncos boiando para furar as nossas redes.

As margens do rio eram proibitivamente altas e rochosas, com pedras enormes, que se distinguiam pelo azul metálico, igual ao do melhor minério, indicando a existência ou formação de diamantes. As margens pareciam cobertas por estas pedras cor de chumbo. Vê-se o mesmo azul escuro nas montanhas rochosas que contornam o rio. A nós, tudo isto parecia uma reserva inesgotável de metais ferrosos.

Esperamos pelos índios até as nove da manhã. A chegada da boa brisa nos fez levantar âncora e partir. Subimos o rio a oeste. Depois de algum tempo, as margens foram se abrindo em descampados planos e uniformes, que pareciam feitos pela mão do homem, de tão cuidados e minuciosos.



Nas bordas do rio, o campo terminava numa argila vermelha. Intrigado, despachei uma missão de reconhecimento em dois dos nossos botes, comandada pelo capitão Gifford, mais alguns dos meus melhores homens: os capitães Thyn, Calfield e Eynos, o mestre Edward Porter, meus primos Grenville e Butshead Georges, meu sobrinho John Gilbert e alguns soldados bem armados. Partiram com ordens de marchar pelas margens do rio, examinando o solo da terra firme e dos banhados movediços. Também mandei trazerem um pouco daquela argila, que parecia aderente e resistente como a argamassa das construções. Visitariam diferentes pontos para observar o feitio do terreno, o tipo de vegetação, tamanhos e quantidades aparentes de riquezas que encontrassem. Os homens retornaram encantados com a simetria do lugar. Até onde a vista alcança, os campos se estendiam em diferentes planos, todos meticulosamente nivelados e cultivados. Para ver melhor, subiram em árvores, defrontando-se com a fartura e generosidade da natureza na Guiana.

Meu antigo piloto, o índio velho, além de muito viajado, era um nobre entre os nativos, irmão de sangue do grande cacique Toparimaca. Ele me indicara que, chegando nestes prados, estaríamos nos Campos de Saima. Tratava-se de um planalto que continuava por mais de 120 léguas ao norte, indo de Cumana a Caracas, no mar das Índias Ocidentais.

Aquelas terras eram habitadas por quatro tribos diferentes. A primeira rio acima era a dos saimas. Depois, vinham os assauais. A terceira era uma nação de wikiris ou índios guayqueris, conhecidos pela coragem dos seus guerreiros. Os wikiris interromperam a tentativa de invasão de Pedro Hernandez de Serpa, derrotando o general com um exército menor que o dele. O espanhol veio triunfante de Cumana com trezentos cavalos, sendo forçado a voltar vencido e a pé.

A quarta tribo daqueles campos era a dos aroras, uns selvagens negros, que mais pareciam trazidos da África, não fosse o cabelo liso. Valentes, irascíveis e exasperados, os aroras atacavam os homens brancos em bandos, feito loucos desatinados. Suas flechas eram famosas pelo poderoso veneno que levavam na ponta. Para europeus como nós, os aroras eram a tribo mais perigosa.

Não será perda de tempo fazer aqui uma digressão mais detalhada sobre os venenos mortais e as poções curativas da avançada medicina das tribos da Guiana. Confesso que nada me deixou mais curioso e inquisitivo durante a viagem do que a composição e preparo dos remédios, tônicos, purgantes, fortificantes e sedativos inventados pelos índios. A minha maior urgência, porém, foi encontrar a cura para o veneno das flechas aroras. Tratava-se de peçonha da mais medonha. Matava na hora, sem contraveneno que agisse a tempo de reverter seus efeitos.

A chaga aberta na pele pela flecha envenenada, mesmo atingindo o corpo só de raspão, não sarava mais, sendo quase sempre fatal. O soldado atingido sofria uma lenta e horripilante degeneração dos órgãos vitais, dando seu último suspiro no estado mais lamentável do mundo. Alguns ficavam tontos e patetas. Outros ficavam birutas e delirantes. Inchavam até uma constipação lhes romper o buxo, deixando as tripas de fora.

Definhavam em poucos dias. A pele de alguns perdia a cor, deixando-os transparentes de tão pálidos. Outros ficavam cada vez mais roxos, exalando um suor tão mal cheiroso, que homem nenhum se arriscava a chegar perto, fosse para alimentar, tratar ou consolar os moribundos.

O mais estranho mistério encobre o efeito deste veneno. Há cem anos os espanhóis sofrem baixas constantes na ponta destas



flechas preparadas pelos índios. Até hoje, nenhum europeu descobriu os ingredientes da poção, nenhum alquimista encontrou um elixir que cure ou alivie a tormenta dos contaminados com o curare dos aroras. Outros navegantes e exploradores não conseguiram arrancar nem à força o segredo dos curandeiros das Índias. Ninguém mais do que os frades espanhóis da Santa Inquisição torturou curandeiros das maneiras mais perversas, sem desvendar o mistério do curare.

Tentei investigar a química dos nativos por conta própria, mas também não descobri muito. Com certeza, sei apenas que, tal qual os europeus, a maioria das tribos da região desconhece os segredos do veneno. Diria que nem mesmo um em cada mil sabe da sua cura ou preparo.

A formulação é segredo de estado, restrito a caciques, bruxos e sacerdotes. Estes transmitem seus conhecimentos de pai para filho e jamais os revelam a estranhos. Pelo que pude perceber, o tratamento mais comum para o curare é um suco extraído da raiz de Tupara.

A raiz da Tupara, entretanto, é a base de várias poções indígenas creditadas com poderes curativos. O suco de Tupara aplaca maravilhosamente febrões e "calenturas", causados pelo ar impesado da floresta. A raiz ainda se mostra muito benéfica no tratamento de ferimentos internos, como a pancreatite. Ajuda na cicatrização dos sangramentos dentro do corpo, que deixam a urina vermelha.

Conheci curandeiros de tribos ribeirinhas que, dizendo confiarem mais em mim do que em outros europeus, ofereceram-se para me explicar a composição dos seus remédios. Muita coisa do que disseram, porém, eu não entendi. Mesmo assim, vi o suficiente para me convencer de que os índios da Guiana estão entre os povos mais avançados no cultivo das artes da vida.



Interrogado sobre o veneno, Antônio de Berrio jurou nunca ter obtido os ingredientes necessários para reproduzir, fosse o curare ou a sua cura. Os curandeiros da Guiana, entretanto, me ensinaram de bom grado a melhor maneira de tratar outros tipos de venenos, causados por mordidas de bichos ou ingestão de ervas daninhas. Com os espanhóis, também aprendi que é possível cicatrizar certas feridas causadas por flechas envenenadas, desde que imediatamente cobertas com emplastro de extrato de alho.

A regra geral, a ser seguida por todo o homem que se aventure por territórios de índios hostis e possuidores dos segredos do curare, é que os atingidos por flechas envenenadas não podem, de modo algum, beber vinho, cerveja ou qualquer bebida fermentada ou destilada. Se botarem licor ou cordial alcóolico para dentro do corpo, o veneno se torna um fogo interno e resseca as víceras. Isto era o maior martírio para os que insistiam em beber para suavizar a dor. A pele se cobria de feridas. Os doentes definhavam pelo suor de febrões infernais, num suplício sem escapatória, a não ser a morte.

Seguindo viagem, chegamos ao fim do terceiro dia rio acima e resolvemos ancorar numa das margens. Achamos um ponto bem protegido entre duas montanhas à esquerda. Uma se chama Aroani a outra Aio. Ficamos por ali até a meia-noite. O tempo parecia se preparar para chuva. Se caísse um temporal, aumentando muito a correnteza, temíamos não conseguir avançar mais até o céu se abrir. Prefери levantar âncora e deixar a exploração daquelas terras para quando retornássemos.

Prosseguimos remando à noite. Passamos por uma ilha enorme, bem no meio do rio, chamada Manoripano. Mandeí o "galego" na frente e fiquei para trás com doze mosqueteiros nos botes, a fim de reconhecer a ilha. Mal desembarcamos e surgiu ao longe



uma canoa com sete ou oito guianos remando em nossa direção. Os índios riam e faziam sinais, gritando para que fôssemos ao porto da sua cidade. Vinham a mando do seu cacique, que fora avisado da nossa presença pelos nepoios que trouxéramos de Toparimaca. Agradei muito o convite, mas expliquei que meu navio maior seguiria adiante e adiei a visita para outra volta.

No quinto dia rio adentro, chegamos na fronteira de Aromaia, o país de Morequito, o grande mártir nativo, executado sem motivo pelo governador de Trinidad. Ancoramos no lado oeste de uma ilha de dez milhas de comprimento por cinco de largura, a Murecotima. De madrugada, passou silente por nós a comitiva do cacique dos aramiari, que nos acolhera na sua cidade, sendo da maior assistência na nossa longa e miserável jornada fora do rio Amana.

De manhã, vimos o porto de Morequito. Uma vez bem ancorados no meio do rio, mandei Martin, nosso piloto e intérprete, pedir autorização para atracar junto às canoas do rei de Aromaia, que era tio e herdeiro de Morequito, herói da guerra "del Mosquito", como já foi dito. Ficamos ali, pescando e cuidando dos barcos, enquanto esperávamos uma resposta do cacique.

Ele viria nos dar as boas-vindas pessoalmente no dia seguinte. Apareceu sozinho na margem esquerda do rio. Seus guerreiros, porém, vinham logo atrás. Num primeiro momento, nem notamos a fragilidade da sua figura, devido à postura altiva e ameaçadora. Diziam ter 110 anos, mas isto não o impedira de caminhar quatorze milhas sob o sol para vir nos ver. Era quase meio-dia. O cacique passou a tarde conosco, conversando na sombra, antes de voltar a pé no mesmo dia.

Junto com o grande chefe e sua guarda, vieram muitas mulheres e crianças curiosas para conhecer homens brancos. A maioria nunca vira um cristão ou europeu. O cacique também nos trouxe



de presente balaies e mais balaies de alimentos típicos: veados, porcos, galinhas, ovos, aves, peixe e as mais diversas frutas, raízes, legumes e hortaliças. O carregamento incluía abundância de “piñas” ou abacaxis, o príncipe dos frutos tropicais. Estas “piñas” carnudas e suculentas crescem enterradas na areia sob o sol escaldante de qualquer praia da Guiana.

Os índios ainda nos deram pão de mandioca, vinho silvestre e uns periquitos muito esquisitos, não maiores do que pintinhos, mas com penas das mais variadas cores. Ainda fui presenteado com uma besta nunca vista na Inglaterra, que os espanhóis chamam de “armadillo” e os índios de tatu casca grossa ou cassacan.

Trata-se de um porco coberto de pequenas placas duras, feito um rinoceronte, com um único corno sobressaindo-se nas costas. Os nativos costumam arrancar estes ossos, perfurando-os para usá-los como trombeta ou funil. Mais tarde, fiquei sabendo que o dr. Monardus já estudou este animal, constatando que o pó raspado deste corno, ao ser soprado para dentro das orelhas, cura a surdez.

O velho rei de Aromaia ficou algumas horas na tenda que mandei armar à beira-rio com todo o conforto disponível. Através do nosso intérprete, pedi que ele me contasse a verdade sobre a morte de Morequito. Ele respondeu que toda a Guiana sabia como mataram seu sobrinho e todos os guerreiros de sua tribo tinham ordens de fazer o mesmo com todo espanhol que entrasse em suas terras.

Alimentei o assunto, dizendo que também tinha mandado fazer coisa parecida com centenas de espanhóis que se atravessaram no meu caminho, numa guerra na Irlanda. O próximo deveria ser o famigerado governador de Trinidad, o mesmo Antônio de Berrio que executara Morequito, injusta e traiçoeiramente,



como também fizera com oito homens do capitão Whiddon em viagem a meu serviço.

Autorizei o nosso tradutor a acrescentar seu testemunho por conta própria, reafirmando que não vínhamos ali perturbar os índios, nem roubar as suas mulheres. A rainha da Inglaterra, a quem servíamos, não poupava esforços para defender quem quer que se opusesse aos maltratados dos espanhóis. Ela havia me enviado ali exatamente com a missão de organizar uma grande aliança para proteção dos povos da Guiana da tirania dos ibéricos.

Acrescentei alguns apartes, destacando a grandeza e generosidade de Sua Majestade. Fora Ela que nos incutira este amor pela justiça. Ela nos ensinara a socorrer os oprimidos e subjugados por seus inimigos. Discurssei sobre suas belezas e virtudes, sua pureza, virgindade e longevidade. Recorri a todos os adjetivos que me ocorreram para enaltecer e expressar a admiração que nossa soberana despertava não só na Inglaterra, mas mundo afora.

Começamos a beber um vinho e aproveitei para aprender mais sobre a Guiana. Pedi ao rei que indicasse a localização exata do caminho de Eldorado, fazendo um risco no mapa. Tentei situar por onde se espalhavam as principais riquezas da região. O cacique disse apenas que se encontravam sob as suas matas e montanhas, negando-se a fazer qualquer marcação precisa.

Para ele, de nada nos serviria descobrir o caminho de Eldorado, se não entendêssemos o funcionamento daquele império inca, que abrigava tantas tribos distintas no mesmo território. Assim sendo, pegou uma das nossas cartas topográficas e rabiscou as fronteiras indígenas, apontando até onde mandava cada cacique.

O rei de Aromaia discutiu muito os limites impostos pelo governo de Eldorado sobre o poder de decisão dos chefes de cada tribo, deixando claro que o imperador, quando desacatado, impu-



nha a sua vontade pela força. Anotei os nomes dos principais manda-chuvas, estabelecendo as nações que se submetiam docilmente às determinações do governo central e as que viviam em estado de sítio, por se rebelarem contra as leis de Eldorado.

Ficamos nesta conversa até o outro não conseguir acrescentar nada que já não tivesse dito. Bastava eu perguntar algo sobre ouro, para o velho mudar de assunto, contando uma longa história sem maior interesse. Fingíamos prestar atenção para não transparecer que precisávamos, desesperadamente, que alguém nos mostrasse o caminho de Eldorado. Depois de muita insistência, o cacique revelou que, para entrar na Guiana, ele costumava descer o rio até o mar, seguindo pela costa de Emeria, na província de Carapana, até um riozinho difícil de achar sem um bom guia.

Apesar de considerar aquela a melhor passagem para a Guiana, o velho insistiu para que não nos aventurássemos por ali. As margens daquele rio eram controladas por orinococonis de pouca conversa. Não toleravam a presença de europeus em suas terras, matando todo homem branco que encontrassem pela frente.

Os orinococonis viviam pelas praias a leste do Orinoco. Seus domínios, porém, cortavam o território de diversas nações entre o rio e as montanhas Wacarimas, que espanhóis diziam Vacarias, por ficarem ao lado de um grande campo aberto de bom pasto, com muito veado selvagem e gado fugido. Na volta, eu descobriria que o cacique estava se referindo ao vale de Amariocapana, de onde descendiam os guianos mais antigos.

Ainda perguntei sobre o acesso às tribos que habitam o outro lado das montanhas. O cacique respondeu com um suspiro profundo. Fora ali, depois do vale de Amariocapana, que perdera seu filho mais velho, durante uma guerra que também custaria a terra e a liberdade de seu povo. Estes ancestrais de Morequito termina-



ram expulsos de suas províncias pelas tribos guerreiras que controlavam as fronteiras da Guiana.

O cacique também tinha doces lembranças daquele vale. Fora muito feliz ali na juventude, vivendo sob a tutela de seus pais. Sua família costumava empreender grandes viagens para visitar amigos de outros povoados e tribos. Ele recordava que, atravessando o vale, chegavam numa grande cidade dourada. A jornada até lá consumia o dia todo.

Sempre chegavam na cidade à noite. Devido ao calor, também iniciavam o caminho de volta deixando a cidade dourada quando o sol se punha. Para não se perderem na escuridão da floresta, entravam e saíam da cidade conduzidos por guias. Por conta própria, ninguém, nem mesmo os índios, conseguiam percorrer o caminho de Eldorado.

“Nunca se apagou da minha memória a imagem daquele reino resplandescente a ouro, com sua cidade de ruas e casas cravejadas de pedras preciosas”, comentou o velho cacique. O lugar era muito habitado, por homens fortes e de grande porte. Vestiam casacos enormes e chapéus de couro avermelhado, cor que o cacique me indicou apontando para um pedaço de madeira que servia de apoio à tenda.

Hoje, os nativos não viajam mais livremente pelo vale da Guiana, que agora é controlado pelos guerreiros “orejones” e os temíveis epumereis da fronteira. Estes índios se uniram para massacrar os ancestrais do rei de Aromaia, “matando mais gente do que a soma de todas as aves da floresta”.

Cruéis e canibais, os “orejones” terminaram donos e senhores das entradas para a região central da Guiana e para as planícies que cercavam a majestosa montanha Curaa. Os epumereis eram tidos como os mais famigerados. Viviam pela zona de fronteira, expul-



sando os antigos moradores dos lugares mais do seu agrado. Só duas nações escaparam do extermínio: os iuarauaqueris e os cassipagotos, que se revelaram imbatíveis ao guerrear na floresta e foram deixados em paz.

O filho do velho cacique morrera nas mãos de um bando de epumereis. Lutava ao lado dos iuarauaqueris, a quem o príncipe aromaia fora ajudar, à frente de um batalhão de voluntários das tribos ribeirinhas do Orinoco. Com a perda do primogênito, o velho cacique só contava com um filho menor, pequeno demais para comandar um exército ou cuidar do governo da sua nação. Aproveitei a oportunidade para garantir que, com a proteção da Inglaterra, a linha de sucessão dos aromaias estaria garantida bem de acordo com as suas especificações.

Por outros índios, fiquei sabendo que os epumereis contrataram carpinteiros capuris e construíram uma grande cidade ao pé da montanha Macureguarai. Ficava em local estratégico para controle da zona que separa a floresta dos altiplanos da Guiana. Em Macureguarai, os epumereis e os "orejones" ergueram casas com muitos quartos e salas, algumas de dois andares.

Nestes palacetes, residiam generais "orejones" e epumereis abastados. Dali, coordenavam os movimentos de um exército de três mil homens bem armados, divididos em pequenos pelotões, que ocupavam as fronteiras da Guiana, com ordens de impedir a passagem de qualquer estranho. Dia e noite, os destacamentos epumereis percorrem as matas à caça de intrusos.

No momento da nossa viagem de descoberta, as tribos das províncias vizinhas ao Império da Guiana estavam relativamente em paz com os epumereis. Os nativos pareciam ter superado as suas diferenças, diante da ameaça constante de invasão por espanhóis.



As antigas animosidades foram dando lugar a acordos de mútua defesa contra cristãos. Com a paz, floresceu o comércio entre índios de nações diferentes. Mesmo assim, não faltavam tribos hostis a tudo e a todos. Os iuarauaqueris e os cassipagotos, por exemplo, uniam-se contra os espanhóis e os epumereis, mas disputavam entre si a nascente do rio Caroni.

Depois de contar estas coisas todas, o velho cacique achou que devia voltar para casa. Desculpou-se, dizendo encurtar a visita a contragosto, mas tinha um longo caminho pela frente e andava se sentindo fraco. Na sua idade avançada, ele ouvia "o chamado da morte cada dia mais perto". Insisti para que ficasse conosco aquela noite, viajando de manhã, quando o sol não castigaria tanto. Ele não cedeu, prometendo nos rever ao regressarmos de nossa incursão rio acima. Até lá, prepararia um grande carregamento com os melhores comestíveis de seu reino.

O chefe partiu com suas crianças e mulheres, decidido a chegar na cidade de Orocotona ainda aquela noite. Desta maneira, sem nem um chapéu, viajou a pé 28 milhas no mesmo dia em clima tórrido (estávamos a quatro ou cinco graus da Linha do Equador). Creditava esta vitalidade a nunca ter se acomodado num canto, nem se submetido a qualquer coisa contra a vontade. Para muitos, entre os quais me incluo, este velho cacique, o grande Topiauari, é o mais sábio e o mais seguro de todos os chefe orinoquipones com quem entramos em contato.

Naquele encontro, ele certamente fez jus à sua fama de justo e esclarecido. Deu opiniões sinceras e respostas precisas a todas as minhas perguntas, exceto as referentes a ouro. Fiquei surpreso e maravilhado ao encontrar um selvagem com tamanha seriedade e ponderação no seu discurso, com tanto entendimento das comple-



xidades do mundo, ainda que nunca tenha freqüentado qualquer escola ou recebido qualquer tipo de educação cristã.

Ficamos o resto do dia comendo e bebendo naquela praia em homenagem a Topiauari. Saímos na manhã seguinte, a oeste rio acima. Queríamos encontrar a boca do famoso Caroni, sobre o qual diziam tanta coisa boa. Eu também queria entrar em contato com outros povos, principalmente uma nação amiga, que o velho cacique destacou como a mais forte e renhida na sua resistência ao controle das fronteiras da Guiana. Odiavam os epumereis, mas adoravam o mesmo deus inca e reconheciam “El Dorado” como imperador de todos os povos da região. Só não abriam mão do seu direito de ir e vir.

Passamos a noite ancorados na ilha de Caiama, que tem apenas cinco ou seis milhas de comprimento. De manhã, não foi difícil nem demorado encontrar a nascente do rio. Logo depois do porto de Morequito, ouvimos um rugido crescer nos nossos ouvidos. Era o estrondo das cataratas dos afluentes do Caroni. Mais tarde, quando o subimos de bote, vimos ser impossível avançar contra aquela correnteza, mesmo que o rio se mantivesse largo como o Tâmisia em Woolwich.

Entramos no Caroni convencidos do contrário e remamos sem parar. Parecíamos ter avançado umas quarenta milhas, o que nos situaria perto da nação cassipagoto. A verdade, porém, era outra. Em uma hora, um barco de oito remos não se movia à distância de uma pedra atirada com a mão. Buscávamos as margens, seguíamos pelo meio, em ziguezague, mas nada nos fazia ir em frente. Resolvemos acampar numa praia menos pedregosa.

Mandeí os orinoquepones que trouxéramos de Morequito seguirem a pé, com uma mensagem de paz e presentes para os caciques das redondezas. Deveriam passar por todas as vilas, avisan-



Índios entregam sua cota de ouro a soldados espanhóis



Canibais do Orinoco fazem churrasco de europeus



do que estávamos por ali na condição de inimigos mortais dos espanhóis. Queríamos falar com o chefe dos canurias. Antes de partir, os índios nos indicaram que, bem ali onde estávamos, Morequito tinha degolado um frade e nove soldados espanhóis, quando estes voltavam de Manoa, trazendo quarenta mil pesos de ouro cada um.

Ao amanhecer, os índios reapareceram, acompanhados do cacique Wanuretond, o "grande garça". Atrás do cacique veio quase toda a tribo. As mulheres traziam balaies de vime cheios das coisas boas. Festejaram a nossa chegada com muito vinho silvestre, como era prática comum de todos os chefes que nos receberam.

Wanuretond conhecia o nosso roteiro de viagem. Recebera a visita de um enviado de Topiauari, com uma mensagem de apreço do velho cacique de Morequito. Ele referia-se à rainha da Inglaterra como uma amiga e a nós como seus enviados especiais, com a missão de proteger a Guiana contra a ganância insaciável dos espanhóis e outros cristãos.

Topiauari pediu ao cacique seu amigo que me ajudasse a arregimentar outras tribos dispostas a combater os espanhóis até a vitória. Para minha decepção, os índios das margens do rio Caroni não odiavam tanto os cristãos como odiavam os epumereis, com suas barreiras e postos de controle do caminho de Eldorado. Os epumereis tinham roubado mais ouro daquelas tribos do que todas as incursões européias por suas terras teriam conseguido transportar.

No contato com os índios uanuretonas, fiquei sabendo exatamente onde, na nascente do Caroni, vivem as três nações mais poderosas da região: os cassipagotos, os eparagotos e os arauagotos. Suas casas ficam ao redor de um lago, de onde o rio desce montanha abaixo. Todos eram inimigos ferrenhos dos espanhóis



e dos epumereis. Estes povos certamente nos ajudariam com prazer e proveito.

Descobri que, entrando nas terras situadas atrás das montanhas Curaa, encontraríamos ouro brotando do chão feito a batata, só que num prado inacessível. Ali, havia não apenas mais minério do que conseguiríamos carregar, mas também mais frutos do que poderíamos imaginar.

Em frente, chegávamos na nação dos iuarauaqueris, que mantinham escaramuças diárias com os epumereis de Macureguarai. Os iuarauaqueris viviam nos arredores da primeira cidade sob governo do imperador inca da Guiana, mas não se submetiam às ordens de Eldorado, comerciando com cristãos e fazendo o que lhes desse vontade. Estes índios poderiam nos indicar o braço de rio que leva às minas mencionadas pelo “capitán Jorge”, o mestre espanhol que preendi junto com Antônio de Berrio.

Naquela época do ano, o Caroni, o Orinoco e todos aqueles rios já tinham subido cinco ou seis pés. O volume d'água era tanto que não se conseguia mais avançar uma jarda contra a corrente num bote de oito remos. Resolvi dividir a companhia em duas partidas. Os capitães Thyn, Grenville, Clark, mais meu sobrinho John Gilbert e meu primo Butshead Gorges deveriam seguir a pé pela margem do rio, com uma guarda de trinta mosqueteiros, até o vale de Amatapoi, que ficava a cerca de vinte milhas.

Procurariam nativos que servissem de guia para atravessar as montanhas, chegando na cidade de Capurepana, residência do cacique Haharacoa, sobrinho do velho Topiauari, rei de Aromaia e grande amigo meu. Capurepana ficava ao lado de Macureguarai, o primeiro posto de controle do Império da Guiana.

Na outra partida, eu, mais os capitães Gifford, Calfied, Edward Hancock e meia dúzia de soldados, marchamos por terra para ver



as quedas d'água do Caroni, que ecoavam de longe. Mandeí os capitães Whiddon, William Connock e oito mosqueteiros examinarem as margens do rio, dando o alerta diante de qualquer indício de escavação de ouro, prata ou pedras preciosas.

Ao subirmos no topo da primeira colina ao lado do rio, contemplamos a beleza inigualável das cataratas. São fontes e vertentes que deságuam aos socos sobre as pedras do rio. Dali, observamos que o Caroni se divide em três partes. Depois de umas vinte milhas de margens planas, as laterais se elevam em rochedos, de onde despencam dez ou doze cascatas maravilhosas, algumas tão altas como a cúpula de uma igreja. Desaguavam com força, som e fúria. Os respingos batiam nas nossas armaduras feito chumbo. Em algumas partes, via-se só fumaça d'água fervilhando no ar. De longe, davam a impressão de virem de uma enorme chaleira no fogo.

Contemplando tanta beleza, eu me dei por satisfeito. Nossa viagem cumprira a sua missão inicial de descoberta de uma terra sem igual, a Guiana. Convencido de que deveríamos parar a expedição por ali, sugeri que voltássemos. Não seria possível continuar de barco e eu não teria condições de ir muito longe a pé, já que nunca fui bom de marcha.

Os homens, porém, estavam fascinados com o brilho de tudo aquilo. Queriam chegar mais perto para sentir melhor o impacto daquela água. Terminei concordando em ir até a terceira parte do rio, que era um vale. De lá, poderíamos admirar todos os acidentes geográficos da paisagem que abriga o caminho de Eldorado.

Não me arrependi do esforço. Em toda a minha vida, não vi país mais bonito ou terra tão promissora. Grandes colinas despontavam em meio a descampados floridos. As águas do Caroni se espalhavam por vários afluentes caudalosos, de margens planas,



cobertas de grama boa para desembarque ou assentamento. As praias, de areia dura, mostravam-se propícias para incursão de infantaria e cavalaria de um grande exército. O rio ainda era de fácil cruzamento em diversos pontos.

Ali, antes de anoitecer, as árvores ficam tomadas de pássaros alimentícios, que cantarolam mil melodias simultâneas. São gansos, garças e outras aves coloridas, que passam a vida apoiando-se no chão com um pé só à beira-rio. O ar é constantemente refrescado por uma brisa que corre a leste. Na Guiana, toda terra examinada nos prometia algo valioso, fosse ouro, prata ou comida.

Trouxemos uma ampla amostra dos vários tipos de minerais encontrados. Algumas são pepitas que ninguém encontra melhores sob o sol deste planeta. Infelizmente, não dispúnhamos de utensílios, a não ser facas e unhas, para partir as rochas e verificar seu recheio. A maioria era muito dura, devido à grande concentração de minérios.

A extração daquelas riquezas exige a ciência de mineiros experientes, pois as pedras ficavam cada vez mais rígidas no centro, como se fossem virar diamante. Víamos os veios de ouro no alto das montanhas, sem que pudéssemos fazer nada além de rezar, para que Deus os preservasse intactos até a nossa volta.

Não foi por falta de vontade ou determinação que deixamos de amealhar mais ouro. Foi exclusivamente por falta de condições. Não tínhamos com o que escavar tesouros subterrâneos. Também não tínhamos onde nem como trazer grandes carregamentos. Fizemos o que estava ao nosso alcance. Nem com uma intervenção da mão divina teríamos feito muito mais.

Nossos barcos já estavam cheios de homens e os mais diversos tipos de riquezas e especiarias, principalmente pedras coloridas,

que pareciam preciosas ou vindas das proximidades de minas de ouro e prata. Nós nos restringimos ao essencial, recolhendo o que encontramos avulso pelo chão. Vimos muitas pedras polidas pela água do rio até perder toda e qualquer partícula de ouro, mas com claras indicações de virem de alguma mina nas montanhas.

Sem tempo, sem ciência, nem instrumentos, não tínhamos capacidade nem experiência para testar a pureza ou qualidade daquelas pedras reluzentes, que tanto nos seduziam com seus prismas de cores, ainda que eu estivesse convencido de serem de valor mais decorativo do que lucrativo. Posteriormente, em Margarita e Trinidad, testei estes minérios, mas os resultados foram mesclados e inconclusivos.

Também levei algumas destas pedras reluzentes a um ourives de Caracas. Ele identificou-as como “Madre del Oro”, um indicador da existência de reservas de ouro de verdade na terra onde coletamos as amostras. Outros refinadores tiveram a mesma impressão. Eu, um leigo na matéria, tenho que aceitar como correta a opinião dos especialistas.

O capitão Whiddon e nosso cirurgião, Nicholas Millechap, trouxeram pedaços de rocha iguais a safiras, que ainda não sabemos ao certo se não seriam de uma nova pedra preciosa. Mostramos algumas para os orinoquepones, perguntando onde encontraríamos mais. Eles prometeram nos levar a uma montanha de cristal. Pelo que descreveram, parecia se tratar apenas da ponta de um inesgotável veio de diamante. Estas pedras talvez não sejam safiras ou “diamantes de Bristol”. Tenho confiança, entretanto, de serem pedras de primeira qualidade, pois vêm da região da Guiana com maior abundância de minerais.

Aqui, muitos encontram o ponto fraco da minha viagem de descoberta. Consideram uma política estapafúrdia da minha parte



não voltar com ouro em quantidade suficiente para provar estas afirmações. Dizem que enganei a rainha, meus credores, meu país e a mim mesmo, elucubrando sobre riquezas hipotéticas em terras distantes e inacessíveis.

Nenhum contra-argumento me parece mais convincente do que a minha disposição para retornar à Guiana o mais cedo possível. Garanto a todos que só faria isso por muito ouro, pois estou longe de me sentir bem nestas longas viagens ultramarinas. Quando afirmo que voltarei à Guiana para extrair fortuna nunca vista sob o sol, é porque estou mais do que convencido da fartura de ouro, prata e outros minérios que nos aguardam no caminho de Eldorado.

Caso contrário, jamais voltaria a me arriscar tão longe em alto-mar, submetendo-me a condições tão precárias e desconfortáveis como as oferecidas pelos nossos navios. Isso, sem mencionar a insalubridade da comida, a tensão das intempéries, a preocupação com o bem-estar da tripulação, além das náuseas, vômitos e doenças que acompanham as travessias transatlânticas.

Feito este aparte, retomo os últimos passos da nossa expedição. Na margem esquerda do rio Caroni, conhecemos as nações iuarauaqueris. Estes índios manifestaram interesse na nossa aliança, desde que incluía a luta contra os epumereis, de quem são inimigos mortais. Na nascente do rio, junto ao lago Cassipa, vivem algumas tribos de renegados da Guiana. Rebelam-se não só contra o controle dos epumereis, mas também rejeitam a soberania do rei inca. O mesmo acontece com os índios cassipagotos, eparegotos e arauagotos.

Pelo que entendi, o lago Cassipa é tão grande que os índios remam um dia inteiro para cruzá-lo de canoa. Ou seja, algo em torno de quarenta milhas com a correnteza a favor. A lagoa acu-



mula a água que desce as montanhas por diversos córregos. Os índios dizem que, no verão, o lago e suas fontes baixam muito, deixando reluzir uma infinidade de granículos de ouro em pó, misturado com o lodo do fundo.

Depois do Caroni, há mais um rio muito comprido, o Arui. Nasce do lago Cassipa, mas corre em sentido contrário ao Caroni. O Arui se contorce em várias voltas, desaguando no Orinoco mais a oeste. Estes três rios recortam uma ilha na selva. Ela não tem nome, mas tem a vegetação mais pródiga do mundo. Do Arui, saem outros dois rios dignos de nota, o Atoica e o Caora.

Nas margens do Caora, vive uma nação de selvagens fantasmagóricos. Embora muitos os considerem personagens de fábulas inventadas pelos nativos em suas bebedeiras, eu acredito que tais seres existam assim como foram descritos. Meu raciocínio é simples: toda criança das províncias de Aromaia e Canuri me afirmou já ter visto um destes aborígenes de tão curiosa natureza. São seres monstruosos chamados de euaipanomas pelos índios. Com corpo de homem, não tinham cabeça. Os olhos nasciam nas costas, a boca seria centrada no peito e um longo chumaço de cabelos saía dos seus ombros.

O filho de Topiauari, que veio conosco para a Inglaterra, disse que esta tribo era muito temida na sua região. Usavam arcos mais possantes, flechas mais grossas e porretes três vezes maiores do que os outros índios. Os iuarauaqueris teriam aprisionado um euaipanoma cerca de um ano antes da nossa passagem por ali. Pouparam a sua vida, libertando-o na fronteira de Aromaia, que era a província de seus pais.

Eu não conseguia esconder as minhas dúvidas sobre gente de anatomia tão esquisita, num lugar onde todos os seres vivos me pareceram tão de acordo com o que se aceita por normal. O filho



do cacique me contou que, para os guianos, os euaipanomas não eram assim tão aberrantes. Impunham muito respeito onde quer que andassem, pela brutalidade com que atacavam seus inimigos.

O herdeiro de Topiauari acrescentou que centenas de membros da sua tribo morreram nas mãos daqueles seres anômalos. Ouvi o mesmo dito em todas as nações das vizinhanças. Só lamento ter aprendido isso quando já havíamos nos afastado do território euaipanoma. Se soubesse da existência de espécie tão rara, se tivesse conversado mais sobre eles com os índios nossos amigos, talvez tivesse encontrado ou prendido um, para trazer comigo como prova do que informo.

Fico ainda mais convencido de que tal tribo existe, quando a vejo descrita por Maundeville e outros estudiosos europeus. Esses testemunhos vêm surgindo desde a descoberta das Índias Ocidentais, mas até hoje foram desacreditados como lendas sem sentido. Aconteceria com eles o mesmo que aconteceu com várias outras coisas tidas por incríveis, que mais tarde se revelaram realidade.

Faço este registro, porém, sem saber se é fato ou falso. Com os meus próprios olhos, eu nunca vi estes seres sem cabeça, mas imaginá-los também não me seria de qualquer proveito. Tenho certeza, entretanto, que seria muito difícil convencer tanta gente diferente — padres, soldados, capitães, índios, mulheres e crianças — a inventar a mesma coisa, descrevendo o mesmo monstro ou aberração humana.

Mais tarde, já em Cumana, nas Índias Ocidentais, encontrei um espanhol muito educado, que não morava longe dali. O homem me procurou ao ficar sabendo que entrei na Guiana, subindo até a foz do Caroní. Sua primeira pergunta foi se eu tinha visto algum euaipanoma ou índio sem cabeça. Tratava-se de um comerciante de reconhecida honra e honestidade em tudo mais



que dizia e fazia. Este legítimo homem de palavra confessou com toda convicção ter visto muitos euaipanomas em suas andanças por aqueles rios.

Não posso revelar seu nome, para a sua própria segurança. O rei da Espanha não costuma ser muito gentil com aqueles que tratam os súditos da rainha da Inglaterra com cordialidade. O homem, porém, era velho amigo e informante do filho do monsenhor Mucheron de Londres. Peter Mucheron, que trabalhava na marinha mercante flamenga como mestre de navio, conheceu-o em viagem de negócios pelas Índias Ocidentais.

Na ocasião, ele lembra ter ouvido outros testemunhos oculares destes seres de natureza tão peculiar. Mesmo que eu não os tenha visto, portanto, os encontros com euaipanomas são dados como verdadeiros por pessoas da mais alta autoridade e credibilidade. Seria injusto da minha parte colocar em dúvida a fidelidade destes relatos.

O quarto rio principal da Guiana é o Cisnero. Fica a oeste do Caroni, desaguando no Orinoco no território de Amapaia. Este rio é maior e tem mais cisnes do que o Danúbio ou qualquer outro da Europa. Nasce ao sul, no alto das montanhas que separam a Guiana da Amazônia. Pelo que fiquei sabendo, é navegável por centenas de milhas mata a dentro. Não tive tempo, meios, nem a estação do ano adequada para explorar muitos dos rios mencionados.

O nosso maior empecilho foi a aproximação do inverno. Nos trópicos, a troca de estação não altera muito o calor ou a viscosidade do ar. No outono, poucas árvores perdem as suas folhas. A maioria brota como se fosse primavera. Isso leva à abundância de frutos e legumes o ano todo. Enquanto uns estão em flor, outros amadurecem no pé ou caem de maduro no chão. Os passarinhos comem a polpa e o resto é engolido pela terra, fertili-



zando o solo. Aquelas árvores pareciam não sentir o peso dos anos ou o desgaste do tempo.

O inverno só se diferencia das outras estações pelo aumento das chuvas, quando os rios transbordam, tornando-se inavegáveis. O ano todo, porém, o tempo se fecha de uma hora para outra e chove torrencialmente. Dia e noite, raios cortam o céu e trovões fazem tremer o solo. Enquanto as nuvens cospem fogo, a chuva se choca ainda quente contra o corpo. Depois da tempestade, um vento medonho encrespa o rio. Só um barqueiro louco testaria suas habilidades naquelas águas.

Já tínhamos amassado o nosso quinhão de agruras no duro pão daquele dia-a-dia. Não foi pouco o nosso feito. Chegamos na Guiana no fim do verão. Agüentamos o outono, só desistindo nos primeiros sinais do inverno. Ninguém na minha tripulação suportaria muito mais. O melhor era voltar e não havia o que lamentar. Primeiro, iríamos à Inglaterra. De lá, retornaríamos à Guiana com uma esquadra bem equipada.

Além de soldados, traríamos vacas, cavalos e famílias de desterrados, iniciando a ocupação do território. Esse assentamento nos serviria de base para incursões pela mata. Em pouco tempo, descobriríamos o caminho de Eldorado, trazendo as suas riquezas para os portos ingleses.

Entre os afluentes do Orinoco, ainda considero importante mencionar um, que deságua ao norte, o rio Cari. Um pouco mais acima, na mesma margem, fica o rio Limo. Os dois delimitam as fronteiras de uma nação de canibais, os acamaracais. A sua cidade fica à beira do Cari e leva o mesmo nome do rio.

O lugar é próspero e famoso por manter um concorrido mercado de mulheres. Ali, compra-se uma boa índia, bem novinha, por três ou quatro machadinhas, talvez menos. Os mercadores,



entretanto, não são espanhóis, mas índios arauacas. Eles vêm comprar prisioneiras dos canibais, para revendê-las em outras tribos e portos. Nas Índias Ocidentais, uma escrava guiana em boas condições valia seu peso em ouro.

A oeste do rio Limo fica o rio Pau, seguido pelo Caturi, também dito Manapire, Guarico e Apure. Depois do Caturi, vem o Voari e, mais adiante, o Capuri, que deságua no grande Meta, o rio que Antônio de Berrio desceu com a sua armada, vindo do Nuevo Reyno de Granada. Seguindo ainda mais a oeste do Capuri, entra-se na província de Amapaia, onde Berrio passou o inverno na sua tentativa de conquista da Guiana. Foi ali que a maioria dos soldados espanhóis morreu envenenada por vermes e serpentes da água turva dos pântanos.

Na região dos índios anebas, logo acima de Amapaia, indo-se em direção a Granada, cruzam-se os rios Meta, Pato e Cassanar. A oeste, chega-se nas províncias de Achuagua e Caquetios, onde passam os rios Beta, Dawney e Ubarro, já quase na fronteira com Tomebamba e Caximalta, as primeiras províncias do Reyno do Peru.

No norte do Peru, a principal cidade é Quito, banhada por dois rios adjacentes, o Guiacar e o Goavar. No outro lado das montanhas que protegem Quito, passa o rio Papamene, que vira Caqueta e Japura, enquanto desce até o Maranion, sendo este o nome que os peruanos dão ao Amazonas.

O Maranion irriga a província de Mutilones, onde Dom Pedro de Ursúa foi morto à traição por Aguirre, logo depois de construir seus bragantinos especialmente para aquelas águas. Na sua busca desvairada pelo caminho de Eldorado, Aguirre também morreu sem conseguir o que muitos dão por impossível: uma entrada para a mina de Manoa através do rio Amazonas.



Entre os rios Beta e o Dawney, fica uma ilha florida, moldada pelos confluente do Orinoco. Este, ao encontrar-se com o Meta, passa a se chamar rio Baraquan. Depois do Beta, o Orinoco troca de nome mais uma vez, chamando-se Athule, quando deixa de ser navegável. A partir dali, os índios seguem a pé, levando suas canoas nas costas, passando ao lado de uma queda d'água muito alta. Esta cascata cria uma correnteza incontrolável no meio do rio. No torvelinho, os barcos pequenos terminam levados de roldão, indo parar até no Peru.

Seria um tedioso convite ao erro continuar falando sobre rios que não posso descrever por experiência própria. Considero muito útil, porém, tudo que descobri sobre a navegabilidade dessas águas. O Orinoco transporta bem navios pequenos por quase mil milhas. Em embarcações menores — canoas, botes e barcaças — é possível avançar duas mil milhas.

Estas características o tornam não só a via de acesso mais apropriada para invadir o Peru, o Nuevo Reyno de Granada ou o território Popayan, mas também o caminho mais seguro para o controle do Império da Guiana, Amapaia e o território dos anebas — duas províncias riquíssimas. No Orinoco, ainda desembocam rios menores, como o Cisnero, Manta e Caora. Eles descem de um vale, que começa a leste do Peru e vai até o coração da Guiana. Fica a dois graus e meio da Linha do Equador, entre o rio Marañon e o mar de Trinidad.

Para nosso Lorde Almirante e generalato da Marinha Real eu devo entregar o quanto antes uma descrição e mapeamento geral do que consegui estabelecer sobre a geografia e povoamento da Guiana, terras fronteiriças com o norte do Peru, Nuevo Reyno de Granada, mais detalhes sobre a nação dos Popayan, "las tierras ruídas" na província da Venezuela e a baía de Uruba, a oeste de



Cartagena. Neste mapa incluirei, ao sul, os acidentes geográficos mais notáveis daquela porção do rio Amazonas.

Ancoramos nas margens do Canuri para conhecer todas as nações indígenas que ocupavam as terras adjacentes a este rio e seus afluentes. Identifiquei não poucas tribos inimigas dos epumereis. Sob pretexto de proteger a Guiana contra uma invasão, estes guerreiros não apenas impedem os espanhóis de cruzar as suas fronteiras, mas hostilizam os índios das redondezas, acusando-os de ajudar europeus a encontrar o caminho de Eldorado.

A crescente fúria do Orinoco tornou evidente que não seria sábio insistir em continuar. O rio parecia cada dia mais ameaçador. A violência da correnteza colocava em risco a segurança do nosso retorno. Quando o sol fica a meio-céu, o Orinoco começa a pressionar as margens, transbordando com uma força assombrosa. À tarde, quase sempre chovia torrencialmente. As ventanias e trovoadas arrancavam os desprevenidos do chão.

Os homens finalmente tiraram os sonhos de ouro fácil da cabeça e começaram a se queixar da falta de condições para ir adiante. Teriam de prosseguir a pé, levando seus apetrechos nas costas, com as roupas permanentemente grudadas no corpo, encharcadas de chuva ou suor. Fazia um mês que vivíamos desta maneira, cada dia nos afastando mais dos nossos navios ancorados em mar aberto na boca do Orinoco.

Só nos restava dar meia volta e volver. Retornaríamos, entretanto, parando para explorar melhor as margens do rio, algo que ainda não tínhamos feito, embora fosse essencial para o sucesso das próximas expedições de conquista da Guiana. Em dois dias, chegamos na boca do Caroni.

Descemos o Orinoco olhando para os lados e, quando percebemos, estávamos diante do porto de Morequito, onde sofrêramos



tanto para chegar remando rio acima. Com correnteza a favor, nem vento nem chuva nos impediam de andar ligeiro e sem esforço. Cruzávamos não menos de cem milhas por dia.

Achamos um bom ancoradouro para a nossa barca maior e paramos perto do porto. Mandeí um dos nossos índios atravessar a mata e avisar meu amigo Topiauari, com quem eu gostaria muito de conversar mais uma vez antes de partir. Também enviei um convite formal, oferecendo uma cabine de oficial para hospedar nos meus navios um membro da tribo escolhido por ele.

Este representante de Topiauari nos acompanharia até a Inglaterra, a fim de aprender a nossa língua, conhecer a nossa gente e se familiarizar com costumes cristãos. O índio voltaria em breve, para confirmar pessoalmente tudo que havíamos dito e prometido sobre a vida dos ingleses e Sua Majestade, a rainha Elizabeth. Tínhamos, porém, muita pressa. Cada dia de atraso nos deixava mais expostos ao pior.

Três horas depois de despacharmos o mensageiro, o velho cacique apareceu, saindo da mata acompanhado da tribo inteira. Era uma confusão de gente de todas as idades e atividades. Vinham com as mãos cheias de coisas, que nos ofereciam aos gritos, como se estivéssemos numa feira livre nas ruas de Londres. A nossa companhia, sedenta de comida fresca, amontoou-se ao redor dos balaios. Os homens enchiam os bolsos, a burra e a barriga de tudo que lhes apetecesse.

Eu já mandara armar a tenda para o cacique. O centenário Topiauari sentou-se, soltou a lona que servia de porta e ficou ali bebendo sozinho, servido e atendido pelas suas mulheres, que se mantinham a uma certa distância para não perturbá-lo. Uma hora depois, mandou me chamar para uma conversa privada. Deu ordens a sua guarda pessoal para baixar o linóleo e as cortinas das



ventarolas. Queria que ficássemos totalmente a sós por um momento. Permitiu apenas a presença do intérprete e uma mucama que enchia nossos copos.

Bebemos um pouco em silêncio. A certa altura, ele arregalou os olhos e sorriu para mim. Retribuí o sorriso com um brinde à sua saúde e puxei conversa. Resumi a nossa expedição pela Guiana, transmitindo as mensagens afetivas enviadas por caciques das tribos que encontrei rio acima. Comentei minha convicção de que aquelas nações ribeirinhas uniriam-se até a seus arquiinimigos epumereis para lutar contra os espanhóis.

Enfatizei minha indignação diante da brutalidade dos guardiões do império inca para com as tribos e nações indefesas da zona de fronteira. Controlando as entradas da Guiana com mãos de ferro, os epumereis impediam outros nativos de percorrerem o caminho de Eldorado em busca de suas riquezas. Também aprendera que os epumereis massacraram os povos mais antigos da região, apossando-se de suas terras, seu ouro e suas mulheres. Concluí destacando que a entrada dos ingleses nesta luta poderia ser decisiva para corrigir muitas injustiças do passado.

O cacique respondeu que nem os espanhóis, mesmo sendo muito mais brutais com seus inimigos do que outros europeus, tinham conseguido derrotar os epumereis. Até aquele dia, nenhum cristão conseguira uma única vitória contra eles. Os que tentaram, deixaram um rastro de sangue pela floresta. Assaltaram povoados, executaram caciques, raptaram crianças, escravizando tribos inteiras. Muitos curandeiros e sacerdotes foram queimados vivos, depois de condenados como hereges pela Santa Inquisição.

Expliquei ao velho cacique que nada disso se repetiria durante a nossa viagem. Não guerreamos com ninguém, nem roubamos



coisa alguma. Ele podia revistar os nossos navios e ver que quase não tínhamos ouro a bordo. Meu propósito era oferecer meus préstimos como oficial da marinha inglesa. Agia convicto de que a aliança dos índios com uma potência européia que respeitasse seus hábitos e costumes seria de maior utilidade na defesa dos povos e riquezas da Guiana.

A eficiência dessa proteção, entretanto, dependia de um conhecimento minucioso da região. Para isso, eu dependia dele. Precisava que me ensinasse as passagens para a rota mais importante da região, o caminho de Eldorado. Também precisava que me indicasse no mapa as cidades mais construídas e civilizadas do Império da Guiana.

Topiauari me olhou no fundo dos olhos e respondeu com rispidez. Em primeiro lugar, eu não dava a impressão de estar em condições de ir até Manoa. Era quase impossível chegar lá naquela época do ano. Ele via que eu não dispunha de homens suficientes para o tamanho da empreitada. Com aquele contingente, nunca conseguiria abrir meu caminho a tiros pelo território epumerei. Se me arriscasse, era garantido que ficaríamos definitivamente na Guiana, enterrados numa vala comum, sem pedra ou cruz que marcasse a nossa ousadia.

Em segundo lugar, o imperador da Guiana já sabia da nossa presença e certamente tinha reforçado as suas defesas nos pontos de entrada no país. Haveria pelo menos dez índios para cada um de nós ao longo da fronteira. Ele me deu este bom conselho, recomendando nunca esquecer duas coisas. Uma era que ele não estaria mais neste mundo para me ajudar quando eu voltasse.

A outra era que eu não tentasse entrar na Guiana pelas passagens usadas pelos índios, pois estas entradas eram muito bem prote-



gidas pelos epumereis. Pareciam o ponto de partida, mas, na verdade, eram o ponto final da viagem de praticamente todos os europeus.

Em vez disso, o cacique recomendava que abrisse meu próprio caminho para Eldorado. Algo que só seria possível com a ajuda dos povos excluídos da Guiana. Sem o conhecimento e colaboração dos índios, nunca chegaríamos nem perto da mina de Manoa. Os nativos eram os únicos que sabiam onde a floresta era perigosa, onde se encontrava abrigo e onde havia comida. Sem um guia, o homem branco não agüentaria muito tempo, marchando em círculos pelos banhados até morrer de fome ou doença.

A maior prova disso foi o acontecido com trezentos espanhóis que se perderam nos altiplanos de Macureguarai. Vieram rio acima sem fazer amigos, enfrentando à bala todos os índios que encontraram. Os orinoquinos esconderam-se na mata e ficaram esperando os cristãos se cansarem. Ao chegarem na fronteira com a Guiana, os espanhóis foram atacados por dois lados, tendo os epumereis pela frente e os ribeirinhos pelas costas.

Os trezentos soldados tiveram uma morte horrenda. Os ribeirinhos botaram fogo na mata para que os europeus não conseguissem se orientar. Os epumereis esperaram que o invasor se sufocasse, atacando quando o inimigo já estava sem fôlego. No final, terminaram se esfaqueando uns aos outros, incapazes de se reconhecerem na fumaça das árvores em chamas. Seus corpos foram torrados até virar cinza.

Sobre o ouro da Guiana, o cacique Topiauari me disse apenas que conhecia uma cidade muito rica bem próxima da sua taba, que era Macureguarai. Habitada por súditos do imperador inca, ali o povo andava vestido de calças, camisa e jaquetão como os europeus. A cidade era cercada por terras de nobres "orejones" e guerreiros epumereis. Havia outros povoados, mas Ma-



cureguarai era a primeira cidade com gente rica, bem trajada, que passeava pelas ruas coberta de placas de ouro.

Os grandes pratos, bestas e potes de ouro que chegavam do lado de cá da fronteira oeste, quase sempre vinham de Macureguarai. No entender do cacique, o ouro fino mais puro, entretanto, encontrava-se em minas escondidas no interior da Guiana. De lá, chegavam as melhores imagens de gentes, bichos, peixes e pássaros.

Interrompi-o para saber se a minha pequena companhia seria forte o suficiente para tomar Macureguarai, que ficava a poucos dias de marcha. Ele arregalou os olhos e sorriu. Se meus homens fossem bons de briga, talvez conseguissem vencer os epumereis, mas isto seria uma glória vã. Sem a ajuda dos guias da Guiana, jamais chegaríamos a seus depósitos de ouro.

Perguntei se ele não conhecia algum guia amigo. Ele conhecia vários. Então, quis saber se não se dispunha a me ajudar na empreitada. Bastaria ceder alguns guias e arqueiros experientes. Topiauari se entusiasmou. Disse que, se os rios estivessem navegáveis, ele mesmo me serviria de guia.

O velho cacique, porém, impôs uma condição: queria que eu deixasse cinquenta soldados protegendo a sua aldeia. Os homens ficariam aos cuidados das mulheres, comendo o que houvesse de melhor. Constrangido, expliquei que, ao todo, mal dispunha de cinquenta homens com preparo militar na companhia. Os outros eram carregadores, ajudantes e remadores. Também tinha estoques limitados de mosquetões, chumbo e pólvora.

O cacique insistiu que não poderia abandonar as mulheres, velhos e crianças da sua tribo sem proteção contra um ataque espanhol. O que aconteceria, se um general de Granada resolvesse vir



atrás dos carcereiros de Antônio de Berrio, o governador de Trinidad? Eu não sabia, por acaso, que os espanhóis me dispensariam, no mínimo, o mesmo tratamento que eu oferecera a eles ao incendiar a cidade de San José?

Apesar de todas estas dificuldades para uma operação bem-sucedida, os capitães Calfield, Grenville, meu sobrinho John Gilbert e vários mestres manifestaram o desejo de se arriscarem numa investida contra Macureguarai. Eu, muito pelo contrário, estava convencido de que seríamos derrotados pelos epumereis na ida ou pelo rigor do clima na volta.

Lembrei que o próprio Berrio revelara que a qualquer momento seu general de campo, Domingo de Vera, chegaria a Trinidad com uma grande armada, vindo da Espanha. Seu filho também estaria por sair de Granada, com um batalhão de infantaria e outro de cavalaria. Ainda ouvira rumores de que, em Valencia e Caracas, os espanhóis mantinham um contingente de duzentos cavalos prontos para marchar em nossa perseguição.

Se invadíssemos a Guiana, eu não poderia deixar mais de quarenta homens despreparados e mal armados para proteger as mulheres e as crianças da tribo de Topiauari. Eles ficariam ali empunhando mosquetões emperrados, sem pólvora, chumbo ou mesmo enxofre para dar um tiro de estopim. Teriam de cavar trincheiras e erguer fortificações, cortando madeira no mato não sei como, pois levaria comigo todos os facões e machados em condições de uso, ou não conseguiríamos abrir caminho pela floresta.

Diante da impossibilidade de deixarmos uma tropa de retaguarda, o cacique pediu que eu lhe perdoasse; sem defesas adequadas, ele jamais se arriscaria a viajar. Além disso, nunca fizera segredo que achava melhor enfrentar os epumereis com um exército adequado, o que não era o nosso caso. Nas nossas condições, no



máximo, conseguiríamos armar algumas emboscadas e assaltos relâmpagos a postos de controle na fronteira.

Neste caso, nos apossaríamos do que estivesse mais à mão e fugiríamos para a costa, onde tínhamos barcos a nossa espera. Depois, retornaríamos sãos e salvos para a Inglaterra, enquanto ele e sua tribo voltariam indefesos para as suas casas. Vingativos como eram, em pouco tempo os epumereis invadiriam seu território, destruindo portos e plantações, matando os homens que não fugissem e raptando as mulheres que encontrassem.

Mesmo sem provocar os epumereis, a tribo de Topiauari já teria que se precaver contra a ira dos inimigos. Os espanhóis certamente procurariam punir os índios que nos trataram bem. O cacique acreditava que tentariam matá-lo, como mataram a seu sobrinho Morequito. Desde que fora coroado seu sucessor, sobrevivera a várias armadilhas e emboscadas.

Antes de se tornar o novo rei de Aromaia, o velho cacique foi preso por um bando de soldados da Espanha. Passou dezessete dias acorrentado pelo pescoço e pelos pés. Foi arrastado de uma cidade a outra, exposto em praça pública feito um cão na coleira. A humilhação só acabou quando sua tribo arranjou o pagamento de resgate avaliado em cem placas de ouro, muitas correntes e colares de pedras preciosas.

Desta vez, porém, Topiauari esperava uma reação ainda mais brutal, não só contra ele, mas contra toda tribo. A morte era o castigo mais comum aos nativos presos por traficarem com ingleses. O cacique comentou, acrescentando:

“O certo é que qualquer coisa que eu faça servirá de motivo para tentarem me destronar. Nunca mais conseguiram colocar as mãos em mim, mas raptaram um filho meu ainda de colo, que criaram com o nome de Pedro. O mesmo aconteceu com meu



sobrinho Eparacano, que chamaram de Juan. Os dois foram criados nos portos das Índias Ocidentais, vestidos com roupas cristãs. Só falam espanhol, vivem em Sevilha e são reconhecidos pelo rei da Espanha como os legítimos herdeiros do trono de Morequito. Os dois casaram à força. Pedro com Louina, a filha de um cacique vizinho nosso, que também foi raptada pelos galegos”.

Topiauari relatou uma infinidade de maldades praticadas pelos espanhóis. Não poupavam nem um velho à beira da morte como ele. Encerrou o assunto pedindo que adiássemos a invasão da Guiana até a próxima primavera ou verão: “Hoje, mal consigo me mexer. Raramente viajo para além do rio, como fiz a vida inteira. Rogo a meu capitão inglês que deixe sua grande jornada para o próximo ano. Volte bem armado e preparado para a empreitada, que eu deixarei um mapa das fronteiras da Guiana, com entradas para o caminho de Eldorado. Se fizer o mapa agora, os seus homens não resistirão à tentação, perdendo a viagem e a vida na aventura. Até a primavera, os rios negarão passagem a todo e qualquer tipo de embarcação”.

Na opinião do cacique, mesmo que conquistássemos Macureguarai e forrássemos os barcos de ouro, os rios não nos deixariam voltar para os navios maiores. Estariam cheios de troncos e cacos que destruiriam nossos botes aos solavancos, se não emborcássemos antes. As águas forçavam as margens com tanta força, que arrancavam árvores muito maiores do que um escaler. Naquela época do ano, nem mesmo o canoeiro mais experiente se arriscava a descer o Orinoco até o mar de Trinidad. A cada dia que passasse, ficaria ainda mais difícil chegar lá.

O velho Topiauari foi mais longe. Ele tinha certeza que as fronteiras da Guiana estavam protegidas por tropas muito superiores às nossas. Os epumereis nos exterminariam a hora que quisessem,



sem que chegássemos nem perto de Macureguarai ou a qualquer outra cidade do império inca. Seu último argumento era o tempo que precisava para convencer os chefes de tribos com razões mais sérias para atacar os epumereis do que a nossa sede de ouro. Ele achava possível organizar uma grande invasão da Guiana pelos povos ribeirinhos.

Até voltarmos, ele reuniria os chefes das tribos que tiveram suas mulheres roubadas por epumereis ou vendidas a “orejones”. Seu sonho era redistribuir as terras para as nações expulsas da Guiana com a chegada do imperador inca. Os ingleses se encheriam de ouro, os caciques retornariam às terras de seus ancestrais e muitos índios recuperariam suas filhas e esposas. Na falta destas, ficariam com as mulheres dos epumereis mortos em combate.

A carência de mulheres era um dos problemas mais sérios dos povos ribeirinhos. Quase todo cacique com quem conversei reclamou que fora criado num mundo onde um homem de posição e respeito como ele podia ter dez ou doze mulheres. Agora, entretanto, tinha que se contentar com apenas três ou quatro. Só os grandes lordes da Guiana mantinham de cinquenta a cem esposas em suas casas.

Esta contingência predispunha os índios a topar qualquer negócio por mulher. Na guerra, se interessavam mais pelas viúvas dos mortos do que pelo ouro dos vencidos. Aqueles caciques queriam mais esposas para si e seus guerreiros, porque precisavam ter o maior número possível de filhos, de modo que a raça se procriasse, não faltando herdeiros a seus tronos.

Eu já estava providenciando a partida, quando um grupo de guerreiros da guarda especial de Topiauari me procurou, apresentando-se como voluntários para um assalto à Guiana. Eles estavam convencidos de que, com a promessa de ganhar as mulheres dos



Índios fogem de assalto dos espanhóis



Canibais matam espanhóis com ouro derretido goela abaixo



inimigos mortos, os homens de todas as nações vizinhas correriam para “expulsar os epumereis das terras dos nossos tataravós”.

Esta ânsia reprodutora dos índios reflete a drástica redução das populações nativas. Muitos povos embrenharam-se ao sul para proteger suas fêmeas da ameaça constante dos assaltos de espanhóis, guianos e canibais. O comércio de escravas nos portos do Caribe levava muitos índios e europeus a se concentrarem neste tráfico, pagando em ouro pelas meninas raptadas das tribos.

Tais ponderações nos fizeram pensar duas vezes, se não deveríamos ignorar a moderação recomendada pelo cacique e seguir o instinto guerreiro da sua tropa de elite. Nada demonstraria melhor a nossa coragem e determinação de conquistadores do que liderar um assalto a Macureguarai, iniciando as hostilidades que levariam uma guerra geral dos índios das províncias da Guiana contra os epumereis, que protegiam o império inca de Eldorado.

Certamente seria isto que faríamos, se não estivéssemos no fim do outono, quase inverno. As condições do tempo me diziam que, naquele momento, todo incentivo a um ataque era um mau conselho. Não faltará quem me chame de covarde por pensar assim, mas não tínhamos nem botas que resistissem a uma longa marcha, quanto mais armas e munição para enfrentar um exército.

Não havia bom senso que aplacasse o desejo obsessivo gerado pelo brilho do ouro na imaginação dos homens. Precisei recorrer à coerção, para dissuadir os mais irascíveis. Era evidente que, mesmo bem-sucedido, um assalto isolado a uma cidade bem guardada como Macureguarai seria jogar fora a conquista de toda a Guiana, pois alertaria os nativos para nossos verdadeiros interesses, fechando para sempre o caminho de Eldorado.

Em vez de me lançar num ato de heroísmo, achei mais sábio e correto deixar a critério de Sua Majestade, a rainha, a escolha



da data para a invasão e tomada de posse permanente do território descoberto e mapeado. Não assaltando Macureguarai, dei uma prova incontestável de que nós, os ingleses, amamos, acima de tudo, a liberdade da nossa e da pátria dos outros. Não pensamos só em ouro, como outros europeus. Isso convenceu muitos índios de que realmente estávamos ali para fazer amigos em reinos oprimidos ou ameaçados pela tirania do nosso grande inimigo, o rei da Espanha.

A abstenção ao lucro rápido nesta primeira visita se revelará um investimento do maior proveito a longo prazo. Se tivesse pilhado os nativos, eles se uniriam contra nós, tornando impossível qualquer tentativa de conquista definitiva da Guiana em nome da Inglaterra.

Para aqueles índios, a minha atitude deixou bem claro que os ingleses vinham defendê-los, garantindo a proteção de suas terras sob a bandeira do Reino Unido. A amizade dos caciques ainda fará com que suas tribos se submetam às nossas normas, sem o emprego de força bruta.

Foi pensando nesses interesses maiores de Sua Majestade que deixei passar esta e outras oportunidades de saquear cidades. Não tenho dúvidas que, graças à nossa boa impressão neste primeiro contato, os povos fronteiriços à Guiana lutarão ao nosso lado, seja contra epumereis ou espanhóis. Esta confiança e esperança na nossa proteção se perderia totalmente se eu invadissem as aldeias ribeirinhas, prendesse todo mundo, exigindo resgate para libertar os caciques, como fizera Antônio de Berrio.

O assalto a Macureguarai terminou sendo definitivamente cancelado devido à impossibilidade de deixar uma boa escolta na tribo de Topiauari. Assim, ele não viria e, sem ele, não teríamos um guia de confiança. O velho cacique deu-se por satisfeito com



o adiamento da investida contra os epumereis, antecipando grande sucesso na nossa próxima visita, desde que viéssemos bem equipados e chegássemos em época mais propícia.

Como prova irrefutável da sua confiança insistiu para que trouxéssemos conosco o único filho que lhe restava. Ficaria sob a minha tutela na Inglaterra até a nossa volta. Com 110 anos, ele não esperava viver muito. Ao me entregar o filho, o cacique depositava em mim a responsabilidade de garantir a posse do seu herdeiro, quando a morte lhe tirasse do trono.

Em demonstração da seriedade das minhas intenções, prometi voltar no ano seguinte, deixando com o chefe aromaia Francis Sparrow, um servente do capitão Gifford. Sparrow queria ficar por ali. Aprenderia a preparar as tintas usadas pelos índios e copiaria a paisagem, desenhando-a com bico-de-pena. Outro menino de bordo, Hugh Goodwin, também ficou. Era muito bom na repetição de sons e deveria aprender as línguas dos índios antes de voltar à Inglaterra.

Eu já havia me despedido dos últimos, quando me ocorreu perguntar como os guianos fundiam aqueles pratos e medalhões de ouro. Queria aprender sua arte de derreter o metal nos moldes daquelas figuras de gente, bichos e pássaros. Os índios me explicaram que a maioria das imagens da Guiana não era feita com ouro em pedra. Os guianos usavam ouro em pó, que se acumulava no fundo dos rios e lagos das cercanias das minas.

Para grudar as partículas de pó, misturavam o ouro puro com um pouco de cobre, moldando as esculturas a partir desta liga. Seus ourives, porém, eram mestres na lida com metais preciosos. Colocavam a mistura de ouro e cobre num pote enorme, com pequenos buracos ao redor da parte superior. Punham o pote no fogo e ficavam assoprando as brasas para esquentar mais rápido.

Os metais se derretiam num líquido borbulhante, que escorria lentamente pelos buraquinhos do pote para dentro de moldes de barro. Tudo tinha que ser executado com precisão e presteza, antes que a liga metálica esfriasse e endurecesse. Deixavam o ouro assentar e quebravam os moldes de barro, revelando esculturas com imagens do mais fino acabamento.

Os melhores exemplos destes objetos de ouro recolhidos na viagem foram encaminhados ao Lorde Almirante e conselheiros da corte. Sei que muitos acharam pouco para tanto esforço. Eu, porém, presenteiei-os à rainha mais para demonstrar a arte com que são confeccionados do que para impressionar a corte pelo seu valor em peso. Como já disse, não trouxe quantidade porque me faltavam meios de transporte, mas me sobravam razões militares para esconder dos nativos nosso interesse por ouro.

Nessa primeira visita à Guiana, quase distribuí mais ouro do que ganhei, presenteando os caciques e chefetes com as novas moedas de vinte *shillings*, cunhadas com o perfil da rainha Elizabeth. Eles as guardaram como relíquias, comprometendo-se a, dali por diante, reconhecer e respeitar a rainha da Inglaterra como a grande soberana do norte. Aos refinadores de Sua Majestade, ainda encaminhei amostras de diferentes minérios de ouro em pó e em pedra. Algumas delas se revelaram da maior pureza e qualidade.

Por outro lado, sou testemunha ocular da existência de ouro em pedra bruta nas montanhas da Guiana. Não custa lembrar que, infelizmente, nos faltavam mulas, balaios, pás-de-corte, marretas, martelos e picaretas para partir a rocha dura e extrair seu conteúdo. Na nossa próxima viagem, incluiremos uma boa equipe de garimpeiros na tripulação. Com eles, obteremos lucros assombrosos, compensando imediatamente os investidores.

Mesmo desaparelhados para a mineração, recolhemos material suficiente para fazer um teste inicial, comprovando que não se trata de ouro-de-tolo ou “Madre del Oro”, como os espanhóis chamam a mica que parece mas não é o metal precioso. Também trouxemos fartas amostras de cristais de rocha de grande encanto e beleza.

Descobri tudo que pude em Canuri e Aromaia. Fiz alianças e acordos com os principais caciques. Eles aceitaram de bom grado a proteção da Inglaterra, prometendo lutar contra os espanhóis e outros europeus que tentassem invadir suas terras na nossa ausência. Os caciques me asseguraram que, voltando dentro de um ano, contaríamos com guerreiros do lago Cassipa e os índios iuarauaqueris para nos ajudarem na libertação da Guiana do controle epumerei.

Topiauari, o grande líder de Aromaia, tornou-se meu amigo pessoal. Trouxe comigo seu único herdeiro. O cacique me prometeu que, quando levasse seu filho de volta, ele me entregaria um mapa localizando as principais minas de diamante e vias de acesso ao caminho de Eldorado. Reforcei estes laços com os nativos, visitando-os outra vez antes de deixar a Guiana.

Vimos costeando o Orinoco. Passamos pelos campos dos saimas e dos wikiris ou guayqueris. No porto de Morequito, embarcamos um cacique aromaia chamado Putijama, comandante da província de Uarapana. Ele era famoso por ter executado nove espanhóis a sangue-frio nas margens do rio Caroni. O cacique insistiu para que pernoitássemos no porto da sua tribo, dizendo que, na manhã seguinte, nos levaria a uma montanha de pedras douradas, não muito distante da sua aldeia.

Aceitamos o convite e ele cumpriu o prometido. Saímos de madrugada. Quase toda a companhia veio junto. Ficaram apenas



alguns sentinelas para nos avisar de qualquer imprevisto. Assim teríamos mais mãos para trazer o ouro que encontrássemos solto pelo chão. Cruzamos um longo trecho de terra, marchando pela beira de um rio chamado Mana. À direita, ficava a cidade de Tuteritona, na província de Tarracoa. Seu cacique era Uariaaremagoto. Passamos por outra cidade mais ao sul, no vale de Amariocapana, cujas planícies se estendem por sessenta millhas de leste a oeste.

Neste vale, quem manda é o cacique Iraparagoto. Além de grande guerreiro, ele também é talentoso jardineiro. Os campos do seu território têm grama perfeita, com pomares e bosques que parecem podados regularmente. Perto do rio, os índios plantam frutas e legumes, em hortas simetricamente demarcadas. Não faltavam veados saltitando pelos banhados, exatamente como nos parques da Inglaterra. No inverno, quando escasseia a caça, formam-se grandes lagos com vastas reservas de peixe. Às margens do Mana, cruzamos outro rio, o Oiana, que também vem de um vale de rara beleza, com um enorme lago no centro.

Nossa incursão final pelas províncias da Guiana deu-se em marcha lenta. Era quase inverno, mas o calor continuava escaldante. A chuva era escaldante. Vivíamos com as roupas grudadas no corpo pelo suor. A mochila e os apetrechos pesavam o dobro nas costas. Resolvemos descer o vale Oiana para nos refrescar no lago. Os índios que nos guiavam fizeram fogo esfregando dois gravetos de pimenteira e prepararam um assado de porco do mato. Pusemos nossas roupas para secar em varais improvisados com galhos de árvores.

Esperamos que o sol baixasse e saímos à procura de uma passagem que nos levasse até a montanha dourada, conhecida como Monte Iconuri. Segundo o cacique Putijama, ali havia uma mina que já dera muito ouro. Enquanto contornávamos o lago,

vimos peixes descomunais, um deles da largura de uma pipa de cem galões, talvez mais. Chama-se manati. Pescamos um para comer. Sua carne é excelente, gorda, farta e saborosa.

Ao constatar que teríamos outro dia de marcha para chegar na mina abandonada, vi que meu corpo não agüentaria o tirão. Chamei o capitão Lawrence Keymis, mandei ele escolher seis mosqueiros de sua preferência e seguir em frente com o cacique. Depois de visitar a mina, deveria explorar um pouco a região.

Keymis não voltaria por Chiparepare, a cidade-porto de Putijama. Ele exploraria o vale, descendo até o rio Cumaca, onde eu estaria a sua espera. O cacique Putijama se ofereceu a acompanhar Keymis, servindo de guia e caçador. Antes de procurarem a boca do Cumaca, entretanto, ele convidou o capitão para visitar a sua residência. No trajeto, passaram pela cidade de Emparepana à esquerda e Capurepana à direita, continuando pelo vale de Amario-capana.

Eu e os outros homens retornamos imediatamente para os botes. No caminho, vimos pedras cintilantes como o ouro por todos os lados. Navegamos rio abaixo carregados pela correnteza, só precisando dos remos para corrigir o curso.

Costeamos a província de Parino, cujos portos e rios eu deixo para nomear em outra ocasião. Seus traçados e especificações ficam mais adequados no mapa descritivo que será prontamente encaminhado ao Lorde Almirante. É preciso, porém, registrar as montanhas Ara e Aio, situadas na fronteira das províncias de Parino e Caricurina. De alto a baixo, as duas são puro minério. Vê-se o ouro espalhado pelo chão.

Em Ariacoa, o Orinoco se divide em três rios, um maior que o outro. Mandeí os capitães Henry Thyn e meu primo Grenville seguirem com a galeota pelo mais largo em direção ao mar. Eu,



mais os capitães Gifford, Calfield, Edward Porter e o contrames-tre Eynos levamos a barça e os botes pelo rio Cararupana ou Caño Piacoa.

Esta bifurcação do Orinoco se contorce a leste, atravessando Emeria, a província de Carapana, até desaguar na costa da Guiana. No percurso, recolheríamos o capitão Keymis e os mosqueteiros que vinham a pé. Antes de voltar para nossos navios, eu esperava me encontrar mais uma vez com Carapana, o cacique dos caciques orinoquepones.

Uma vez no rio Cumaca, bem onde Putijama prometera trazer Keymis, não encontramos ninguém a nossa espera. Como Keymis estava atrasado, deixei ali o capitão Porter e o mestre Eynos com um bote extra. Segui rio abaixo com o resto da companhia, rumo a Emeria. No território de Carapana, passamos por ilhas muito boas. Algumas com seis, outras com dez ou doze milhas de comprimento.

Quando o sol se punha, entramos num rio lateral, chamado Uinecapora ou Caño José, que deságua de volta no Orinoco. Ouvira comentários de que nascia junto a uma das maiores montanhas de cristal da Guiana. A inospitabilidade da estação do ano e a longa distância a pé que nos separava impediram que o examinássemos de perto. Vimos apenas seu topo de cristal, sobressaindo-se no sol.

Antônio de Berrio me contou haver muito diamante e outras pedras preciosas por ali. Vira safiras e topázios brilhando a milhas de distância. Não sei se ele ou algum de seus homens chegaram a escalar o topo da montanha de cristal. Acredito que não. A região é controlada por tribos em guerra com os espanhóis.

Desembarcamos à beira do Uinecapora para descansar. Uns índios uinecaporas nos visitaram com presentes. Insistiram tanto, que nos vimos obrigados a aceitar o convite para ir à sua aldeia

conhecer o cacique Timituara. Ele me recebeu com muita honra e muito vinho. Ofereceu-se para me levar pessoalmente até o topo da montanha de cristal, que chamava de Uacarima.

Antes, porém, tínhamos que esperar pelo fim da temporada de festas da tribo, para as quais também fomos convidados. Esta exigência parecia irrecusável. Chegamos ali no meio da tarde. O cacique Timituara, seus guardas e conselheiros já estavam bêbados. Passavam de mão em mão o pote de aguardente, quase se arrastando pelo chão. Nenhum conseguia ficar em pé por muito tempo.

Cansados, suados e sedentos como estávamos, depois de horas marchando sob o sol, ficamos felizes vendo aquela extravagância. Convidados a beber, aceitamos um gole de bom grado. Trouxeram grande quantidade de um licor forte. Meia dúzia de goles deixavam qualquer um de perna bamba, fala grossa e cabeça pesada.

Mais tarde, tivemos que comer muito e dormir à perna solta para nos recuperarmos da farra. Acordamos com o sol se pondo. Voltamos às pressas para os botes, mas continuávamos grogues, sem condições de viajar. Como as festas durariam mais duas semanas, tivemos que adiar a visita à montanha de cristal.

Pernoitamos à beira-rio. Ao amanhecer, tivemos que adiar a partida. Desde cedo, começaram a chegar comitivas de lordes e caciques da região. Vinham prestar suas homenagens, trazendo suas mulheres e crianças com balaios abarrotados de mantimentos e iguarias da terra. De tudo que provamos, o mais saboroso e o mais perigoso foi, mais uma vez, o vinho de abacaxi.

Ganhamos galinhas, raízes e frutas, além de amostras de pedras coloridas com um raro tom de verde, as "piedras hijadas". Os caciques das tribos de Uinecapora também reconheciam em Cara-

pana seu grande líder contra a crueldade dos epumereis da Guiana e a tirania dos espanhóis de Trinidad.

As montanhas de Emeria despontavam do outro lado do rio, quando fiquei sabendo que Carapana, o chefe dos chefes, não se encontrava na província. Fora viver em Cairamo, uma cidade junto às montanhas de Amariocapana, no interior da Guiana. Desde que os espanhóis estabeleceram um entreposto em seu território, sua tribo estava convencida de que tentariam assassiná-lo.

Na minha conversa com os caciques uinecaporas, reafirmei que vínhamos criar uma comunidade de nações com liberdade religiosa e política garantida, sob a soberania da rainha da Inglaterra. Os chefes das tribos de Uinecapora e Saporatona perceberam logo que éramos inimigos dos espanhóis e não vínhamos ali para expulsá-los de suas terras. Muito pelo contrário, queríamos proteger a Guiana e suas províncias contra uma invasão européia.

Desde a criação do Puerto de Guiana, os índios de Emeria serviam de criados aos espanhóis, mas mantinham-se leais a Carapana. Alguns deles nos procuraram, dizendo que o grande cacique nos receberia de bom grado em seu esconderijo. Seu povo, apesar da aparente subserviência aos ibéricos, estava disposto a nos ajudar contra a presença deles em suas terras. O mesmo pode ser dito dos nativos de outras províncias das fronteiras da Guiana.

O cacique Carapana sempre fora um homem de paz. Vivia de bem com todo mundo a seu redor, inclusive os europeus. Deixara de confiar no homem branco devido ao comportamento deplorável dos espanhóis. Eles invadiram suas terras sem pedir licença, abrindo um porto de abastecimento só para navios da Espanha vindos de Caracas, Trinidad, Margarita e o Nuevo Reyno de Granada. Ao pararem ali, os soldados e marinheiros raptavam índios, torturando-os até a morte, para que revelassem o caminho de Eldorado.

No início, vendo sua tribo tão cordial e solícita com invasores tão brutais como os espanhóis, desconfiei das verdadeiras intenções de Carapana. Talvez estivesse se escondendo de nós por ordens dos soldados. Os caciques com quem conversei, porém, garantiram que não.

Carapana era homem de coragem comprovada dentro e fora do campo de batalha. Nada nem ninguém lhe dava ordens ou metia medo. Foi só depois de muita insistência da sua tribo que aceitara passar uns tempos na província de Cairoma, por ser bem protegida dos epumereis e fora do alcance dos espanhóis.

Cairoma ficava entre as montanhas, tendo à sua frente os altiplanos da Guiana. De lá, era fácil ir a qualquer lugar. Se fosse perseguido pelos soldados, desapareceria pelo caminho de Eldorado. Se sua presença na fronteira irritasse o imperador inca, escaparia dos epumereis descendo para os territórios orinoquipones. Lá, nenhum dos dois se aventuraria a procurá-lo.

Mais uma vez, fiquei muito bem impressionado com a astúcia de Carapana. Só se notava que vivera mais de cem anos devido à experiência e sabedoria de suas atitudes. Tinha uma sofisticada arte de negociação. A violência era seu último recurso. Por mais contrariado que estivesse, não fazia estardalhaço. Ficava em silêncio na hora da ofensa, sorrindo para tudo que lhe desagradasse.

Embora agisse com veemência sempre que necessário, colocava os interesses da tribo acima de suas preferências pessoais. Como um velho amigo, ele bem que gostaria de me ver para trocar umas idéias. As circunstâncias, entretanto, exigiam que mandasse apenas uma representação de subchefes nos receber. Carapana acreditava na sinceridade das nossas intenções, mas duvidava da nossa capacidade militar para expulsar os espanhóis do porto.

Antes de comprometer suas tropas, ele precisava ouvir o parecer de seus caciques de confiança. Se fôssemos muitos e estivéssemos preparados para expulsar os espanhóis imediatamente, ele viria nos encontrar pronto para entrar em combate. Se fôssemos poucos e, mesmo assim, tentássemos enfrentar o inimigo, ele protegeria seu povo, não se envolvendo diretamente num ataque de alto risco, que provavelmente dizimaria a todos.

Diante da contingência pouco ameaçadora da nossa companhia, achei que não ganharíamos nada enfrentando os espanhóis por contra própria. Bati em retirada, optando pela segurança da viagem de volta. Do rio Uaracapana, que irriga os campos de Emeria, demos uma guinada a leste. Passamos por quatro rios respeitáveis, que talvez sirvam de entrada para a Guiana, pois descem suavemente das montanhas até as margens do Orinoco. Estes rios chamam-se Uaracapari, Coirama, Akaniri e Iparoma.

Mais abaixo, surgem os grandes braços do Orinoco, abrindo-se em muitos canais, até se fundirem no mar. Na boca do estuário, o primeiro destes canais é o Araturi. Depois vem o Amacura. O terceiro é o Barima, o quarto o Uana, o quinto, Moruca. O sexto braço do Orinoco é o Paroma e o último se chama Uijama. Entre o Orinoco e o Amazonas, as praias habitadas por canibais e arauacas são recortadas por quatorze rios, de cujos nomes eu poupo o leitor que me acompanha até aqui.

Estava mais do que na hora de voltar. Seguimos pelo caminho que nos pareceu menos perigoso. Acompanhamos a linha de fronteira da Guiana com Emeria, chegando na nascente do rio Carerapan. Descemos sem esforço, carregados pela correnteza. Dei instruções ao piloto para escolher o trajeto mais curto até o porto de Toparimaca. Queria reunir a companhia, encontrando o nosso “galego” que viera na frente.

Pegamos um rio mais rápido e terminamos chegando primeiro. Também viajamos dia e noite. Depois que o sol se punha, a paisagem parecia assombração. Na escuridão das margens, viam-se apenas os vultos das árvores, mexendo-se feito monstros prestes a nos atacar. Ao longe, a silhueta das montanhas recortava o céu, ameaçadoramente iluminadas pelos raios dos temporais.

Incapazes de reconhecer o caminho, mantivemos os botes perto da margem. Se acontecesse o pior e emborcássemos, os homens conseguiriam se salvar nadando para as barrancas. No meio do rio, seria impossível vencer aquela correnteza a nado: morreríamos arrastados de roldão ou esmagados entre troncos trazidos pelas águas. Ao amanhecer, o fato de estarmos vivos já foi considerado um milagre.

A galeota nos alcançou ao meio-dia e fomos adiante rio abaixo. Na boca do rio Cumana, procuramos pelo capitão Porter e o mestre Eynos. Os dois ficaram esperando por Lawrence Keymis e seus mosqueteiros, que vieram a pé. Na falta de qualquer indício da sua passagem pelo ponto de encontro, começaram a nos surgir fortes dúvidas sobre o que teria acontecido com o destacamento. Remamos uma ou duas léguas pelas margens. Ao longo do percurso, disparamos tiros de alerta, para chamá-los caso estivessem perdidos ou escondidos na mata.

Pernoitamos no lugar combinado para a reunião da companhia. Na manhã seguinte, perdíamos as últimas esperanças de resgatar nossos companheiros, quando ouvimos um disparo de mosquetão. Tratava-se de Keymis nos avisando que não estava longe. Chegaram sãos e salvos, graças aos bons serviços do seu guia, o cacique Putijama. Ele veio se despedir, lamentando muito a nossa partida. Ficara sabendo que o filho mais novo de Topiauari viajava conosco e insistiu para que eu também trouxesse um filho

seu para a Inglaterra. Concordei de bom grado, mas destaquei que o mau tempo não nos permitiria esperar que fosse até a sua taba buscar o menino.

Com a partida de Putijama, ficamos sozinhos entre o rio e a floresta. Embarcamos quase sem sentir o calor infernal. A maioria suava frio diante da fúria do Orinoco. Prosseguimos sem maior controle sobre os barcos, que iam de lado, tamanha era a força da correnteza. A galeota, por ser mais pesada, ganhou a dianteira, navegando como se fosse emborcar. As águas só se acalmaram quando o rio escancarou a sua boca para o mar, dividindo-se em três grandes canais.

Passamos mais uma noite de agonia nas trevas, antes de reconhecermos a ilha de Assapana, que divide o Orinoco em mais dois rios. Uma das suas bifurcações é o caminho que tomamos para entrar em Emeria. Em Assapana, nos refestelamos com um assado de "armadillos", os porcos selvagens parecidos com rinocerontes nanicos, de casca muito dura, que saboreamos pela primeira vez em Uinecapora.

Bem comidos e bem dormidos, resolvemos nos mexer sem perda de tempo. À noite, um vento louco nos forçou a rever os planos, trazendo nuvens espessas, que se choravam em trovoadas tenebrosas. A calmaria do Orinoco terminou no mar, que arrepiava as águas do rio. Vagalhões gigantescos erguiam-se no ar feito paredes, para em seguida desabarem num grande estrondo. Nada neste mundo nos convenceria a sair em busca dos navios àquela hora.

Esperamos mais um dia e concluímos que, parados, seríamos destruídos da mesma maneira. Decidimos prosseguir com qualquer tempo. A chuvarada nos pegou em cheio, anunciando que o pior do inverno não estava longe. O bom das cheias, para nós, era

poupar os braços dos remadores. A correnteza empurrou os barcos não menos de cem milhas rio abaixo.

Tentamos retornar aos nossos navios maiores em mar aberto, pelo mesmo trajeto que nos trouxe à Guiana, mas não conseguimos vencer a contracorrente do rio Amana. Ele deságua no fundo da baía de Guanipa, bem onde o vento se levanta enfurecido e as ondas se arrebatam. Era impossível passar por ali. Nem os índios se arriscariam naquelas condições.

A hostilidade do Amana parecia aumentar com a proximidade do mar. A brisa soprava a sul e a leste, justamente os pontos cardiais que mais queríamos evitar. Em Guanipa, a água batia nas pedras com tanto vigor, que bastaria um golpe para destroçar nossos botes. Em vez de enfrentar a arrebatção de frente, seguimos de lado, entrando no mar pelo rio Capuri, que deriva do Orinoco e desemboca um pouco mais a leste do lugar onde nossos navios nos esperavam. A esta altura da viagem, meus leitores, lordes e credores não terão dificuldades para compreender o medo que sentíamos, só de ouvir o estilhaço das pororocas batendo-se contra as margens do Orinoco.

Na noite anterior à partida final, vivemos o momento mais perigoso da expedição. Os navios grandes tinham se aproximado da baía do Capuri, onde o mar parecia mais calmo. Uma ventania incontrolável, porém, forçou-os a recolherem as velas e ancorar. Para não chamar a atenção dos índios, apagaram todas as luzes a bordo. Isto impediu que os reconhecêssemos na penumbra. Nossa única saída foi buscar abrigo em terra firme com os botes. No caminho, ficou evidente que a galeota construída em Trinidad estava imprestável, quase afundando com tudo que tinha a bordo. Fomos trazendo-a para a praia bem devagarinho, puxada por cordas, a reboque dos barcos a remo.

Confesso que, naquela hora, nem eu nem ninguém sabia bem o que fazer. Perder o “galego” era perder tudo que recolhêramos na viagem. Salvar a barca seria perda de tempo e possivelmente da vida, pois o clima só pioraria. Também não sabíamos se seria possível alcançar os navios de bote naquele mar bravio.

Avariada, a galeota mergulhava até cinco pés. Será que, seguindo pela costa, teríamos profundidade suficiente para boiar o casco? Será que deveríamos simplesmente abandonar o barco e tentar salvar a pele? A nossa situação só se agravava e nós perdíamos tempo hesitando muito antes de tomar qualquer providência. Mande os capitães Gifford e Calfield embarcarem os homens nos botes. Chamei meu primo Grenville e seus homens para a barça. A galeota ficaria na costa, bem ancorada por paus e cordas para não virar. Tentaríamos achar nossos navios de qualquer jeito. Quando o tempo melhorasse, voltaríamos para consertá-la ou recolher a carga. Todos embarcaram, mas a chuva apertou, impossibilitando a partida imediata.

À meia-noite, o céu clareou. Orientados apenas por algumas estrelas, remamos desatinados contra vento e maré. Os mais apavorados rezavam em voz alta, rogando a Deus que nos pilotasse até umas luzes muito fracas que víamos ao longe e supúnhamos serem dos nossos barcos. As luzes realmente vinham de umas lanternas de popa do nosso navio, que um ordenança esquecera de apagar de madrugada. Só Deus, porém, realmente sabe como chegamos lá.

Ao amanhecer, as luzes desapareceram e não víamos mais os navios. Sabíamos que estavam por perto, provavelmente protegidos do temporal na costa de Curupian. Exatamente às nove da manhã, foi do agrado de Deus nos mostrar a ilha de Trinidad no horizonte. Remamos para lá, voltando a reconhecer um dos nos-

sos navios. Tudo não passou de um grande susto. A tripulação também nos reconheceu e veio nos buscar. Subimos a bordo, festejando o que parecia impossível: atravessamos o inferno sem perda de vida.

O alívio que sentimos dentro dos navios que nos trariam de volta à Inglaterra não impediu que deixássemos a Guiana cabisbaixos e melancólicos. Estávamos com o coração pesado pela memória do ouro que vimos e não trouxemos. Foi preciso distribuir um gole de licor para levantar os ânimos, criando coragem para os homens se manterem atentos nos seus postos até o fim do percurso. Antes de encerrar a viagem, ainda tínhamos muito pela frente.

Aquele foi nosso primeiro momento de alegria, depois de seis semanas de umidade, tensão, fome e apreensão. Com ele, também chegava a hora de entregar as riquezas da Guiana aos cuidados do sol, o astro venerado pelos índios feito um deus sobrenatural. Esperamos um dia e ganhamos a calma que queríamos para recuperar a carga da galeota, que abandonamos, imprestável, na costa.

Melhor acomodados com os pequenos confortos oferecidos pelos navios grandes, vimos que o vento não nos ajudava nem um pouco a sair do mar das Índias. Com as velas invertidas para enganar a brisa, não foi sem esforço que nos colocamos em curso no lago azul do oceano. Quando o vento esmorecia, nós nos empenhávamos nos remos, rezando para chegar em casa o quanto antes.

Por mais longe que estivéssemos das Índias, só nos sentiríamos seguros muitos dias depois, ao surgirem no horizonte os montes brancos de Dover, na altura do rio Gravesend, já na Inglaterra. Recontar a viagem de volta seria enfadonho e cansativo como relacionar o nome de todos os rios, ilhas e cidades que descobrimos.



Mesmo as curiosas habitações suspensas nas árvores dos índios tivitives, eu me limitarei a indicá-las no mapa geral a ser entregue ao Lorde Almirante.

Retornamos irriquietos, quase sem dormir. Ansiosos por chegar, mas constantemente assaltados por dúvidas sobre o sucesso da longa viagem. Sem amealhar fortuna que justificasse tanto empenho, trazíamos na boca o gosto amargo de quem vive um ato de bravura, cuja glória tentarão diminuir, exigindo ouro para provar coragem e ousadia.

Eu pedia perdão a Deus por não ter desempenhado melhor a minha missão. A razão consolava a alma, indicando que os resultados de uma primeira viagem de descoberta não poderiam ser muito diferentes. Além disso, só desistimos quando não dava mais para avançar. Fizemos de tudo para traçar as entradas da Guiana e estabelecer o caminho de Eldorado. Talvez nos faltasse um peso maior de ouro em espécie para convencer a todos da fartura e abundância da terra descoberta.

Antes de concluir este relato, sinto-me na obrigação de destacar o efeito moral revitalizador da nossa visita sobre os índios que protegem a Guiana de uma invasão espanhola. Praticamente todas as nações que contatamos nos trataram como um irmão nesta luta. Muitas outras, entretanto, evitaram qualquer contato. As principais tribos por nós identificadas vão resumidas a seguir.

Ao entrarmos no rio Amana, passamos, entre a margem direita e o mar de Trinidad, uma nação de canibais, que controlam os rios Guanipa e Berbice, devorando a todo e qualquer estranho encontrado em suas terras. Na mesma bacia, há um terceiro rio, o Areo, que sai do rio Pária em direção a Cumana. Este rio pertence aos índios wikiris ou guayqueris, que construíram uma cidade imponente perto de outro rio, o Saima.

Estes rios servem mais de saída do que de entrada para a Guiana. Assim como as bifurcações do Amana, deságuam torrencialmente no Orinoco perto do mar. São rios salobros na barra, com a água adoçando duas ou três léguas adentro. Estes canais oferecem acesso à Guiana, mas é muito difícil vencer a sua correnteza a remo.

Os nativos, para evitar este esforço, transformavam a viagem em muitos percursos menores, parando nas ilhas formadas pelas bifurcações do Orinoco na altura da costa. Nestas ilhas vivem os tivitives, uma nação com duas castas, os ciauanis e os uarauitis. Estas tribos vivem em pé de guerra. Aliam-se até aos espanhóis para prejudicar seus meio-irmãos.

As margens do Orinoco são habitadas por diferentes grupos de povos ribeirinhos. Nos territórios de Toparimaca e Uinecapora, os índios são descendentes de nepoios. Embora tenham seus próprios caciques, os nepoios acatam a soberania do velho Carapana, o rei de Emeria, que é território aruaca.

Entre Uinecapora e o porto de Morequito vive a tribo do meu amigo Topiauari, que também se considera uma nação arauaca. Os índios canuris habitam as margens do rio Caroni e são governados por uma mulher. Ela herdou a província de seu pai. Para que sua tribo não fosse escravizada pelos espanhóis, esta mulher assumiu todas as tarefas de homem, mesmo as mais alheias ao suposto sexo frágil.

A rainha dos canuris veio de longe para me ver. Como toda mulher, fez muitas perguntas sobre a aparência, as jóias e o guarda-roupa de Sua Majestade, a rainha Elizabeth. Trouxe consigo uma moedinha que Topiauari lhe emprestara, indicando que a rainha da Inglaterra era agora soberana reconhecida por muitas nações da Guiana.

A mulher-cacique queria saber por que a nossa rainha não viajava conosco, duvidando que uma mulher tão delicada e cheia de virtudes tenha se mantido tanto tempo no comando de reino tão poderoso. Também queria provas de que ela conseguira expulsar os espanhóis de outros países.

Eu tentei convencê-la da necessidade de preservar a nossa rainha da vida rústica dos navios capazes de vir além-mar. Ela despediu-se manifestando desejo de visitar as grandes cidades do nosso reino. Eu perguntei seu nome, mas ela disse apenas “cacique dos cassipagotos” e se retirou.

Na nascente do Caroni havia muitos índios. À beira do lago Cassipa, encontrei três tribos mais bem armadas da grande nação cassipagoto. Ao sul, ficavam os capurepanis e os emparepanis. Depois vem a primeira cidade do Império da Guiana, Macureguarai. É habitada por descendentes da terceira tribo, os iuarauaqueris, que se aliaram às altas castas de “orejones” e guerreiros epumereis. Todos estes índios não escondiam seu ódio mortal dos espanhóis.

A oeste do rio Caroni, encontram-se tribos menores de nações muito antigas. Entre estas, há canibais e seres fantasmagóricos como os índios sem cabeça, os euaipanomas. Mais a leste, ficam os amapaías. Um pouco antes, os anebas. Estes têm muito ouro. As terras das províncias fronteiriças ao Reyno do Peru são supostamente muito ricas em prata, mas serão omitidas, por serem irrelevantes para a nossa descoberta.

Basta registrar que a região norte do Orinoco, até o mar das Índias, pertence aos wikiris e aos saimis — duas tribos arquiinimigas dos espanhóis. Ao sul da boca principal do Orinoco, ficam os aruacas e, depois deles, uns canibais famosos por ferverem europeus em grandes caldeirões de barro. Abaixo, chega-se ao rio das Amazonas.



Euaipanomas, os guerreiros sem cabeça da Amazônia



Amazonas, as mulheres guerreiras

Eu precisaria de vários volumes e levaria uma década para mencionar e descrever os bichos, bestas, pássaros, peixes, frutas, flores, raízes, farinhas, gomas, tintas, paus-de-cheiro, paus-balsâmicos, ervas doces, vinhos, licores e tabacos dos mais variados aromas, utilizados pelos nativos nas suas cerimônias religiosas. Nestas festas, pelo que pude observar, reinava o paganismo: comiam, bebiam, fumavam e dançavam até altas horas durante vários dias.

Tanto os epumereis como os incas da Guiana e do Peru praticam a mesma religião. Seus rituais estão amplamente estudados em publicações espanholas de Pedro Ciela de León. Acreditam na imortalidade da alma como os cristãos, mas idolatram o sol como o deus vivo.

Quando morrem, costumam levar para a tumba seus tesouros e mulheres. Isto é muito comum no Peru e outras partes das Índias Orientais e Ocidentais. Na Guiana, talvez seja um fator na escassez de esposas sentida pelos caciques. Os orinoquipones ou povos ribeirinhos são os únicos que não enterram as mulheres do morto junto com ele. Levam apenas ouro e jóias, acreditando que poderão se enfeitar no outro mundo. Por isso, os espanhóis desenterraram tanto ouro escavando os cemitérios do Peru.

Os caciques, os generais e guerreiros condecorados, os sacerdotes e principais das tribos têm, em média, cinco esposas cada um, ainda que alguns tenham mais. Elas vivem separadas das outras mulheres. Nunca comem na frente do marido, nem conversam durante as refeições. Servem o almoço do esposo e ficam às suas ordens num canto da sala. Só depois de dispensadas é que se alimentam ou vão cuidar da aparência.

As mulheres mais velhas trabalham sem parar. Amassam o pão, mascam o muco do vinho silvestre, armam as redes dos homens, ensinam às jovens tudo que possa ser do agrado de seu dono e



senhor, cabendo a elas todas as tarefas domésticas. Os homens jamais se ocupam de trabalho braçal. Quando não estão na guerra, passam o dia pescando, caçando e passeando. Bebem sem parar. Não vou me aprofundar nestes hábitos e costumes indígenas.

Como não foi possível ver pessoalmente as cidades do império da Guiana, não consigo acreditar em tudo que me contaram, devido ao excesso de ouro presente nos depoimentos que me chegaram aos ouvidos. Se a metade do que dizem for verdade, existem cidades esplendorosas no caminho de Eldorado. O imperador vive construindo templos e palácios com paredes revestidas de ouro e teto cravejado de rubis, safiras e diamantes.

Estas construções seriam de luxo muito mais ostensivo do que as grandes obras deixadas por seus ancestrais nos reinos incas do Peru. Os guianos teriam erguido prédios espaçosos de vários andares, com sofisticação e acabamento superiores a seus similares na Europa. Pelo que me afirmaram os espanhóis, índios salvaios da fronteira e povos ribeirinhos do Orinoco, estas construções só se comparam em opulência e resplendor aos palácios de porcelana da China.

Também nos falaram de tesouros enterrados onde houvesse tumbas e cemitérios incas. Ao contrário do Peru, porém, os índios da Guiana conheciam as intenções dos europeus e passaram a disfarçar os locais onde guardavam seus mortos. Ser enterrado com a sua fortuna era um privilégio dos grandes senhores. Pouco antes de chegarmos ao vale de Amariocapana, um cacique fora enterrado num túmulo enorme, feito especialmente para acomodar todo ouro do morto. Fiquei sabendo que, além de centenas de placas e pratos de prata, ele levou para baixo da terra um trono de ouro maciço, esculpido com arte e originalidade. O trono seria obra dos ourives de Macureguarai, com ouro puro vindo da mina de Manoa.

Mais me preocupei do que me interessasse por tanto ouro de fácil extração. Para mim, numa terra com tanta abundância, soou inapropriado mexer com algo tão religioso como os mortos. Neste primeiro contato, pelo menos, não queria ofender os índios, profanando as sepulturas de seus antepassados.

Nos últimos tempos, os próprios nativos vêm mudando de costumes para evitar que isto aconteça. Várias tribos passaram a enterrar as jóias do morto longe do corpo. Outras camuflaram suas tumbas cobrindo-as com folhagens. Havia ainda as que abandonaram tais superstições e passaram a dividir as jóias e riquezas do falecido entre amigos e parentes.

Até a conquista daqueles corações para os nossos hábitos e procedimentos cristãos, seria precipitado escavar seus túmulos à cata de ouro. Se perturbássemos o sono dos antigos, ganharíamos um pouco mais de ouro, mas perderíamos o amor e respeito dos mais novos, que passariam a nos considerar iguais aos espanhóis. Para justificar esta decisão, tive que convencer o resto da companhia de que nossos princípios anglicanos só permitiam interferir com os mortos, após obter autorização expressa da rainha e seu arcebispo. Era uma regra de conduta.

Para o imperador e as altas castas da Guiana, não havia nada de extraordinário em devolver um pouco de ouro para debaixo da terra, levando-o para a tumba. Era uma prática cultivada pelos incas do Orinoco ao Peru. Na Guiana, só havia mais ouro para ser desperdiçado desta maneira. Os ricos estavam acostumados a dispor de montanhas de ouro moído para engalanar as festas e depois ser lavado no rio. Os tesouros que enterravam com os mortos mal arranhavam a superfície das suas riquezas.

Foi a supressão de seus ancestrais pelos espanhóis que forçou o imperador da Guiana a fechar o caminho de Eldorado para ou-

tros povos. Ele temia os cristãos e suspeitava das tribos das províncias vizinhas ao império, que freqüentemente traficavam com europeus. Assim, negou entrada a todos, protegendo o último lastro em ouro da sua família real da ganância do homem branco.

Neste relato, dou minha palavra de só registrar o que vi ou ouvi e me convenci ser verdade. Muitos navegadores dispostos a explorar a região talvez satisfaçam melhor seus sócios, pilhando as riquezas mais acessíveis das margens do Orinoco, como os enfeites dos nativos. Desta maneira, também fecharão o caminho de Eldorado para todos, tornando os povos ribeirinhos contra os ingleses. Foi justamente o que fizeram com os espanhóis, depois de ataques impensados contra aqueles que mais precisavam agradar nas circunstâncias.

O Orinoco tem os braços d'água condutores aos quatro cantos da Guiana. Estende-se por mais de duas mil milhas de leste a oeste e outras oitocentas de norte a sul. É bem navegável por pequenos barcos, desde que os povos ribeirinhos não hostilizem o viajante. O príncipe ou general que conduzir seus soldados na conquista da Guiana será muito melhor recompensado, do que os frutos de meia dúzia de assaltos apressados. O conquistador passará o resto da vida trazendo para a Inglaterra navios carregados de ouro em pó, em pedra, em barra, em pratos e medalhões de dez polegadas de largura. Ainda abrirá o caminho de Eldorado para a sua nação, permitindo a riqueza de muitos outros.

O sucesso nesta façanha, se couber a um comandante inglês, também deverá ser creditado e compartilhado com os homens que arriscaram a vida comigo, nesta primeira viagem de descoberta. Será graças a sua coragem e determinação que seus patrícios forrão os bolsos, sem correr os riscos, passar o suplício ou fazer os mesmos sacrifícios.

Bons marinheiros e patriotas, foram eles que colocaram o bem comum acima de seus interesses imediatos. A descoberta da Guiana custou-lhe muitas cicatrizes. Feriram-se na ponta dos espinhos, raspavam a pele contra pedras ásperas, ferveram de febre mordidos por cobras e lagartos, morreram na ponta das flechas com curare e nos dentes de jacarés e crocodilos.

Estes pioneiros suportaram misérias abomináveis, enfrentando a mata virgem e selvagens ferozes. Combateram com alma e astúcia pela honra e glória da pátria, em troca de um soldo incerto. Se buscassem o retorno pecuniário imediato, ficariam pelos mares, saqueando presas fáceis. Não arriscariam o couro, embrenhando-se na selva para abrir o caminho de Eldorado a toda Inglaterra. Teriam, porém, feito a fortuna de suas famílias. Na Guiana, se não quisessem fazer amigos, nem precisariam atacar os índios nas aldeias. Bastaria desenterrar os mortos para recolher suas jóias.

Uma campanha militar que nos traga o controle do território sem confronto com os índios nos permitirá extrair as riquezas da região sem maior desgaste. Os comandantes, comerciantes e traficantes que se fizerem sócios dos selvagens no uso da terra terão lucros assegurados por cinco ou sete gerações. Não estou recomendando o relaxamento da mão firme contra os rebeldes. Durante este assalto definitivo à Guiana, inevitavelmente, será preciso saquear algumas aldeias para impor respeito. Para isso, não faltarão candidatos. As margens do Orinoco têm muitas cidades desprevenidas e indefesas contra um ataque de sobressalto.

A Guiana é o mais rico império inca. Seus desbravadores europeus voltarão com navios mais pesados do que os de Hernán Cortéz ao sair do México ou os de Pizarro do Peru. O dourado das montanhas reluzirá para sempre nos confortos que proverá a seus filhos e oportunidades que criará a seu povo. Tudo isso só será

possível, como já foi dito, pelo esforço abnegado dos que me acompanharam nesta primeira viagem de descoberta. A Inglaterra só conseguirá ofuscar a opulência da Espanha quando tomar o caminho de Eldorado.

A Guiana é um país-tesouro. Não se sabe de outro com tal abundância. É este ouro que dá tanto poder a Eldorado e tanto prazer a seus comandados. Os guianos vivem em tempos de eternas vacas gordas. Caçam, pescam e se divertem pelas matas, sem a menor preocupação material. Compram tudo que lhes agrade ou apeteça, pois ouro é o que não falta. Os lordes mais abonados mantêm diversas mulheres cobertas de jóias e vestem-se como os nobres europeus, copiando mudas de roupas adquiridas de comerciantes espanhóis.

Aquelas terras também não negam comida a ninguém. Oferecem veados, “armadillos”, porcos selvagens, tigres, lebres, leões, leopardos e outras caças de carne muito saborosa. As aves são incontáveis: faisão, perdiz, codorna, gaivota, frango d’água, garça azul, garça branca e muitas outras que não sei dizer o nome. De todas estas bestas desconhecidas, a carne que mais me agradou foi a da anta: farta e succulenta, é excelente assada no forno feito *roast-beef*. Por mais interessante que pareça, continuar entrando nestes detalhes seria confundir o leitor com o que agora nos é supérfluo.

O essencial, no momento, é convencer os incrédulos de que, na Guiana, encontra-se tudo que possa se fazer necessário para uma vida saudável, ao ar livre, repleta de alegrias, belezas e riquezas. Por isso, estou convencido de que se trata de território ideal para a expansão ultramarina da Inglaterra.

Falo como comandante de mais de cem homens durante uma expedição de mais de cem dias. Por mais de um mês, vivemos sob condições de total austeridade, suando sem parar. O corpo parecia

se derreter com o calor insuportável. Vivíamos de ossos úmidos pelas chuvas torrenciais.

Comemos a carne de animais selvagens sem saber que mal nos faria. Provamos aves raras e peixes nunca vistos, de gosto muito esquisito. Fizemos ensopados com ovos de tartaruga, conservas de cobras e lagartos. Provamos os frutos da terra que encontramos pela frente e outros que nos trouxeram de presente. Dormimos ao relento, descobrimos o deleite da rede “hamaca” ou “cama-Brasil”.

Marchamos no mato, deixando um rastro dos nossos passos, até gastar botas e sapatos. Remamos rio adentro, desafiando a correnteza no braço. A penúria, o calor e o cansaço, porém, não debilitaram os homens, confirmando a salubridade da Guiana. Que eu tenha tomado conhecimento, ninguém na tripulação sofreu qualquer indisposição corporal ou as pavorosas “calenturas”, causadas pelas pestilências, contraídas nas proximidades da Linha do Equador.

Uma terra com tanto ouro certamente não precisa ter suas vantagens alardeadas para atrair interessados em sua conquista. São estas pequenas coisas cotidianas, aparentemente sem maior importância, entretanto, que viabilizam uma boa vida em qualquer lugar do mundo.

Ao sul do Orinoco, há fartura de pau-Brasil para colorir tecidos. Há muita ameixa, cereja e amora silvestres. São excelentes para conserva doce ou apimentada. Bem amassadas, ainda produzem a tintura mais encarnada do mundo. Encontrei paus de tinta para praticamente todas as cores, em quantidades nunca vistas, nem nas terras dos grandes pintores, como a França e a Itália.

A tintura da pele e dos tecidos é uma química muito avançada entre os nativos. Em todas as tribos, os homens pintam o corpo

com cores e traços que mudam conforme a ocasião: festa, guerra ou caçada. As mulheres se enfeitam muito. Pintam a cara, penduram colares de penas no pescoço. Outras trazem chocalhos nas canelas. Nas bochechas, desenham duas bolas vermelhas semelhantes ao “rouge” que cora a face dos nobres na Europa.

O lugar ainda tem algodão, seda, um bálsamo revitalizante de poder nunca visto e muita pimenta da Índia, provavelmente trazida do Oriente pelos espanhóis. É impossível saber o que mais a Guiana tem a nos oferecer, a não ser voltando lá o quanto antes, com homens e recursos suficientes para controle do território. Nesta primeira incursão, fizemos tudo que esteve ao nosso alcance neste sentido, mas não tínhamos nem tempo, nem forças, nem armas para insistir no que se sabia inviável.

O certo é que, uma vez adaptados às exigências do clima, não teríamos maiores dificuldades para recriar nossos hábitos naquela terra. O solo é dos mais férteis, cheio de recursos para o cultivo de açúcar, gengibre e qualquer produto agrícola de clima quente. Outra vantagem considerável é a proximidade do continente europeu. Sem contratempos na travessia do Mar do Norte, um bom piloto traz um navio da Inglaterra em seis semanas. Com vento consistente, a volta se dá no mesmo ritmo. Às vezes, chega-se até antes do esperado.

A conquista da Guiana permite a ampliação do nosso patrimônio territorial sem fazer novos inimigos entre outros principados cristãos. Ali, não enfrentamos presença marcante ou atuante de outras nações européias. As únicas exceções foram as tentativas de invasão dos espanhóis, mas estes há muito já são os nossos maiores inimigos e também não representam grande perigo.

Apesar de todo o ouro, de todos os soldados e suas armadas, o rei da Espanha nunca conseguiu estabelecer seus domínios sobre a Guiana. Tirando o entreposto de Emeria, os espa-

nhóis não habitam a costa, não controlam os rios, não dispõem de fortes para proteger passagens estratégicas, nem de soldados suficientes para perseguir ou combater invasores. Também não encontram índios que lhes ajudem. Em momento algum vimos índios mancomunados de bom grado com os espanhóis, como acontece no canal das Bahamas e outros territórios.

É importante não esquecer que a Guiana não dá acesso a barcos durante o inverno. Na estação das chuvas, os rios transbordam, tornando-se bruscos e traiçoeiros. O clima também é um fator determinante no sucesso de qualquer viagem à região. É preciso muito cuidado com as doenças contraídas nas calmarias e acidentes provocados pelos temporais repentinos, que infernizam o corredor das Bermudas. Só no ano da nossa viagem, dezessete navios espanhóis se perderam nas Bahamas. Nas Bermudas, o grande galeão Philipe estava indo a pique, quando foi rebocado com muito esforço até San Juan de Puerto Rico.

Todos estes perigos são maiores no inverno. Nas outras estações do ano, não há por que temer a passagem das Índias para o mar da Guiana. Saindo da Inglaterra, o ideal é partir em julho, já que o verão nos trópicos vai de outubro a fevereiro ou março. Estes mesmos navios devem voltar em abril, quase na nossa primavera, chegando em casa antes do verão.

Cumprindo este calendário, os homens sofrem menos com a mudança de temperatura, pois a companhia jamais se expõe ao rigor do inverno europeu. As mais beneficiadas seriam as tripulações que ficam meses retidas em alto-mar por calmarias, como aconteceu conosco em outras ocasiões. Depois dos espanhóis, o maior inimigo é o inverno.

Ficamos expostos aos primeiros dias da estação, que chegou mais cedo, com temporais repentinos e incontrolláveis, por pouco

não levando nossa expedição a um fim trágico. O mar ficou brusco e os ventos se levantaram em redemoinhos endemoniados. Sobre as inconveniências da estação das chuvas nas Índias Ocidentais, basta acompanhar os últimos dias da nossa expedição.

Antes de finalizar meu discurso, reafirmo que a Guiana é uma terra para se agregar como uma rara possessão e não um enclave para um assalto oportunista. É um lugar para conquista, não um porto que se saqueia às pressas. A pujança da região não se reflete apenas no brilho do ouro, mas em todos os dotes da natureza.

Saindo dos alagados à beira-rio, o caminho de Eldorado se torna uma terra fértil que nunca inunda nem resseca. É solo virgem e verde, com grama nunca marcada por botas de cristão algum. É terra em seu estado puro, conforme Deus fez o mundo. Nunca foi queimada pelo sal da guerra ou a areia dos desertos, nem foi alterada pelo estrume com que adubamos nossas plantações.

Os nativos da Guiana nos são muito mais úteis vivos e livres do que mortos ou presos. Se permanecermos seus amigos, eles terminarão nos mostrando o caminho de Eldorado. Para isso, rogo, em nome de todas as tribos, que respeitemos os seus mortos. Eles dormem enterrados sobre fortunas enormes, que bem podem ficar à nossa espera, já que há tanto ouro à nossa volta. Ao demonstrar que ouro não era tudo, dei o passo essencial no resguardo destas riquezas para nós. Não violando suas tumbas, nem suas mulheres, conquistei o coração dos caciques, que aceitaram de bom grado a proteção da Inglaterra contra intromissões espanholas.

Ressalto que não é preciso roubar os nativos para obter ouro fácil na Guiana. As tribos das vizinhanças de Eldorado satisfazem as suas necessidades recolhendo o que encontram embaixo das pedras ou no leito dos rios. Não se dão nem ao trabalho de partir aquelas montanhas reluzentes para ver o que têm dentro. Não per-

dem tempo nem com as gigantescas pedras douradas que encontramos por todos os lados.

Ninguém sabe estimar com segurança quanto do ouro da Guiana já foi fundido em placas, estátuas, correntes e medalhões com imagens de gentes e bichos espalhadas pelos templos e casas dos nobres das cidades imperiais. Só a construção de Eldorado, com seus prédios laminados, teria consumido toneladas deste valioso metal.

Os cem homens que subiram o Orinoco comigo e viram a Guiana com seus próprios olhos concordam que a terra é fonte inesgotável de ouro virgem, em terra virgem, à espera da posse pela nossa rainha virgem, Elizabeth. O caminho de Eldorado cruza campos abertos nunca pisoteados por exércitos.

A Guiana ainda oferece grande vantagem estratégica para quem tiver que defendê-la contra qualquer invasor. Basta a construção de dois fortes, um à beira-mar e outro nas margens do Orinoco. O ponto exato de cada um deles está demarcado no nosso mapa. Os lugares escolhidos são especiais porque ali, todos os dias, as águas sobem, cobrindo as margens do rio durante a noite. Até baixarem, não há piloto capaz de encontrar a parte navegável do canal. Os que desafiam a natureza são arrastados para os lados e terminam encalhando ou com o barco aos pedaços.

Uma guarnição ficaria bem no início deste trecho, a outra bem no fim. Ambas devem ser construídas à distância de um tiro de mosquetão da praia. Estes dois quartéis, com suas cidades e batalhões, seriam suficientes para proteger a principal entrada para a Guiana. Também defenderiam e manteriam a paz entre as dezenas de nações ribeirinhas, treinando os nativos para defenderem suas terras contra invasões estrangeiras pelos afluentes do Orinoco. Isso protegeria o caminho de Eldorado desde Trinidad até Quito, no Peru.

Há uma grande diferença, porém, entre a demonstração de força necessária para conquistar a Guiana e a presença militar capaz de, posteriormente, proteger o território. A operação de conquista e posse certamente exigirá um grande exército. A proteção do território, no entanto, dependerá de um contingente muito reduzido.

Ao contrário das outras possessões das Índias Ocidentais, que são ilhas isoladas, a Guiana tem uma única entrada pelo mar, que é a bacia do Orinoco. Este também é o único rio que aceita navios de guerra, ainda que pequenos, por quase mil milhas. Os outros só permitem navegação em canoas e botes. Assim, a entrada e saída do país pode ser controlada facilmente nos pontos indicados.

Por grande parte do dia, o rio não dá passagem a navios de porte. Desta maneira, quem quiser atacar nossas barreiras nestas horas, terá de vir em pequenos botes e barcas. Ao passarem à nossa frente no Orinoco, porém, tornam-se um alvo fácil dos nossos canhões na torre do forte. Também não precisamos nos preocupar com as tentativas de invasão por terra. Só alguns poucos índios conhecem as trilhas da floresta. Não há europeu que se arisque duzentas milhas naquele mato cerrado.

No outro extremo, a Guiana tem por fronteira a geografia mais intransponível do mundo. Uma cordilheira de montanhas enormes, cobertas de árvores altíssimas, cria uma proteção natural para o império inca. Mesmo encontrando uma entrada por terra, exército algum conseguirá manter uma linha de abastecimento para tropas embrenhadas na selva. Isto está bem demonstrado pelo dramático fracasso das tentativas por esta rota.

Desde a conquista do Peru, os espanhóis tentam invadir a Guiana de cinco em cinco anos. Até hoje, foram 23 entradas sem sucesso ou maiores progressos. Não se sabe de mercador, nobre



Flora e fauna da Guiana



Maravilhas da selva deleitosa

aventureiro, general conquistador ou padre missioneiro que tenha percorrido o caminho de Eldorado e voltado com vida.

O primeiro a se arriscar foi Orellana. Desceu o Amazonas, não encontrou a passagem para a Guiana e morreu na selva. Logo atrás, veio Ordás, que morreu nas mãos de Aguirre. Este queria chegar antes de todos para se adonar do império, mas não foi a lugar nenhum. Morreu enlouquecido pela febre da ganância.

Depois foi a vez de Dom Antônio de Berrio. Fracassou como seus predecessores. Preparava-se para mais uma tentativa, quando o destronamos do governo de Trinidad. Berrio me garantiu ter descoberto uma passagem para a mina de Manoa, jurando que não a revelaria, nem sob tortura. Duvido que tenha dito a verdade. Posso estar errado, mas não acredito que ele ou qualquer um dos seus homens saiba muito mais do que eu sobre o caminho de Eldorado.

Quero deixar bem claro para a rainha e seus conselheiros que a Guiana se torna uma fortaleza de fácil defesa por natureza, uma vez conquistada por exército preparado para impor uma nova ordem. Dificilmente, outros príncipes cristãos conseguirão expulsar o primeiro que se instalar ali. Para assumir o controle do território, porém, era indispensável que antes se fizesse uma descoberta perfeita como a nossa, com a localização exata das nações, tribos, regiões, províncias, rios, cidades, minas e mares.

É por dispormos destes conhecimentos, que temos condições de indicar com precisão o melhor ponto para erguer nossas fortalezas. Como já expliquei, bastam dois fortes para controlar o Orinoco. Estes fortes, no entanto, devem ter construção especial. As margens dos rios da Guiana exigem engenharia caprichosa, feita para proteger os prédios e as coisas da imprevisibilidade das inundações.

Nosso primeiro porto no dito império também deve ser dotado de ancoradouro e estaleiro para conserto de navios no seco.

Entre seus moradores, a coroa garantiria uma quota de carpinteiros estudados nas artes de cortar barcos com as dimensões certas de modelos, mobílias e quilhas aceitas por aquelas águas.

Uma vez estabelecidos os assentamentos básicos, com suas construções e plantações, a manutenção da segurança da Guiana dependerá apenas de uma flotilha da Marinha Real, com não mais de três ou quatro navios grandes para assegurar o livre traslado de riquezas até a Inglaterra, mais lanchões tipo fragatas, galeotas de pequeno porte, uma dúzia de escaleres, barcas de remo e vela, mais botes e canoas. Além disso, armas e homens, instrumentos de mineração, peças de reposição e um bom arsenal de artilharia longa com farta munição. Ou seja, nada que exija investimentos astronômicos.

O sustento das nossas tropas e suas famílias será garantido pela extração de ouro e o cultivo local de comestíveis. Minha previsão inicial é que a região nos proverá com o equivalente a mil vezes o custo de soldo e subsistência dos soldados. A alimentação dos nossos se dará sem ônus para a coroa, sendo fornecida pelos índios das tribos que combatem os espanhóis ao nosso lado.

Volto a destacar as qualidades protetoras da geografia da Guiana. A costa é tão inóspita, que homem nenhum consegue desembarcar a menos de trezentas milhas de distância da entrada mais próxima. Isto é ainda mais notável pelo país se encontrar ao lado das Índias Ocidentais, uma terra de tantas praias, portos, angras, aguadouros, ancoradouros, baías, ilhas, enseadas, covas e alcovas de fácil acesso.

A Guiana, mesmo nos rochedos à beira-mar, é muito habitada. Seus povos estão acostumados a percorrer grandes distâncias, deslocando-se de um lugar para outro, a pé ou de canoa. Por isso, estou convencido da existência de uma entrada pelo mar que leve

ao caminho de Eldorado. Seria uma passagem escondida entre as pedras, guardada como segredo pelos nativos. Nem eu, nem ninguém na minha companhia, conseguiu descobrir a sua localização, por mais que inquiríssemos, sugeríssemos, subornássemos e pressionássemos os selvagens nossos amigos.

Além dos quartéis com boa fortificação, temos que construir uma cidade-porto bem resguardada na boca do Orinoco, criando um entreposto seguro para mercadores. Este porto servirá de grande atração e incentivo ao comércio. Também será a nossa sentinela e primeira barreira contra qualquer agressor. A segunda barreira será o próprio rio, um pouco mais acima, onde transborda todos os dias, corroendo as barrancas e encalhando qualquer barco.

Construiremos uma guarita sobre paliçadas em cada margem, mantendo uma flotilha de canoas com homens armados de prontidão pelo rio. Com o devido recuo para além dos alagados de inverno, mas sem perder a imponência necessária para se destacar ao longe na paisagem, um casario abrigará o nosso quartel-general, alojando tropas de elite, oficiais e comandantes. Os soldados ficarão num forte mais afastado ou nos dormitórios das guaritas.

Ainda criaremos cerca de vinte postos avançados na floresta, protegendo as principais províncias da Guiana. Estas guarnições devem dispor de seus próprios meios de transporte e abastecimento. Demarcaremos um corredor de acesso, só conhecido pelo oficialato e seus mensageiros. Esta rota ligará os postos entre si, recortando o emaranhado de rios do delta do Orinoco e servindo de linha de abastecimento auxiliar. Também abriremos uma estrada pelo mato, criando uma via de circulação para os soldados que forem encarregados de patrulhar as fronteiras.

Estas medidas são decisivas para garantir a nossa vantagem sobre outras nações européias interessadas na região, como Fran-



ça, Holanda, Portugal e Espanha. As Índias Ocidentais são repletas de cidades e portos situados em ilhas, baías, enseadas, beiras de rio e golfos isolados. Estes mercados já compram e vendem muita coisa trazida da Europa.

Controlados por governadores espanhóis, os armazéns destes portos são fornecedores exclusivos das “haciendas”, “audiências” e assentamentos criados sob tutela militar pelo rei da Espanha. A maioria dos seus mercadores tem fornecedores exclusivos na Europa e não se interessa pelo comércio com outros portos.

Agindo assim, os espanhóis não criaram um sistema recíproco de troca e suprimento. Seus portos competem entre si pelos clientes que vêm de longe. Grande parte do abastecimento de outros povos e aldeias da região fica nas mãos de traficantes, que trazem escravos da África para trabalhar nas plantações. Nossos portos na Guiana também abririam as portas deste tráfico para mercadores ingleses.

Este regime de isolamento dos portos, por outro lado, reduz muito a capacidade de defesa dos espanhóis. Numa emergência, como um ataque por armada estrangeira, rara é a cidade em condições de socorrer ou de ser socorrida por aliados de outros povoados. A maioria só toma conhecimento de desgraça ocorrida em praça alheia quando é tarde demais para fazer qualquer coisa. A única forma de segurança dos moradores destes portos é construir suas casas longe do cais, em lugares de difícil acesso, seja por terra ou por mar.

Assim, a presença espanhola nas Índias se dispersa em pequenos lotes muito vulneráveis, conforme constatamos no assalto a Trinidad. No arquipélago do Caribe, para ir de um porto a outro, mesmo na mesma ilha, é preciso cruzar desertos, alagados, montanhas e rios indomáveis. Pela costa, é preciso viajar léguas e léguas contornando muitas ilhas de canoa.

Por mar aberto, o acesso é dificultado por fortes ventos e correntes. Se uma cidade a leste é atacada de surpresa, passa muito tempo antes de uma cidade a oeste tomar conhecimento. O mar das Índias ainda se encrespa durante meses e até hoje não constuíram navio que se agüente por muito tempo naquelas águas.

Os povoados espanhóis estão espalhados por todos os lados. No alto de montanhas, na beira do mar, incrustados em vales e cantos mais protegidos da terra. Um general levaria meses tentando recrutar um pelotão de voluntários por aquelas vilas e fazendas. Este é o grande ponto fraco do nosso maior concorrente na Guiana. Embora conte com grande regimento, seus contingentes se fragmentam por portos distantes uns dos outros. Pouco adianta ter grande número de soldados, se eles estiverem afastados, sem condições de se unirem contra uma agressão estrangeira.

A grande armada espanhola na região abriga-se do mau tempo no porto de Nueva Hispania, a muitas léguas de todos os portos. Nos outros lugares, suas defesas mais sólidas são as escarpadas das montanhas, espinheiros, paus, bichos e insetos das florestas que cercam as praias e enclaves escolhidos para a construção de suas "haciendas". (Erguem cidades com casas de pedra para as famílias cristãs e cabanas de palha para os escravos.)

Nos portos, o que mais protege os soldados contra um ataque inimigo não são as suas armaduras. São forçados a tirá-las para não "fritar" no sol. Sua melhor defesa é a viscosidade do ar, que impossibilita qualquer esforço físico durante boa parte do dia. Mesmo o mais ágil dos agressores se moveria lentamente.

Os comerciantes espanhóis, ao contrário dos soldados, não se preocupam em impedir ou perseguir mercadores e traficantes de outras nações. Muitos ignoram as proibições do governo de Sevilha e vão em busca de negócios com navios portugueses, holandeses e



franceses. Estes forasteiros, além de suprirem os portos de negros da África e coisas da Europa, não representavam maior ameaça. Vêm ali só de passagem. Permanecem ancorados o mínimo necessário para concluírem suas transações.

Outros chegam na região fugindo de mau tempo prolongado. Estes compram mantimentos, vendem bijuterias ou trocam ouro por perfumarias. Neste aspecto, a autoconfiança dos espanhóis pode ser bem medida na nossa viagem. Por todo lugar onde passamos, não encontramos um navio mercantil que viajasse com grande escolta de proteção. Isso estaria mudando devido ao tráfego crescente de navios ingleses naquela rota.

Até o presente, nenhum europeu, nem nós, veio com aparato e gente suficientes para se estabelecer por muito tempo na Guiana. Com exceção da nossa passagem, todos os demais cristãos que saíram à procura do caminho de Eldorado foram forçados a recuar pelos nativos. Nós circulamos por zonas de nações em guerra, sem qualquer atrito ou conflito.

Nunca é demais ressaltar: ali, ninguém sobrevive sem a amizade dos índios. Os espanhóis não têm amigos entre as tribos, apenas contam com os serviços, voluntários ou não, de alguns selvagens domesticados, que vivem confinados nas cidades.

Não podemos esquecer que a Inglaterra desperdiçou a sua primeira grande oportunidade para liderar a conquista das Índias Ocidentais. O avô de Sua Majestade, o rei Henrique VIII, recusou uma carta-patente para viagem de descoberta, solicitada por um tal Bartolomeu Columbo, em nome de seu irmão Cristóvão.

No entender do antigo soberano, ele não podia confiar tanta responsabilidade nas mãos de navegante estrangeiro tão atrevido como aquele. Para o rei, por não ser inglês de berço, Columbo estaria sempre pronto a nos trair por amor ou dinheiro.

Na época, também não faltaram conselhos de nobres e sábios equivocados. Muitos duvidavam que a terra fosse arredondada e coberta de mares navegáveis. Consideravam impossível a existência de tantos continentes diferentes, com terras fartas de riqueza abundante, como o Império da Guiana, aqui revelado à Sua Majestade e ao mundo por este seu humilde servidor.

Depois de receber incontáveis favores pessoais de Sua Alteza, seria um abuso maldoso da minha parte apresentar uma fábula esdrúxula ou ficar imaginando coisas para esconder os fatos. A Guiana é bem como aparece descrita nesta viagem: um país selvagem, descoberto por nós e para nós. Chegamos no coração da terra, demarcando o caminho de Eldorado antes de todos, inclusive os espanhóis, que não mediram esforços neste sentido.

Mais do que a terra, conquistamos a confiança e a lealdade dos nativos que dominam os seus meandros. Sem eles, nunca conseguiremos usufruir as suas riquezas. Este foi o maior incentivo para meu rigor no bom tratamento dos índios. Meus homens também se mantiveram dentro dos limites da comissão oficial da companhia. A civilidade inglesa foi a nossa grande arma. Vencemos pela razão, pela negociação e acerto entre as partes, quase sem precisar recorrer a métodos mais persuasivos.

Foi a ferro e fogo, porém, que lidamos com Antônio de Berrio. O espanhol que mais gastou e mais se empenhou para invadir a Guiana foi posto fora de combate, permanecendo mais de um mês preso nos nossos barcos. Lavamos a honra de todos aqueles a quem traiu, queimando uma cidade na sua frente. Fizemos tudo isso no centro de Trinidad, onde o general era considerado invencível.

Feita a descoberta, a consolidação da conquista passa a depender exclusivamente de uma decisão final de Sua Majestade. A

rainha e seus conselheiros saberão definir o momento mais oportuno para lançar a nossa grande investida sobre a Guiana. Na minha modesta opinião, entretanto, os preparativos deveriam começar imediatamente para aproveitar o momento propício.

Como há paz na Europa, a coroa da Inglaterra pode retirar das ruas e tavernas os soldados e marinheiros dispensados do serviço militar, empregando-os nesta empreitada ultramarina. O oficialato oferecerá seus serviços até de graça. A conquista da Guiana gera tamanha expectativa de lucro entre mestres e capitães, que muitos aceitarão o convite para conduzir os navios, mas rejeitarão qualquer adiantamento em dinheiro, preferindo uma participação no ouro do espólio.

Os custos desta conquista também são irrisórios em comparação com a garantia dos ganhos. Além do empréstimo de um esquadrão de assalto da Marinha Real, a campanha exigiria apenas o financiamento do soldo da tripulação, dos mantimentos, materiais e equipamentos para a construção dos fortes, portos e postos avançados. Uma vez erguidas as defesas essenciais nas margens do rio, teremos que manter uma presença ostensiva durante dois ou três anos, ancorando uma flotilha de *men-of-war* na boca do Orinoco.

Bem comandado, um aparelho militar dessa dimensão será mais do que suficiente para inibir aventureiros e estrangeiros mais afoitos. No final do segundo ano, não tenho dúvida, haverá uma grande Companhia de Contratação de Negócios da Guiana, com sede na *city* de Londres. A empresa registrará receita tão assombrosa quanto a arrecadada pela Companhia das Índias Ocidentais, em Sevilha, na Espanha.

No território da Guiana, não será preciso manter muito mais do que um batalhão de infantaria, subdividido em pelotões menores, que ficarão protegendo as vias de acesso em pontos-chave.

Tenho certeza que bastará um exército de soldados profissionais bem equipados e um guia honesto para acharmos sem tropeços o caminho de Eldorado e a mina de Manoa.

Só nos serviremos da força, caso o imperador inca não perceba as nossas boas intenções à primeira vista. A nossa superioridade militar, porém, é que terminará convencendo-o a negociar uma forma de convívio. Ele será deixado em paz enquanto nos der acesso ao que nos interesse. É fundamental os nativos entenderem que nossa iniciativa não visa invadir seus domínios. Muito pelo contrário, queremos defendê-lo contra invasores cristãos menos permissivos, como os católicos.

Os índios devem perceber que viemos prestar um serviço de interesse mútuo, em troca de uma compensação. Comporemos um valor correspondente ao custo de proteção da Guiana, estabelecendo um montante de centenas de milhares de libras esterlinas por ano. O pagamento pode ser feito em três ou quatro prestações. Esta tarifa, a ser recolhida pela coroa, cobrirá com vasta folga os gastos da Casa de Contratação, tanto na Guiana, como na Inglaterra.

O imperador inca ainda responderá pelo soldo, alojamento e alimentação de três ou quatro mil soldados, que atuarão como sua guarda pessoal. Este contingente estará sempre de prontidão, protegendo o caminho de Eldorado contra qualquer ameaça, seja por europeus ou outras tribos.

O grande Guesa de Manoa tem que ver seu máximo interesse num acerto deste tipo. Basta comparar os termos da nossa proposta pacífica com o tratamento dispensado pelos espanhóis a seus ancestrais incas, quando estes resistiram à sua presença no Peru. Por não disporem de grandes exércitos, os seus tio-avós Huascar e Atibalpa, os filhos de Guanacapa, foram mortos a sangue-frio com requintes de



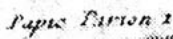
crueldade. Desde então, os incas do Peru nunca mais foram senhores das suas terras. Hoje, o mesmo perigo paira sobre a cabeça do imperador da Guiana, “El Dorado”.

Considerando todos esses riscos, os guianos verão que não instituimos um tributo assim tão alto. Trata-se, de fato, de preço baixo por um serviço inestimável, permanente e ininterrupto. Modernizaremos o sistema de defesa da região, capacitando os índios no manuseio de novas armas, substituindo porretes, arcos e flechas milenares pelos instrumentos de guerra mais avançados da Europa. Sem este poder de fogo, a Guiana continuará uma presa fácil de qualquer tirano bem armado.

Berrio confessou, a mim e a outros, algo que professo ser a pura expressão da verdade. Durante a invasão do Peru, os padres catequistas ouviram muitas confissões de profecias e lendas dos nativos. Entre estas, encontra-se a história de um povo estranho, que viria do norte, saindo bem de onde se situa a Inglaterra. Este povo era diferente dos outros homens brancos, revelando-se um irmão distante, que vinha vingar o sangue índio derramado pelos espanhóis.

Estes forasteiros não vinham roubar mulheres ou desenterrar os mortos. Vinham a passeio, fazer amigos na sua luta contra a servidão religiosa e trabalhos forçados, impostos aos mais fracos pelos mais fortes. Aos olhos de muitos caciques e pajés da Guiana, nossa expedição realizou a profecia com perfeição, começando por prender o maior tirano da região, o governador de Trinidad, em seu próprio território e sem derramamento de sangue.

Os espanhóis no Caribe não parecem preparados para o combate. Não foi preciso mais do que um punhado de homens para colocar a primeira guarnição e a guarda pessoal de Antônio de Berrio em debandada. Sob esta perspectiva, nosso interesse em chegar a um acordo



L. H. H. H.
L. H. H. H.



Animais da Guiana



de proteção entre a Inglaterra e o Império da Guiana incorpora um elemento místico. Para os índios, a nossa chegada é uma intervenção divina, o cumprimento de uma profecia ancestral inca.

Acertado o armistício com o imperador, é recomendável estabelecer acordos semelhantes com os povos das redondezas que não reconheçam a autoridade de “El Dorado”, mas já tenham sentido o que lhes espera sob domínio espanhol. Por este acerto, ficará estabelecido que os representantes e coletores de impostos de Sua Majestade só em último caso recorrerão à força no trato com os contribuintes. Será preciso autorização superior antes de invadir cidades e portos para confisco de bens de tribos que se recusem a pagar imposto equivalente a um quinto da sua receita em ouro.

O príncipe europeu que assumir o controle da Guiana terá tanto ouro nos seus cofres que se tornará o monarca mais temido e poderoso do mundo cristão. Quem chegar primeiro manda nos que tentarem vir quando for tarde demais. Para nós, para os índios e para a paz na Europa, é mil vezes preferível que a região viva sob a gentil tutela da rainha da Inglaterra do que a serviço do rei da Espanha, França ou Holanda. Antes de agir, marcando a data certa da nossa volta, Sua Majestade pode confirmar o interesse estrangeiro pela Guiana, através de seus espiões e enviados especiais a outras cortes.

Eu poderia argumentar ao infinito, até convencer os mais céticos. Por enquanto, porém, para mim é o bastante que aceitem meu discurso como um relato verídico de fatos e feitos, não o produto da fantasia de um poeta. Por mais que pareçam exóticas e inverossímeis, as imagens aqui reunidas são testemunho honesto de coisas vistas, vividas ou aprendidas.

Sei das cenas e cenários que só não soam absurdos quando vistos de perto. Estou pensando na região de fronteira sul da Gui-



ana, nos domínios das mulheres guerreiras, as amazonas. Ao ouvirem falar na eterna juventude e virgindade da rainha Elizabeth, dificilmente elas deixarão de se alinharem ao lado de Sua Majestade, ajudando as nossas tropas ao longo do caminho de Eldorado.

Seria inútil e provocador continuar insistindo no que sinto e penso sobre o assunto. Deus é avalista de que não minto. Creio Nele como na verdade do que digo. Para mim, isto é mais do que suficiente. Só Ele tem poderes para soprar uma vontade nova no coração da rainha, despertando-lhe o desejo de ampliar seu manto de poder, pela agregação de terras de além-mar a seus domínios. É pela força e determinação de quem descobre o desconhecido, é pela coragem de quem se arrisca em uma viagem de conquista como a nossa aqui proposta, que a Humanidade julgará quem é digno de ser seu líder.

NOTA SOBRE AS LUSTRAÇÕES

As ilustrações selecionadas reúnem imagens da “conquista” da América do Sul pelos europeus, conforme a imaginação de artistas da Era dos Descobrimentos. A principal fonte iconográfica do período é a série *Grands voyages*, de 13 volumes (oito dos quais dedicados à América), publicada entre 1590 e 1634, em Frankfurt, na Alemanha. Estes livros reproduzem, em várias línguas, narrativas de grandes navegações, fartamente ilustradas com gravuras originais, criadas ou copiadas, pelo editor e gravurista Téodor de Bry (1528-1598).

A alta qualidade (para a época) das imagens de Téodor de Bry deve-se ao fato de ter aperfeiçoado uma nova técnica para reprodução de gravura em madeira, na ainda limitada impressora desenvolvida por Johannes Gutenberg no século anterior. Apesar de fazerem sucesso na época, poucas cópias das *Grands voyages* resistiram ao tempo. Entre as edições melhor preservadas ou reconstituídas, está a cópia disponível da divisão de “Livros Raros” da British Library de Londres, na Inglaterra. Exemplares das oito partes conhecidas como “America” de Téodor de Bry encontram-se na Library of Congress (Washington, D. C.) e Bancroft Library, da Universidade da Califórnia (Berkeley), nos Estados Unidos.



Poeta, historiador, soldado, pirata, explorador, parlamentar, cortesão, agricultor, preso político, herói nacional e inimigo público, o autor deste relato é uma das figuras mais controvertidas da Renascença inglesa no reinado de Elizabeth I. Embrenhado na selva amazônica durante um mês, apenas com barcas e botes a remo, chegou a um lugar remoto cujas riquezas não satisfaziam a avidez da corte. Para a rainha a aventura inóspita do pirata e aventureiro Walter Raleigh não passava de uma jogada autopromocional. Para o público leitor, foram necessárias duas edições no mesmo ano e – absolutamente assombroso naqueles tempos – um milhão de cópias.

artes
e Ofícios

ISBN 85-7421-075-7



9 788574 210759